ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE MOSSORÓ
COORDENADORIA DE ESTUDOS DE PROBLEMAS BRASILEIROS

À SOMBRA DOS TAMARINDOS

PATROCÍNIO DO
BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S. A.

RAIMUNDO NONATO
Do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
e da Academia Norte-Rio Grandense de Letras

COLEÇÃO MOSSOROENSE — C —
Vol. LXXXIII
ANO XXX DA BATALHA DA CULTURA
1978

SUMÁRIO

FICHA DO LEITOR

Oswaldo Lamartine

A U T O R — Raimundo Nonato da Silva cortou o imbigo em 18/ago./1907, na fresca da chã da Serra do Martins, RN. Desmamado, já taludo, ouviu a sentença "... na terra que tem bom nome, quem não trabalha não come". Daí, cambitou cana para engenho de rapadura e lenha para casa de farinha, na jornada que principiava com a madrugadinha (4 hs) e se espichava até o sol se por (18 hs). Ganho, seis-tostões-dia ($600 rs) e dois cruzados ($800 rs), na safra grande. Na seca de 19, desceu no rumo das pancadas do mar. Esbarrou em Mossoró. Cidadona de casa caiada e igrejas de duas torres, onde corria dinheiro. Aí, foi engraxate, lavador de louça no Restaurante de 12 Anos, vendedor de pão e ajudante de bodega no mercado público. Encabelando, já pairando os 14 anos e ainda heróica e gloriosamente analfabeto, *atestou mestre CASCUDO. Desasnado na Escola Noturna DR. PAULO DE ALBUQUERQUE, entrou prá Escola Normal, donde saiu professor em 1925. Daí, ensinou em bem uma dúzia de escolas, do alto sertão às beiras do mar. Em 1955, recebia o canudo de Bacharel em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito de Alagoas. Em 1957, Juiz de Direito da Comarca de Apody, RN. Escreveu e escreve na imprensa da província e, de 1951 para cá, publicou prá mais de 40 livros. Romances, crônicas, memórias, etnografia, história e estórias. Casou e criou filhos. Dos pés-de-pau que plantou — não dou notícia —, senão de uma Palmeira Imperial plantada á margem direita do Rio Mossoró. E quem mais dele quiser saber, leia na Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, ano XXV, n.º 13, Natal, 1977.*

T Í T U L O — À SOMBRA DOS TAMARINDOS — meia centena de estudos biográficos de viventes daqueles chãos na tinta

indelével de leite de pinhão-brabo. Agricultores, comerciantes, industriais de nascentes industrias, relojoeiros, motoristas de caminhão, coveiro, mulher-de-ponta-de-rua, agiotas — vidas que deram o barro-traçado para feição da cidade —. E também o número de seus fogos, da feiura ou beleza de suas casas, becos, ruas e das árvores que as sombreavam.
Mossoró, dizem os mais velhos, cochilava e trabalhava, amava e desamava, vendia e comprava, acamaradava e futricava à sombra dos tamarindos *que tomava quase todas as ruas...*
Afago a soleira com FM de corruchiado de canário-da-terra e açoites de galo de campina. O machado do progresso deles fez lenha e os raros passarinhos sobreviventes, comem alpiste em gaiola.
Daquelas sombras resta a do oitão da Igreja, de uma árvore que dizem ter sido plantada pelo Vigário ANTÔNIO JOAQUIM, há mais de cem anos...

E D I T O R E S — A Coleção Mossoroense parece que principiou pela chispa do artifício golpeado, lá pelos fins das eras de quarenta, com a divulgação mimeografada das Atas Municipais, a partir de 1860. E de lá para cá, assoprada por VINGT'UN ROSADO e parceiros — virou brasa, tição e labareda — com bem uns 450 títulos, abarcando tudo o que diz respeito aos interesses dos chãos, dos bichos, das plantas e dos viventes dali e dos vindiços que por lá fizeram rastros ou menção!...
Pedem, caningam que nem peitica, intimam, açulam e cobram de autores e entidades a dispensa de direitos autorais ou de recursos para as suas tiragens. E vai daí, acertaram com a porta do BANCO DO NORDESTE. E ali, na latomia de mostrar o que fizeram e com a ajuda do BNB, o que se empreitavam a fazer, foram escutados pelo Presidente, professor NILSON HOLANDA. Jaguaribano, sensível aos problemas culturais daqueles sertões — ribeiras apenas apartadas pela Chapada do Apody — teve ele oiças para ouvir, entender e tino para decidir.
Daí, veio a furo mais este livro do velho Raimundo Nonato — madeira que o cupim não roi.

Rua Marquês de Abrantes, — 118/940
Rio de Janeiro — RJ — Flamengo — 10/4/79.

SANTA LUZIA... "seus moradores trabalham nas salinas, e fazem grande comércio de sal, com os distritos da província, e com os das vizinhas".

MILLIET DE SAINT-ADOLPHE — Paris

— 1845 —

DEBAIXO DO TAMARINDO

Augusto dos Anjos

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canceira
De inevorabilíssimos trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,
Guarda, como uma caixa derradeira,
O passado da Flora Brasileira
E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios
Da minha vida, e a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à pátria da homogeneidade,
Abraçada com a própria Eternidade
A minha sombra há de ficar aqui!

SOMANDO AS LUTAS DA VITÓRIA

Raimundo Nunes

O homem normal não se liberta de suas vinculações com o passado. A História narra a sucessão de fatos, que perenizam a dinâmica dos povos. A reminiscência é o registro privativo de ocorrências, acumuladas no computador da memória. Fala-se que povo sem História é um viajante — desmemoriado, sem bagagem. Ao que, costumo acrescentar, no plano individual: O homem sem reminiscência é um corpo sem alma. Um espírito, sem sensibilidade. Um sonâmbulo, desligado, na grande noite do tempo.

O escritor Raimundo Nonato acaba de publicar novo livro, arrancado das entranhas das reminiscências. Em seu reencontro com o passado, revive as asperezas de um chão de pedras, sob os rigores da canícula nordestina, sem saber que haveria outro chão, menos agressivo nos caminhos da vida e sem tampouco sonhar com o "chão de estrelas" da poesia de Orestes Barbosa, no simbolismo do verso magnífico: "Tu pisavas nos astros, distraída". SOMANDO OS DIAS DO TEMPO é mais um depoimento sério, em que o autor registra a marca inconfundível da autenticidade.

Depois de MEMÓRIAS DE UM RETIRANTE, que é imagem sem retoque, de uma faixa etária infanto-adolescente, curtida na dureza da luta, em que o instinto de sobrevivência se sobrepõe ao direito de opção, o novo livro imprime continuidade, a este repositório de força interior, que se desdobra, numa constante de trabalho e se perpetua, numa flama de idealismo.

Em linguagem paulista, a palavra covardia assume sentido diferente, significando execução de uma tarefa, dominada pelo sujeito, com absoluta facilidade. Engajado neste tipo de gíria, confesso que, ao sabor do velho companheirismo, falar de me-

mórias de Raimundo Nonato, é obra de requintada covardia. Em nome deste manancial de elementos, fala uma coexistência amistosa, ininterrupta de 15 anos, quando os fatos ocorreram ou foram relembrados, na modalidade repetitiva do gostoso bate-papo provinciano. Neste circuito de vivência paralela, ele se reporta ao longínquo 1928, quando capitaneara a equipe de futebol de São Miguel, numa jornada transserrana de 10 léguas, até Luiz Gomes, no lombo da cavalhada, conduzindo no bolso da carona, a infalível garrafa de pinga, para refrescar a goela e amenizar a sede no calor das quebradas. A chegada e o quadro de deslumbramento, aos meus olhos de moleque do Riacho de Santana, vendo um homem esbelto, de tez morena, envolto em uma bandeira, enquanto um jovem alegre, impertigado, se revezando entre a flauta e o cavaquinho, comanda a caravana visitante, em atitude marcial, deixando os cavalos, num ponto à entrada da cidade, pitorescamente denominado Cachimbo Eterno. Moças, envergando a farda cáqui de nossa milícia, entoam, em posição de sentido, um hino, ensaiado de última hora, de algum poeta nativo. Dia seguinte, antes do jogo, discurso do talentoso estudante Vicente Lopes, oferecendo um buquê de flores serranas. Agradece, o mesmo homem da flauta, agora metido na indumentária futebolística de seu clube — camisa esporte, calção e chuteiras. Alguém ao lado, formula entusiasmado, a pergunta que seria minha, se criança tivesse direito de fazê-la: — "Quem é este cabra novo, tão espritado prá falar bem?" Responde Dr. José Vieira. — "Este rapaz inteligente é o Raimundo Nonato — professor de São Miguel".

Duas tentativas de jogo se tornaram infrutíferas, sem meio diplomático capaz de conciliar os interesses conflitantes. Contudo, os irrequietos visitantes tomaram de assalto, a festa da padroeira, dominando as barracas — Azul-Encarnado — e monopolizando a ala feminina. Não fugindo à fruição do embalo. Raimundo Nonato se desdobrava, em assédio sentimental, entre a loira de olhos azuis, com deficiência auditiva e a boneca manquitola, bonita, de rosto moreno, com deficiência locomotora. Enquanto uma escutava pouco, para entender suas lorotas a outra caminhava pouco, para fiscalizar suas incursões.

Por falar nas barracas, animadas pela banda de música de Martins e a figura do sanfoneiro Clementino, crioulo genial de pupilas negras, em olhos penetrantes, que Raimundo Nonato ensinara a ler em 25 dias e, se não fora o desaparecimento

prematuro, teria antecipado, no tempo, o fenômeno Luiz Gonzaga, não resisto à tentação de descrever um insignificante episódio. Era costume da época. Em cada barraca havia uma "prisão", para onde o sujeito, conduzido por senhoritas fardadas, pagava certa importância, à título de carceragem. Numa destas, é levado o Augusto, meu parente do Riacho de Santana, matuto atarracado, meio falante e desinibido. Depois da soltura, ainda arrumando o bolso da calça, virado pelo avesso, de cabeça chata, enterrada nos ombros, vai falando aos companheiros, naquele jeitão caipira: — "Rapaz, a mulherada me levou o dinheirinho todo... fiquei liso, como os pratos da música... só teve uma vantagem... a moça comprida, que me carregou pelo braço, tava cheirosa prá danado... ainda mais... com o pescoço cheio de pó, o que me deu uns *par... pi... tes...*" Nascia nova gíria, ainda hoje, atuante no pé-de-serra. Quando alguém se refere a qualquer tipo de motivação sensual, basta falar nos *parpites* do Augusto...

À véspera da partida foi uma noite de pandemônio. A algazarra na república, que os hospedara, se espraia na Praça da Igreja, indo perturbar o sono, até do velho sacristão, Manuel de Brito, convidando os fiéis à última missa da temporada, vez que o padre Fortunato Areia Leão retornaria à sede da Paróquia, em Pau-dos-Ferros. Atordoado e insone, o respeitável coroinha se antecipara, nas badaladas do sino. Aí a situação bagunçou, pois os caravaneiros, supondo tratar-se de uma molecagem funérea, pela despedida, responderam ao som plangente do velho bronze, com a detonação agressiva das armas-de-fogo, quebrando a quietude friorenta da madrugada serrana. Bem certo o conceito de que o homem é o produto do meio, não conseguindo fugir à envolvência de suas implicações sociais, econômicas e políticas. Aquela juventude vivia uma era de conflagração política, na vila de São Miguel. A explosão imotivada, talvez já denunciasse os primeiros sinais do rastilho. Curioso é que a euforia da agressividade contagiara até a personalidade do Educador, cuja mão, habituada somente ao manejo da pena e do toco de giz, na explicação do quadro negro, deve ter sido profanada, engatilhando a arma da vindita inconseqüente.

O estágio de São Miguel fora inestimável investimento, à vivência do mestre-escola. Integrou-se à fisionomia do meio social, ministrando aulas, praticando esporte, movimentando fes-

tejo carnavalesco e, até pousando de charmoso, apontado pelos nativos, como continuador da compleição dominante do médico luizgomense, Antônio Vieira, que o antecedera, nos domínios do vilarejo, pontificando a categoria de sua elegância. Este prelúdio de memórias é o roteiro, na seqüência de lutas, que se avolumam, em dimensão de cruzadas.

O memorialista se condiciona à autenticidade dos fatos. Às vezes se excede, no relevo, dando asas à criatividade. Vezes outras pode omitir-se, pelo óbvio circunstancial ou pela carência de detalhes residuais reconstrutivos. Quando o registro de memórias se realiza em plano autobiográfico, pode ser dosado tranqüilamente na melhor faixa de sensibilidade seletiva do autor. O escritor Raimundo Nonato, na continuação de suas memórias prima por um estilo simples, conciso, resumindo os fatos, mas conservando-lhes as conotações. O contacto de cada capítulo de SOMANDO OS DIAS DO TEMPO sugere respingo de fragmento histórico. Porque o autor, na esteira das reminiscências, não assinala somente o relevo de sua presença individual, mas procura relacioná-la na contemporaneidade do somatório de episódios, ocorrências e acontecimentos, forjados, nas alternativas do tempo, como valiosos subsídios, à informação do processo histórico. Em respaldo deste conceito, invoco as palavras do extraordinário jornalista cabeça-chata, Dorian Jorge Freire:... "O que saberemos, o que virão a saber do nosso século XX em Mossoró, saberemos por obra e graça desse trabalhador inteligente, obstinado, fiel e extremamente lúcido que é Raimundo Nonato da Silva."

No decorrer da leitura agradável, encontramos especialmente, no que tange a Mossoró, um escorço dos aspectos vivos e movimentados, que se situaram nos espaços geopolíticos e sociais, gerando as coordenadas de seu patrimônio histórico. Aborda as características da imprensa da época, sua primeira escola prática da vida, engatinhando, nos caminhos do jornalismo, os passos iniciais da brilhante caminhada, que o levaria, a golpes de perseverança, ao pedestal de escritor definitivo. A maçonaria, a Liga Operária, os educandários e até o cinema, premido por determinação judicial, permitindo a freqüência livre das marafonas, são condicionamentos sociológicos que se projetam no volume de memórias. Por falar em cinema, não resisto a uma menção especial a outra casa de espetáculo, que marcou minha adolescência. Cinema Glória, naquela Rua da Igreja do

Coração de Jesus, com "matinê" a 500 réis e a molecada do ginásio, superlotando a casa domingueira, na torcida violenta pelos artistas de "bang-bang" O teto original do Cinema era provido de placas de zinco, acionadas por cordas, abrindo clareira, à guisa de ventilador artificial, em noite de calor intenso. Às vezes, a placa se desprendia do alto, em ruído estarrecedor, provocando susto, que iria ao pânico dos menos avisados. Mais original ainda era a segunda classe, situada atrás da tela transparente, onde o freguês, gozando vantagem de pagar o ingresso pela metade, tinha que levar um espelho, se desejava ler a legenda, projetada em letras invertidas. Um dos donos do Cinema, a popular figura humana de Cornélio Mendes ficava em meio à garotada, promovendo a fita, que seria exibida. — Hem, seu Cornélio, a fita é boa mesmo? — Ah... meninos... é a melhor do mundo... — Como é o nome da fita? — Isto aí eu não lembro... — E o enredo da fita? — Também não sei contar, prá vocês... — E os artistas que trabalham, seu Cornélio? — Vocês me deixam embatucado... vou lá decorar nome de gringo... — Então, como o senhor sabe que a fita é tão boa? — Ah, isto eu sei... é boa mesmo... porque tem tabefe... prá danado...

Quebro a disciplina cronológica dos acontecimentos, reportando-me aos primeiros contactos de Raimundo Nonato com Natal. Saída do cais do porto, acompanhando o carregador, servindo de cicerone é quase atropelado pelo bonde, distraído ante a fisionomia urbanística da Capital, com uma beleza de topografia que entra logo pela sensibilidade do visitante. Hotel dos Leões, na Praça Augusto Severo. Contacto com hóspedes de classes e atividades variadas, muitos dos quais se tornariam figuras de projeção, nos diferentes horizontes do cenário potiguar, inclusive, o dono do hotel, para quem o escritor reserva as seguintes expressões: "O proprietário da estalagem, o sertanejo Teodorico Bezerra, era uma figura talhada para vencer na vida. E tinha qualidades para isso, porque trabalho para ele era café pequeno. Tinha tempo e hora certa para os negócios e para as brincadeiras. Acabara de prestar o serviço militar e ainda usava a túnica cáqui, com as marcas deixadas na manga, daquelas três fitas compridas, que lhe tinham confirmado o posto de terceiro sargento. Começou, assim, como hoje se diz, dando murro em faca de ponta. Vou encontrá-lo, depois, muitas vezes: Major Teodorico, político, chefe de partido, dono de

jornal, fazendo escolas, criando instituições, deputado federal, estadual, vice-governador do Estado."

Há cerca de três anos, na fase pré-eleitoral de renovação de mandatos legislativos, acompanhamos noticiário da imprensa falada e escrita, dando conta da vigorosa atuação do Procurador da República, no Rio Grande do Norte, por si, ou submetido a clima de pressões óbvias, impugnando, junto ao Tribunal Regional Eleitoral, o registro de um punhado de candidatos, encontrando-se entre eles, o Teodorico Bezerra, aspirante à candidatura de Deputado Federal. O Tribunal, acatando os argumentos, rejeitou aludidos registros, que subiram, em grau de recurso, ao Superior Eleitoral. Àquela época nos encontrávamos de férias, em Brasília, ouvindo do Procurador Geral da República, atualmente ministro do Supremo, Prof. Xavier de Miranda, comentário, embora sensato, trescalando uma ponta de ironia: — "Puxa, este Procurador do Rio Grande do Norte, quer ser mais realista que o rei... Não é que está exigindo investigação dos meios de enriquecimento, deste candidato, com mais de 70 anos de idade? "Sentimo-nos inteiramente à vontade, no confronto destes fatos, vez que, embora conhecendo o Teodorico, jamais ocorreu entre nós o menor traço de relacionamento, no mutualismo de atenções e tampouco temos outorga para defendê-lo. Caso nosso ilustre amigo, Procurador potiguar, ainda cultive alguma dúvida sobre o assunto, na zelosa missão de defensor das instituições, é só consultar o livro SOMANDO OS DIAS DO TEMPO, mais precisamente, à página 70, encontrando o testemunho do escritor Raimundo Nonato, num depoimento insuspeito, que remonta a quase meio século.

Entre os hóspedes do Hotel, de amarelidão encardida, ainda afirma o autor, "quantos destes moços foram longe"... Basta lembrar Xavier Fernandes, estuante de charme, pintando as canecas, nas ondas do redemoinho feminino. Vivendo, perigosamente, ao sabor de um temperamento expansivo e, até, se antecipando nas façanhas do Fitipaldi, vencendo corrida de carro, mas com uma circunstância de originalidade: Enquanto o opositor corria normalmente, em seu veículo, o Xavier, por incrível, que pareça, venceu disparado, a corrida ,porém dirigindo o carro, em marcha à ré. Também Djalma Marinho, Professor de Direito, parlamentar e jurista, projetando esta última virtude, em rumorosos acontecimentos nacionais, vinculado ao

registro dos fatos ,como o derradeiro lampejo de vitalidade de uma consciência jurídica, encerrando um ciclo histórico.

A primeira viagem a Natal ainda marcaria o escritor futuro, com um episódio hilariante. Chegara à capital certo sujeito disfarçado de peruano e de conferencista. Na hora de ser conduzido ao teatro, o desgramado do homem confessa não ter uma roupa limpa, para pronunciar a conferência. Aí não deu outra coisa. Acertaram direto na roupa de Raimundo Nonato, novinha, em folha, caindo como luva, no corpo do visitante. Também era empréstimo, apenas de poucas horas... E arremata o autor: — "Quando abri a porta, ainda pude escutar o que dizia." O hóspede fugiu, levando a mala, os livros e a roupa que tomara emprestada para ir ao teatro... Os presentes, ao verem-me, não puderam conter o riso: eu estava pelado."

Já na outra viagem a Natal, depois da travessia em bote, Areia-Branca-Macau, com mar tempestuoso, perigo de naufrágio, medo, angústia e pavor, relata o autor de SOMANDO OS DIAS DO TEMPO outra ocorrência, deliciosamente pitoresca. É que, à falta de outro tipo de condução, ligando o percurso Macau—Gaspar Lopes, ponto final da linha férrea, não haveria outra alternativa senão prosseguir viagem em costado de jumentos. Aceita o desafio, juntamente com os companheiros e tem curso a jornada manemolente, na mais expressiva caravana de jericos, de que houve notícia, no circuito litorâneo.

Os fatos geralmente se repetem e, às vezes, mesmo em circunstâncias de tempo e locais diferentes, guardam curioso relevo de conotação. Vários anos antes, Raimundo Nonato viajara à cidade do Açu, com vistas à festa do padroeiro, em companhia de amigos, com suas respectivas famílias. Face às características da época, o percurso, desde Mossoró, seria feito a cavalo. Todos arranjaram suas montarias. O então estudante ,embalado na folia do passeio, não vacilou em arranjar um velho jerico, alugado a um carregador d'água. Dir-se-ia que o jumento fora um quebra-galho intermitente, no roteiro de suas andanças. Meio ao caminho, uma parada à noite, todo mundo esticou as redes, pelas salas e latadas do rancho. Aos primeiros clarões da madrugada, quando os companheiros mais espertos começaram a preparar a partida, qual não foi o impacto de Raimundo Nonato, verificando o desaparecimento de sua calça, que pernoitara pendurada a um gancho da forquilha. Gerou-se um

festival de inquietação, com todo mundo, homens, mulheres e crianças, se movimentando na procura da calça, nos terreiros, capoeiras e até nas entranhas do cerrado. Finalmente, descobriram o paradeiro. Um cachorro vira-lata mergulhara na caatinga conduzindo a calça e deixando o viajante naquele transe de aflição, com a topografia pudenda à mercê de um velho calção, na vigorosa responsabilidade de última peça de retaguarda.

Ainda Natal — Colégio Pedro II, desfilam vários nomes, projetados no cenário provinciano. Sérgio Guedes ,uma das mais vibrantes conceituações médicas, de nossa terra. Onofre Lopes, com invulgar capacidade de realização, passando à história, como edificador de universidades. Honor Marcelino, que conheci como oficial-médico da força pública pernambucana. Hoje é próspero comerciante, em Campina Grande, segundo informações de seu sobrinho Rolando Saldanha — mistura racial de Saldanha com Marcelino, médico ilustre e uma das mais expressivas autoridades, no terreno da patologia renal, em São Paulo. Joaquim das Virgens, figura simplória do homem bom, divorciado dos padrões modernos de agressividade. Exercera a magistratura, de sorriso nos lábios e aquela fisionomia tranqüila, que se reflete na serenidade dos justos.

O circuito de memórias se concentra numa seqüência de acontecimentos, que pontilharam o panorama histórico, numa reduzida faixa de tempo. Visita de Washington Luís ao Rio Grande do Norte, sendo recebido na fronteira com a Paraíba pelo então governador José Augusto, o bispo de Natal e outras autoridades da hierarquia administrativa. Durante sua estada na Capital, ao lado das festividades político-sociais, surgiram acontecimentos paralelos, envolvendo implicações doutrinárias e religiosas, que tumultuaram a harmonia comunitária. O episódio de Manuel Onofre, se incorporando às saudações ao presidente eleito, lendo uma mensagem da maçonaria, o que provocou a retirada intempestiva do bispo. Assim se expressa, o próprio autor involuntário da ocorrência: "... mal se anunciara que a saudação era da Maçonaria, S. Excia. Revdma. o Sr. Bispo, retirou-se rápido, abandonando o lugar que ocupava junto ao presidente Washington Luís... explodira como um tufão aquela quebra de protocolo, verificada no salão nobre do Congresso Legislativo do Rstado..." Pelo visto, o Dr. Manuel Onofre, apesar da fulgurante expressão de talento e talvez, por isto

mesmo, quase sempre, em circunstâncias alheias à sua vontade, fora um espírito marcado pela incidência de episódios desagradáveis, haja visto aquele da Escola Normal, sobre cujos comentários não encontro, desde criança, entre historiadores ou memorialistas uma explicação racional.

Em continuação à fase efervescente da maçonaria, é farto o documentário sobre visitas do professor Luís de Góis, em palestras e conferências de filosofia espírita, procurando explicar "cientificamente os motivos lógicos do sobrenatural'. É o mestre Cascudo quem oferece o depoimento, apontando-o como "a figura mais popular dos meus tempos de estudante de Direito no Recife." "Baixo, grosso, vermelho, possante, voz aguda, seca, desafiante, constituía uma presença no nosso Mundo..." "Sacudiu o Recife, contagiando capitais vizinhas..." Aqui, peço vênia para intercalar meu depoimento de ex-aluno de Luís de Góis. E o professor? Câmara Cascudo traça com sua incomparável força de colorido descritivo o perfil do orador, conferencista, polemista, político impetuoso, arrebatando multidões, no domínio da tribuna popular. Quanto ao professor de Anatomia da Faculdade de Medicina do Recife desejaria firmar o testemunho do aluno, com serenidade, isenção, sem mágoa e sem o hábito de tripudiar sobre a memória de quem se foi. Como mestre, ele fora a negação do comunicador de massas. Diria que sua presença na Cátedra seria o inverso do que tive ensejo de escrever sobre o Cônego Amâncio Ramalho. Enquanto este último tinha o dom de transmitir, a ponto de se aprender o Português sem necessitar estudá-lo, fora de classe, o professor Góis usava uma metodologia tão dispersa e desordenada que produzia efeito contrário. Pessoalmente, tive oportunidade de comparecer à aula, estudando o ponto a ser explicado, por antecipação. Aí, se evidenciava a inversão do somatório pedagógico. Ao invés de um reforço, na assimilação da matéria estudada, sua explanação loquaz e divorciada do texto didático conseguia o paradoxo de fazer sair de classe, tendo desaprendido, o que antes aprendera. Isto, sem penetrar em detalhes da deplorável conduta, forcejando efeito humorístico de palavrões, lorotas, piadas grosseiras e gestos obscenos, sem respeito ao componente feminino de uma classe mista. Na seleção de material para estudo anatômico prático, quase sempre, distribuía às moças peças de órgãos genitais masculinos, o que seria normal, se não fora a persistência do despropósito freudiano. Contra-

riando dispositivos legais, mantinha em sua própria casa um curso particular coagindo moralmente, ao comparecimento, os alunos que tinham condições de pagar, poupando-se do vexame de uma reprovação. Por estas e outras é que a Faculdade de Medicina aplicou-lhe sanções disciplinares, com suspensão até de 2 anos, do exercício da Cátedra.

O tempo é o tridente inexorável ,empenhado em apagar os vestígios de criatividade, que caracterizam a relutância do homem, na face da terra. Esta contingência temporal se expressa bem, no aforisma hipocrático: "A vida é breve, a arte é longa, a ocasião é fugitiva, a experiência é falaz, o julgamento é difícil."

O escritor Raimundo Nonato fez da Guanabara seu canteiro de floração mental. As raízes da sensibilidade permanecem fincadas no solo da geografia sentimental de Mossoró, de onde retira a seiva nutriente do invulgar processo criativo. Ser bom escritor, já é privilégio dos dotados ,mas, este tipo de doação, só persiste, quando atinge um respaldo de sensibilidade. E este já é apanágio do retirante da Literatura nordestina, que tão bem sabe utilizar os dois componentes essenciais de sua capacitação mental: A força germinadora do talento e a plasticidade retentora da memória.

Gilberto Amado, que fora uma das mais expressivas manifestações de inteligência, dos nossos tempos, se sublinha em exagêro, no relato de suas memórias, quase sempre, condicionando a dinâmica dos fatos à evidência de sua participação. Em SOMANDO OS DIAS DO TEMPO, mesmo no registro de acontecimento subordinado à sua participação, Raimundo Nonato sabe preservar a indispensável neutralidade, guardando equidistância entre o fato, sua significação afetiva ou documentária e os elementos envolvidos, ainda que a figura central seja o próprio escritor. Assim, ele reúne ao pendor literário a inelutável vocação de historiador. Para fazer História, impõe-se lampejo de heroísmo. Para escrever História, permanente mobilidade de pesquisa. O historiador não pode ser estático, sob pena de perder-se, no labirinto das mutações. Bem a propósito, o pensamento de Valéry: "Sentimos que uma civilização tem a mesma fragilidade de uma vida." O que se completa, no princípio filosófico do velho Omar Kheyyam: "Bebe vinho e contempla a lua, evocando as civilizações que ela já viu morrer." De cada ciclo de civilização, algo resiste de positivo, se

perpetuando na memória dos povos. Mesmo quando o declínio é uma contingência, os elementos residuais, porventura resultantes do fulcro civilizador, poderão ser reagrupados, em novo circuito reconstrutivo, ou apenas dimensionados para uma avaliação histórica. Esta a conceituação inestimável de quem escreve, valorizando o subsídio dos itinerários e mergulhando nas reentrâncias do passado. Daí, antever-se a utilidade documentária, desta forma de depoimento de Raimundo Nonato, para os pesquisadores do futuro.

Mencionei antes que o hábito da convivência longa, num permanente mutualismo de atenções, participando, discutindo, divergindo, não me permite analisar o trabalho do escritor, sem adicionar assuntos intersticiais, mesmo extrapolando o conteúdo da obra. No início de 1944, recém-formado e tateando o começo da atividade profissional, encontrei o Diretor da Escola de Comércio, professor dos demais educandários, homem de rua, homem de talento, sujeito desabusado, curtido na luta, com uma imposição de respeito, advinda do valor individual. Para sorte minha, numa espécie de reciprocidade afetiva, foi um dos primeiros contactos em Mossoró, no bom estilo da quadratura antiga, ensejando a forma irreversível de estima, à primeira vista. Logo nos dias iniciais, fui encontrá-lo, lecionando no meu velho ginásio Santa Luzia. Fez uma apresentação informal e agressiva, àquela turma de garotos ginasianos, hoje homens encanecidos, como nós outros ,na trepidação do cotidiano. — "Este aqui foi aluno também de nosso ginásio, onde soube aproveitar o tempo... hoje é médico e tem noção de conceito... não é burro... como vocês..." A gargalhada da turma revelava compreensão à espontaneidade do comunicador autêntico.

Somente após 26 anos, Raimundo Nonato resolve o que chama botar o guizo no gato, contando a verdadeira história do motivo de sua saída de Mossoró. Aquele 21 de abril de 1947, com atitude, um tanto inusitada do diretor da Escola Normal, riscando em tinta vermelha o local de sua assinatura ,no livro do ponto. — "Lá uma ou outra pessoa, como o amigo Raimundo Nunes estava inteirado da deliberação e a ele muito lhe devo pelo esforço e pelo estímulo que me deu para que pudesse reiniciar um curso interrompido em 1927." Realmente, lembro como se fosse hoje, quando ele me apareceu no consultório, falando nestes termoms. — "Você tem mania de aconselhar minha transferência, para Natal... Pois acabo de tomar a delibera-

ção... É um motivo chocante, mas só conto, depois..." Aproveito a deixa e abordo o assunto. — Agora você precisa concluir o artigo 91, para dar continuidade aos estudos ,em Natal. Ele me responde, resoluto, não ser viável, à falta de tempo para revisão de certas matérias, fora de sua intimidade. Procuro contra-argumentar, mostrando não haver necessidade de nenhum passe de mágica, concluir um curso de ginásio em uma Escola onde ele exerce, com mérito, o professorado, há tanto tempo. Indivíduo habituado a soluções objetivas e ainda ignorando o verdadeiro móvel da resolução da transferência, vou de peito aberto procurar o diretor da Escola Normal, solicitando apoio do seu incentivo para convencermos Raimundo Nonato a fazer o referido exame. Aqui surge nova história, até este momento, mantida em sigilo e, parafraseando o escritor, vou também botar o guizo no gato. A bem da verdade, a reação negativa, extemporânea, do diretor, me deixou estarrecido... Ainda hoje o próprio candidato desconhece este episódio... Felizmente, homem sensato, o diretor deve ter dialogado com o bom-senso, na intimidade do travesseiro e ele mesmo resolveu comandar a iniciativa, propiciando clima de plena tranqüilidade à obtenção de um certificado do ginásio, por parte do antigo Mestre da Escola Normal, para cujo corpo docente, entrara pela porta, excepcionalmente estreita, da distinção em concurso público.

Retornando ao certificado, preciso ultrapassar os limites cronológicos da obra, envolvendo matéria atinente ao terceiro volume de memórias, que espero, não tarde, para o relato de um acontecimento pitoresco. Chegado a Natal, Raimundo Nonato tratou de providenciar sua matrícula, no curso clássico. Qual não foi a surpresa, com a atitude do velho e atencioso diretor, simplesmente ignorando a validade do certificado, expedido em Mossoró. Verdadeira torrente de argumentos inconvincentes, para o homem, até que surge Antônio Pinto e, com aquele jeitão estabanado, vai interferindo na discussão: — "Celestino, parece que você não está reconhecendo nosso colega Raimundo Nonato? Este cara manja muito mais de legislação de ensino do que o Ministro da Educação..." Aí, a situação se normaliza, com nosso Celé se reconciliando com a razão. No auge da discussão, Raimundo Nonato procura arrimar seus argumentos, invocando o testemunho de José Dantas, atualmente Procurador da República, em Brasília, e que já tinha concluído o 1.º ano Clássico, no Ateneu, servindo de certificado

idêntico, também fornecido pela Escola Normal de Mossoró. Mas no instante exato do depoimento, sumiu o elemento de defesa e Raimundo ficou só... É que o garoto José Dantas, quando viu a coisa engrossar, se escondera estrategicamente, na sala mais escura do velho Ateneu... acreditando na doce ingenuidade que aquela fuga o salvaria de irregularidades, porventura existentes, na expedição do certificado. E continua a escalada de lutas, que o computador do tempo vem traduzindo em vitórias.

São Paulo, agosto de 1973.

Deco Damião - depois Café de "seu" Domingos
Pedro Borges -praieiro - e Manuel Borges
Zé Terano -praieiro -
Joaquim Florêncio-pai de Xico-cabelo-de fogo e Santana Martins
MERCEARIAS
Elisio Felipe.
Flor de Neo
Francisco Alves -pintadinho-
Francisco Alves e João Alves
Joca Mendonça.
AÇOUGUES
AÇOUGUES
Ludgerio
João Mendonça.
Joca Salviano.
Jonas Reginaldo.
Miguel Soares.
MERCEARIAS
Joquinha
Um depósito de material de carga de João Rebouças
Depósito de material de serviço.
Em 1923 era de Miguel Soares. antes Joaquim Soares
CACIMBÃO COM BOMBA
Seu Pedro Leite do outro lado do rio.
Lauro Leite- seu filho- quartos ligados.
Euclides Neu
Joca de Cravo.
MERCEARIAS
Francisco Bento.
João do Compadre.
Chico Alves pai de Cossado
Xico de Ludgério.
Chico Eufrásio. Petro.
AÇOUGUES
AÇOUGUES
Antônio Felipe.
Antônio Silvério.
Bandinha
Luis Aires de Lima- o compadre
José Morais
MERCEARIAS
João Mariano- Virgílio Barbosa em 1923
José Carvalho Do Alto da Conceição em 1923. Foi até o Amazonas
O velho Arcelino Mendes esteve aqui.
Aqui era um mictório. Reformaram Deco Damião veio para o ponto.

N.R. — PLANTA INTERNA DO MERCADO DE MOSSORÓ — Como era no ano de 1919, com mercearias, açougues e seus locatários. Este, um primoroso trabalho do nosso maior historiador, o Prof. Raimundo Nonato que, conquanto radicado na Cidade Maravilhosa, não lhe tem faltado tempo nem se alongam às distâncias para continuar mantendo o contato amigo com a boa terra mossoroense.

E nos manda daquela metrópole a forma jornalística do velho mercado de Mossoró, quando o total de suas dimensões era pouco menor da metade do atual.

Em missiva que o acompanha, diz-nos o prof. Raimundo Nonato: "Tudo está conforme o figurino do tempo registrado no carbono da memória. Para identificar algumas figuras, tive que recorrer a Mossoró: Antonio Falcão e Raimundo de Brito saíram à rua. O "jovem" João Rebouças (95 anos), Jonas Reginaldo e Manuel Lopes contaram a história. Era administrador do Mercado — Abel Duarte. Zelador — Zezinho da velha Aninha Cocorote e descarregador de carne da carroça, Marcelino. Na construção, feita na administração Antonio Filgueira, foram gastos 37 contos e 517 mil réis".

A lembrança feliz daquele nosso conterrâneo tem algo de uma preciosidade histórica do passado de Mossoró, pelo que o felicitamos e agradecemos prazeirosamente, ainda na certeza de que estaremos sempre de colunas abertas à acolhida de outros trabalhos do escritor e historiador amigo que é o professor Raimundo Nonato, um dos poucos de quantos distantes de Mossoró, mais perto está, ligado à vida e aos costumes desta terra. — ("O Mossoroense")

PROFESSOR ABEL COELHO

Educador condecorado pelo mérito da cultura

Imagine-se o esplendor de um lampadário de cristais pendente do teto antigo prédio do COLÉGIO DIOCESANO SANTA LUZIA, deitando clarões pelos espaços silenciosos dos seus salões de aula abandonados, e poder-se-á descobrir numa visão panorâmica deste século da LUZ a sombra do "fantasma da saudade" por ali vagando, a relembrar os dias do passado glorioso deste feliz, venerando e imperecível cenáculo das letras e da cultura mossoroenses.

Por tanto tempo, e por mais que o tempo passe, os que firmaram suas tradições, os artífices da sua História — DIRETORES e PROFESSORES — continuam relembrados pelas gerações sucessoras, e mais do que isto, continuam consagrados com o reconhecimento de uma cidade inteira, pelo trabalho heróico de sabedoria e elevado espírito de patriotismo, que realizaram, devotadamente, ajudando com os seus conhecimentos e a sua inteligência, a consolidar esta obra admirável idealizada por D. ADAUTO AURÉLIO DE MIRANDA HENRIQUES, que visitara Mossoró, a 30 de janeiro de 1900, e instalada pelo Cônego ESTEVÃO DANTAS, no alvorecer do ano de 1901!

Lembraria nessa visão magnífica dos seus dias, aquele famoso *"ad perpetuam rei memoriam"* com que Pe. Francisco de Sales Cavalcanti fixou os nomes dos seus primeiros 59 alunos! os jovens pioneiros da grande cruzada que se iniciava, assim, alvissareiramente!

E dos seus Diretores, a partir do Cônego Estevão Dantas — "extremamente estimado por todos de Mossoró" — lembraria uns poucos ainda da época do velho edifício, a exemplo do Padre Francisco Hermenegildo Sampaio, o Padre Pedro Paulino — orador de retumbante eloqüência — Frei André de Araújo,

Frei João Batista de Morais e o irmão leigo Frei Manuel, todos com serviços na direção do Colégio. Mais tarde seria a vez do Padre Manuel de Almeida Barreto que fundou a "Divisão Branca" e esteve por duas vezes à frente do educandário, até a grande crise de 1926, quando abandonou a batina para se casar. Seria substituído pelo Cônego Amâncio Ramalho, sucedendo-lhe o Padre Jorge O'Grady de Paiva. Estes 2 Diretores marcariam um período áureo na vida do Ginásio Santa Luzia. À época do último, já Mossoró tinha seu Bispo D. Jaime de Barros Câmara. Ainda no velho prédio, os Diretores Pe. Gentil Diniz, atual Bispo de Mossoró, e Pe. Sales, que construiu o novo edifício-sede.

E lembro que nas solenidades de sua inauguração, não se fez uma só mensão aos nomes dos professores do instituto. E eles foram tantos! E tão generosos no cumprimento dos seus deveres! O primeiro e talvez o maior na sua história, foi sem dúvida o professor TEÓDULO CÂMARA.

Quarenta anos depois, lá por volta de 1939, ou quase isso, o corpo docente do Santa Luzia era representado por estes nomes:

Dr. Abel Coelho
Dr. Bianor Fernandes
Dr. João Marcelino
Dr. Américo Costa
Prof. Raimundo Nonato
Prof. F. Boaventura Júnior
Prof. A. F. Albuquerque
Pe. Raimundo Leão
Prof.ª Cacilda Bessa
Prof. A. Alenquer
Pe. Jorge O'Grady.

De outras épocas não podem ser esquecidos: o Dr. Lavoisier Maia, Aprígio Câmara, Antônio Fagundes, João Damasceno, Mário Negócio e Solon Moura.

Razão de ser da valorização do mérito, o sentido desta evocação do tempo-memória é justamente o de por em relevo o nome de um desses preceptores, fora de dúvida, dos maiores mestres de quantos passaram pela escola mossoroense, particularmente, pelo Ginásio Santa Luzia, o professor ABEL COE-

LHO, dado que sua presença em Mossoró é muito mais antiga do que aquela mencionada no registro de 1939.

Os fatos referem que, por volta de 1925, ao tempo do Mons. Almeida Barreto à frente do tradicional educandário, já se encontrava ele no exercício de várias disciplinas, sendo seu nome falado na cidade pelo notável nível de conhecimentos com que ilustrava suas aulas, proclamadas pelos estudantes da época como os mais brilhantes das que ali eram ministradas. Sobretudo, ganhou fama a sua condição de latinista, além da eficiência com que lecionava outras línguas a fins e matérias como geografia e história.

Depois, visto fora das salas de aula, sua presença alcançava proporções invulgares. E que extraordinário orador que era ele! A bem dizer, não havia festa na cidade, desfiles escolares, sessões cívicas, comemorações de datas nacionais ou promoções outras dessa ordem, que não contassem com a colaboração da sua palavra, sempre fluente, em discursos admiráveis, ricos pelas imagens e pela elevação dos pensamentos.

E mais ainda, na hora da vibração das ruas, sempre foi Abel Coelho o grande e corajoso tribuno político, uma voz que deu projeção ao nome e ao idealismo do jornalista Café Filho, aparecendo em comícios, em congressos e conclaves da facção daquele homem do povo, que abria caminhos na vida pública combatido por todos os métodos da deslealdade e da animadversão mais violentas.

Passados os tempos e vencidas as grandes batalhas das urnas, de que Mossoró foi sempre o mais expressivo e forte baluarte da política de Café Filho, se no fastígio do poder — pois afirmo que ele representa a mais legítima vitória do homem do povo no Brasil — esse denodado batalhador na defesa das liberdades humanas, tivesse tido tempo de lançar um olhar para "*o esquecido cemitério das suas memórias*", ninguém teria mais direito de ser relembrado nessa hora, do que ABEL COELHO, um homem de convicções inarredáveis a cuja lealdade devia ele Café Filho, não pequena parcela de contribuição nas forças que argamassaram sua escalada na vida pública.

A atividade cultural de Abel Coelho em Mossoró está presente em todos os meridianos da sua vida.

Apontaria fato dos mais simples. Quando foi da chegada do Bispo D. Jaime Câmara, o Grêmio Musical Santa Luzia fez-lhe uma visita, recebida com agrado, pois D. Jaime fora parte

da banda de música, quando moço, na sua cidadezinha catarinense. Por qualquer motivo de amizade, fui o intérprete da manifestação.

O professor Abel Coelho, que chegava na hora, usou da palavra e pronunciou um belo improviso, destacando a unidade da arte e da fé, terminando, incisivamente:

> "Sr. Bispo, a muita ciência aproxima o homem de Deus!"
> Grande, magnífico professor ABEL COELHO!
> Suas aulas iluminaram muitas inteligências em Mossoró!
> Em nome delas, DEUS LHE PAGUE!

JORNALISTA LAURO DA ESCOSSIA

Uma resistência cívica na História de Mossoró

Admito que, o sub-título deste registro traduz, fielmente, nas fronteiras do seu caráter e do seu grande mundo subjetivo, a linha sempre igual da personalidade do Cidadão LAURO DA ESCOSSIA, um homem que não tem outro orgulho maior na sua vida do que o de ser um mossoroense dos mais autênticos, dos mais vibrantes, verdadeiramente, dos mais bairristas, no mais justo conceito em que se venha a tomar o termo.

Seu nome responde por certos determinismos históricos da tradição e do passado daquelas gerações de homens rudes e valorosos, que construíram a civilização da sua terra. Foram eles os fortes e impávidos artífices do seu desenvolvimento, abridores de estradas, construtores de vilas, em empresas que requeriam sacrifícios coragem, resolução.

Mais tarde seriam eles os pioneiros das *"idéias do jornal"*, da *"campanha pela autonomia administrativa"*, das *"lutas pela extinção do elemento servil"*, em que militaram alguns dos seus ancestrais mais destacados.

E falo desse fato de extraordinária significação, só para fazer referência a uma ocorrência de ontem, 13 de maio, quando os despojos de José do Patrocínio e de sua esposa, demoraram na Assembléia Legislativa da Guanabara, para visitação pública, até o momento de serem trasladados para a cidade fluminense de Campos.

Pois o caso é que, na hora de assinar o *Livro das Presenças,* um dos visitantes acresceu ao seu nome, o de uma cidade, que não era a do Acarape, do Ceará, registrando que fora *a primeira a abolir os seus escravos.*

E como não tivesse procuração da terra cearense para defender seu legítimo direito àquela prerrogativa, num protesto

silencioso, mas necessário, fiz seguir ao meu nome esta apostilha: *"REPRESENTANDO MOSSORÓ — RN. — A SEGUNDA CIDADE DO BRASIL, QUE ABOLIU A ESCRAVIDÃO, A 30 DE SETEMBRO DE 1883."*

Pelos olhares dos circunstantes, percebi que estava aberta a luta...

Esta digressão não vem por acaso, fora do tempo, pois fixando nesta nota o nome do jornalista LAURO DA ESCOSSIA, nada mais justo do que ligá-lo à memória daquele feito, que é o maior patrimônio histórico da cidade que lhe serviu de berço. Esta condição é bastante para convocar sua presença de bom e leal mossoroense, que sempre esteve integrado nos acontecimentos, que marcaram sua vida e a sua história em momentos decisivos, em horas em que a neutralidade era uma covardia.

Também presto com isso, homenagem à sua capacidade de trabalho, que tem sido das mais notáveis, à frente do seu Jornal O MOSSOROENSE — de antecessores e sucessores — numa linha de combate que se estende por mais de um século, fundado que foi em 1872, por JEREMIAS DA ROCHA NOGUEIRA, UM VISIONÁRIO, que imaginava realizar com o seu valente periódico, alguns daqueles admiráveis sonhos da Humanidade de que ele fazia profissão de fé no seu proselitismo.

Mas, distanciado desse tempo, curiosamente, Lauro da Escossia, mais do que uma simples criatura humana, é uma poderosa organização. Uma estrutura social. Um sistema direcional de empresa. Tipo originalíssimo que possui uma espécie de dom da ubiquidade, pois ele está sempre em toda parte em que se levante uma voz com o nome de Mossoró pedindo um lugar ao sol.

E afirmo, assim como uma manifestação da contemporaneidade dos fatos, das coisas, dos acontecimentos que desfilaram em épocas diferentes, em que ele tomava parte como figura centralizadora de atenções.

Prova disso é que, ainda agora, falam os jornais da Província dos primeiros dias da implantação da doutrina do escoteirismo em Mossoró, onde representa ele, talvez o último sobrevivente daquele belo movimento iniciado por Eliseu Viana, o educador pioneiro de tantas idéias novas nesta cidade.

Depois, vem a fase da instalação da Escola Normal. Com ele, respondia presente em 1922, na matrícula do primeiro ano. O Curso de Professor só viria a ser concluído, no entanto, em 1925. Em parte contribuíra para isso, o retardamento de mais um ano, o fato daquela incipiente manifestação de consciência democrática de um grupo de estudantes do educandário, que divergira de uma chapa indicada pelo Diretor da Escola para a Associação de Normalistas. Lauro Escossia assumiu a chefia da dissidência, com os outros (poucos, aliás) votou a descoberto contra *a chapa governista.* O ato foi tomado pela direção da casa como *indisciplina e valeu aos dissidentes um mês de zero no comportamento!*

Decisão estranha essa, tomada por um homem de idéias elevadas como era o professor Eliseu Viana!

Mas, a outra face da vida de Lauro da Escossia é ainda mais tumultuada, pois em se falando de esportes ,de futebol em Mossoró, não há outra figura que se compare ao seu entusiasmo, ação e incentivo.

O grande futebol dos tempos heróicos do Humaitá — dos *meninos da camisa-azul-e-branca,* esse sempre foi sua grande e iluminada loucura! O seu amor àquele clube era uma espéele de fanatismo, e só o entende quem acompanhou os feitos daquela época, sem dúvida das mais gloriosas para os esportes mossoroenses. Sua atividade dentro do clube era sem igual. Seu trabalho valia um time, uma associação, um campeonato. Nos jogos, nas disputas, nas partidas, ele era sempre o lutador ágil, vibrante, afobado, por vezes violento até. E querem mais? briguente que só Deus sabe!

Homem idealista, independente, corajoso. Leal ao seu partido. Dedicado até ao sacrifício, aos seus amigos. Por tudo, com o advento do movimento de 1930, dirigindo o seu jornal, "O Mossoroense" com Augusto da Escossia, seu irmão, comeu o pão que o diabo amassou. Ainda assim, nunca fugiu da barricada. Não desertou da luta, que nem sempre era a mais leal.

Com o jornal dos ESCOSSIAS teve a Velha República, em Mossoró, seu derradeiro quartel, sua última unidade de resistência!

Ainda hoje, Lauro Escossia continua dentro da oficina com o mesmo entusiasmo dos seus dias jovens, trabalhando, dirigindo, fazendo tudo.

E quando o tempo lhe sobra, o que é muito raro, toma uns goles de café requentado, fuma um cigarro-mata-rato e dá uns curtos cochilos arriado por cima dos fardos de papel.

Imensa e gloriosa compensação para um homem idealista, que tem naquelas velhas máquinas de fazer o jornal, um tesouro bem muito maior do que aquele, que enchia de vaidade o Poderoso e sábio REI SALOMÃO!

QUINCAS DE CRAVO

Uma figura pioneira do ALTO DA CONCEIÇÃO

Tipo do homem criador de lugar e figura potenciadora no sistema feudal da comunidade suburbana do ALTO DA CONCEIÇÃO, Quincas de Cravo bem merece ser lembrado, ainda vivo, como expoente de um incansável e extraordinário homem para quem o trabalho antes de ser um castigo, foi sempre uma espécie de lazer.

Sua vida toda, como a de tantos da contemporaneidade da sua geração, e de outras gerações passadas, decorreu ali mesmo, plantada na rechã do antigo e turbulento *Alto dos Macacos,* cuja crônica registra uma das páginas mais violentas daquela gente ribeirinha. Tanto que, a seu respeito, registrou Ferreira Nobre na sua BREVE NOTÍCIA sobre a Província do Rio Grande do Norte:

> — "O lugar — MACACOS — uma légua da cidade, foi em verdade o teatro de casos os mais dolorosos!... Não há expressões possíveis.
> A população, dividida em grupos, repele toda e qualquer ordem legal e fazia fugir os personagens do lugar, que, por meio de palavras e exemplos, procuravam chamar os homens desvairados a boa ordem."

Pesar de tudo, o localitivo curioso empresta elementos para fixar acontecimentos, pessoas e fatos de um largo período das atividades da sua gente, que deu grandes impulsos à vida da comunidade.

A pesquisa de campo tem levado a concluir que, a porção do território do bairro que se abre para o sul e parte do poente

da cidade, aquela de extensão mais ampla e de horizonte visual mais dilatado — o ALTO DA CONCEIÇÃO — sedimenta na conotação dos seus fatos, o enraizamento de algumas das melhores tradições da luta encetada pelos povoadores, que faziam domínio da situação partindo da FAZENDA SANTA LUZIA, do Sargento-mór Antonio de Souza Machado, o lusjtano.

Este aglomerado pioneiro surgido com a expansão da gadaria criada na posse primitiva ,teve seus dias tumultuados, com questões decididas a ferro-e-fogo, onde o bacamarte era a lei onde não havia lei, mas, mesmo assim, superadas as crises daquele estado de barbarismo, foi sucessivamente, elevado no grau da jurisdição administrativa, alcançando as posições mais altas de Freguesia, Vila-sede-de-Município, Cabeça de Comarca, e por fim, a predicação definitiva, social e política da CIDADE de MOSSORÓ.

Nessa projeção significativa do seu desenvolvimento, chegava ao cimo da parábola na flutuação dos condicionamentos geográficos, que prendiam o homem à terra, transformando-o pela lei do esforço comum — espécie de prelúdio da solidariedade humana — no agente do seu expansionismo, ao mesmo tempo, usufrutuário das suas riquezas e dos seus meios de sobrevivência.

Neste particular, é ainda Ferreira Nobre quem testifica, num depoimento, hoje, secular:

— "O território da cidade de Mossoró é fertilíssimo para todo o gênero de cultura.

....

"A sua uberdade não pode ser excedida pelas mais fecundas da Província."

Os nomes dos batalhadores dessa causa, em épocas diferentes, podem ser evocados, numa imagem recordadora do tempo, e respondem, na distância pela ressonância dos velhos troncos genealógicos, que ali se fixaram como os verdadeiros donos da terra, seus heroicos desbravadores, que se apontam pelos nomes de:

— Bezerras, Freires, Paulas, Firminos, Medeiros, Florêncios, Aires, Rodrigues, Mirandas, Loias, Tibãos, Canutos, Cravos, Albuquerques e Carvalhos, sobretudo estes últimos. No seu conjunto, constituíram eles, o enraizamento tentacular das primeiras famílias, dos moradores primitivos que abriram caminhos, bateram os campos, fizeram cercas e plantaram roçados, cava-

ram cacimbas na parte baixa dos riachos, construíram ranchos que depois se transformaram em casas, em fim, criaram aquelas condições para a comunidade latente que nascia vinculando o espírito dá concentração humana, que se densificava e se unia para a defesa comum, contra o perigo, que podia surgir de qualquer parte.

O Alto da Conceição foi por sua abertura geográfica, o ponto de centralização do extraordinário movimento comercial de Mossoró de outras décadas, pois que por ali convergiam os comboios e os tropeiros, que percorriam a estrada tronco, descendo de longínquos centros de povoamento interioranos para a atração dominadora da GRANDE CIDADE, cujos poderosos tentáculos econômicos eram garras que se estendiam para os sertões de três Estados da região nordestina.

Aquele bairro de nome propiciatório de esperanças e venturas era uma espécie de corredor por onde se fazia o comércio do interior como litoral, ponto de intercâmbio das atividades de compra e venda — sujeitas a velha lei da oferta e da procura — dos produtos da zona agrícola na praça vizinha do mar, do porto, de onde seus intermediários retornavam com as mercadorias de suprimento daqueles isolados grupamentos humanos.

Dessas velhas famílias, citarei dos ALBUQUERQUES, o antigo professor de meninos Manuel — o tão relembrado — Pai-Vobis, incansável realizador de serviços importantes, como a construção da Capela da Santa, que deu o nome ao subúrbio, um visionário iluminado, que tantos sonhos imaginou para o futuro daquele bairro.

E dos CARVALHOS, núcleo tão numeroso, recordarei Joaquim Carvalho — Mestre Quinca — um grande artista, amestradando uma banda de música, e que pela sua pertinácia chegou a pesidência da sociedade de classe LIGA OPERÁRIA, um homem simples, extremamente modesto, porém, de um espírito forte, arcado pelos lances da solidariedade e do afeto humanos.

Da geração sucessora desses pioneiros, ocupa lugar individualizador do esforço e do caráter, o mossoroense QUINCAS de CRAVO, um cidadão rigorosamente meticuloso no cumprimento dos seus deveres, o amigo leal para quem a amizade não tem horas de incertezas, pois sua formação moral desconhece os subterfúgios e está sempre presente na hora das dificuldades, quando nem sempre os amigos aparecem.

Na quadra da sua mocidade, tomou parte ativa nos movimentos sociais-artísticos que se organiíavam na cidade, sendo um dos integrantes da FENIX, a famosa euterpe do Mestre Alpiniano de Albuquerque, avô paterno do escritor MILTON PEDROSA, nome de destacada projeção no plano literário do País. Desse conjunto filamôrnico não é possível dessociar Quincas de Cravo que integravam o mesmo, como: José de Vasconcelos, Miguel de Canuto, Vevéio Sabino, Raimundo Calistrato (Bodoca), Zé Gregório (o sacristão), João Tabaquinho, Luiz Odilon, Francisco Alpiniano, Francisco Miranda (Yoyô) Lutero Evangelista, Silvério Filgueira (Filgueirinha de Romão), Antônio Soares Júnior (Dr. Soares), Dioclesiano Costa (do Martins, genro de Manuel Belém), Chico Jerônimo, Zé Reis e Zé Gomes.

Quincas de Cravo foi elemento militante na política situacionista do Estado, sempre apontado pela sua lealdade partidária, soldado de primeira linha nas campanhas mais agitadas.

Contava-me Dr. Raimundo Nunes que, lá pelos dias da campanha do Partido Popular, quando sua facção esteve na iminência de perder o pleito, e se dava o julgamento final das eleições, num clima conturbado, fizera ele uma promessa estranha: "se o seu partido ganhasse a eleição, ele iria nu até a igreja". Danado é que o Partido Popular alcançou a vitória...

Tempos idos, confidenciava ao seu amigo, o médico:

"Olhe doutor, eu paguei a promessa de madrugada..."

Tipo padrão representativo do homem da classe média. Funcionário público com longo tempo de serviço à sua Repartição, por onde transitou deixando um nome limpo. De outro lado, desenvolve atividade feudatária, dono de alguns tratos de terra de plantar e de criar, numa larga faixa que se estende até à margem esquerda do Rio Mossorô, onde situa uma granja que é a menina dos seus olhos. Ali tem de um tudo. Até água boa de beber, que vem do tempo em que Mossoró não tinha água, e vivia assim, como num deserto, por força de um milagre bíblico.

Curioso é examinar-se o equilíbrio da vida desse homem, que sem ser rico nem amealhar fortuna, além de manter todas as suas obrigações em dia, ainda lhe sobraram cabedais, para sem abrir novos buracos no cinturão, educar uma filharada toda, pagando colégio, atendendo despesas da Escola Normal e custeando, lá fora os estudos nas Faculdades os estudos superiores dos mais adiantados, ou mais velhos. Essa raça de

gente admirável, corajosa trazia de casa os exemplos do prolongamento do esforço que era um atestado da capacidade e do valor dos homens que vêm ao mundo destinados para cumprir uma missão.

Não conheco em Mossoró exemplo que se possa comparar ao dessa gente. No Estado só o clã dos NUNES de Riacho de Santana, Luiz Gomes e Pau dos Ferros apresenta um número tão considerável de titulados em curso de nível superior.

Você, Quincas de Cravo cumpriu sua missão admiravelmente.

JERÔNIMO ROSADO

Atividades municipalistas

O impacto provocado pelo desenvolvimento no meio comunitário e o crescente desordenado da escala demográfica, de par com o desafio à solução de velhos problemas de natureza local, que nunca tinham merecido exame adequado, face as suas duras realidades, constituíram fatores que, a certo ponto, se tornaram responsáveis pela explosão incontrolável do municipalismo.

As suas conseqüências tumultuantes não tardariam, evidentemente, em por em cheque, aquelas situações vinculadas à própria sobrevivência dos seus grupamentos gregários sempre marginalizados, entregues à lei da sorte e carentes dos, mais elementares serviços de assistência social e humana.

O julgamento coletivo, não raro, julgamento impiedoso, sempre fixou-se no veso de chamar as antigas administrações municipais de feudos de oligarquias inoperantes, de homens sem capacidade de imprimir novos rumos aos trabalhos da comunidade, via de regra, estilizada na rotina dos costumes dominantes, que não mudavam nunca, nem pensavam em reformas. Ao que se dizia, o que estava feito, estava certo e tinha muita força. Prá que, então, atirar pedras no sol?

Tudo deveria obedecer ao bitolamento da ação influenciadora e indiscutível do chefe-político — o coronel sertanejo — homem poderoso, que dirigia o Município, quase com os mesmos processos com que administrava sua fazenda de criar gado ou o seu engenho de fazer rapadura. Ali, o que importava era a estabilidade do seu quartel-eleitoral, onde o que valia era o número dos eleitores inscritos, porque a essência do sufrágio — título e voto — essa era coisa secundária, pois no tempo dominava o costume deplorável das eleições a bico-de-pena, em que votavam vivos, e também votavam os mortos!...

E nem se pense que isto mudou muito com o sistema moralizador do voto secreto, pois para deturpá-lo *foi criada a brejeira*, uma operação vergonhosa, que consistia na distribuição equitativa dos *votos em branco* com candidatos que não chegaram a alcançar votação que lhes assegurasse lugar entre os eleitos.

No meio desse colapso da verdade eleitoral, havia, é claro a regra da exceção, necessariamente, pela necessidade, até, de provar a própria regra.

Assim, é que houve, nesses velhos tempos, figuras de elevado modo de proceder na gerência dos negócios públicos, e que por vezes, enfrentando épocas de crises, ou períodos bonançosos, imprimiram um ritmo de progresso em benefício da coletividade, com trabalho que as credenciaram na confiança do povo pela sua honorabilidade e elevada noção de espírito público.

Aponto nesse comentário, dois desses homens, que marcaram sua presença na esfera do municipalismo norte-riograndense: *JERÔNIMO ROSADO, em Mossoró* e *PEDRO REGALADO, em Martins*. Não é fora de tempo que, apresento como fonte documental o nome do Desembargador JOÃO VICENTE DA COSTA, martinense dos mais ilustres com relevantes serviços à justiça e à cultura do Estado.

No itinerário que traço, será sempre útil e edificante reviver o exemplo de certas figuras locais, possuidoras, de lúcido espírito construtivo e de que se possam beneficiar ainda as gerações sucessoras.

Exemplo, pois, digno de evocação cívica e de domínio na administração pública, que nunca é demais relembrar, como personalidades que foram do mais vivo reflexo social.

Conto de ontem, os períodos mais ou menos coincidentes em que se distingüem Jerônimo Rosado, Francisco Fausto, João Jásimo, Pedro Regalado, Celso Dantas, Heráclio Pires, Vivaldo Pereira, Pedro Amorim, Gouveia Varela, Antônio Germano, Francisco Dantas, Ezequiel Mergelino, Prudêncio Alecrim, Armando China, Alfredo Mesquita e João Câmara, entre outros, vultos do Oeste, do Seridó, do Agreste.

Mossoró com sua preponderância natural tinha a cooperação constante de Jerônimo Rosado que, atuando direto como Presidente da Intendência, foi figura centralizadora das suas atividades.

Diga-se, antes que mais: "Seu" Rosado foi o *homem-chave* de todos os problemas de Mossoró. Não há um deles, siquer que não tenha a marca das suas mãos, em que não esteja presente, ventilando uma situação ligada ao progresso da cidade, abrindo um debate, sugerindo um serviço público.

Vinha de longe nesse apego à terra que fez sua para o resto da vida.

Quando instalou sua farmácia, na Rua do GRAF, em 1890, afirma Câmara Cascudo numa daquelas suas pinceladas gigantescas no mural do tempo: "Mossoró, cidade há vinte anos, era, quantitativamente, a vila de 1852. Água de cacimba, e para os abastados, a cisterna. Nem um palmo de calçamento. Iluminação das estrelas e dos plenilúnios. Em 1890, vai se reunir Jerônimo Rosado ao Dr. Castro, que o fizera deixar Catolé do Rocha e fixar-se em Mossoró. "Seu" Rosado foi o menos político dos homens. Apenas acompanhava Almeida Castro. O que realmente lhe interessava era Mossoró. Os homens eram acidentes sobre a terra e os filhos".

Este era o homem no alto da coluna do seu poder moral.

Na Presidência da Intendência solucionou o problema da carne e correlatos. Fez o abastecimento por conta do Município. O tabelamento era feito por quinzena e os preços e o suprimento se tornaram normais. ônfrentou a epidemia da "'espanhola", a *matadeira,* com pulso forte e ação imediata. Suas decisões no órgão executivo do Município tiveram de enfrentar as conseqüências extremamente rigorosas decorrentes da seca de 1915, uma das mais calamitosas de todo o Nordeste e sofrer os desastres provocados pelo flagelo de 1919.

Mossoró representava ainda o maior comércio importador da região, avantajando-se, por igual na exportação. Assim, "naquele ano de 1919, importou 3.013 sacos de arroz, de 60 quilos, no valor oficial de 142.220$000; 104.326 sacos de farinha de mandioca; 10.288 sacos de açúcar; 20.295 sacas de farinha de trigo; 50.561 sacos de feijão; 23.356 sacos de milho; 16.324 quilos de manteiga, sendo o valor dessa mercadoria de nove mil quinhentos e vinte contos seiscentos e trinta e cinco mil réis! (publicação do Relatório).

Afastado do cargo eletivo, "seu" Rosado continuava sendo o homem dos grandes sonhos mossoroenses, pois dormia pensando nos problemas da Cidade, do Município: água, estrada de

ferro, lavanderia, açudes, escola Paulo de Albuquerque, "perenisação do Rio", barragens, mineração, encheram todos os dias da sua vida, quando a partir daquele dia 27 de abril de 1890, abria os olhos para o futuro, e dali partia, gloriosamente, para a *"servidão jubilosa de quarenta anos"*, tantos os que teve para servir a MOSSORÓ; vivendo em MOSSORÓ!

EDGARD DIAS DE MEDEIROS

Uma cara fechada, mas um espírito folgazão

Impossível, a quem não o conheceu de perto, a quem não foi da sua amizade, ao menos tomou parte naquela irreverente *roda dos conversadores do banco da sua botica,* decifrar esse aparente enigma configurado na presença do farmacêutico Edgard Dias de Medeiros.

A verdade é que, quem tentasse interpretá-lo, superficialmente, esbarraria quase num abismo, entre a sua fisionomia de linhas marcadas pela sisudez e o seu mundo interior, sempre aberto à expansividade, alegre e extrovertido.

De certo modo, fundamentalmente, este era, aliás, o traço característico da sua personalidade, o melhor retrato da sua organização temperamental, a expressão mais nítida do seu feitio humano, que se exteriorizava nos atos da sua vida, aparentemente, com duas faces contraditórias:

De um lado, o homem carrancudo, de fisionomia trancada, impassível, duro, sem um riso,

Do outro, uma completa negação a tudo isso: um espírito alegre, brincalhão, lá como dizia Messias Soares — imoral que só o diabo.

Em suma, um homem sentimental, afável, cheio de idéias generosas e de sentimentos elevados.

Mas, é preciso ter acompanhado a trajetória do tempo para entender as distâncias — geográfica e social — que separam os grupos e isolam as pessoas, em certas latitudes da vida.

Há, evidentemente, duas situações a examinar na vida desse homem, que não foi percorrida por caminhos tortuosos. Quero dizer, há, distintamente, um Edgard Medeiros de duas épocas, em Mossoró.

Da primeira, do jovem, há histórias que corriam na boca do povo. E nelas se contavam que os MEDEIROS formavam um

grupo de rapazes tumultuante, topando todas as paradas, até comandando certos setores da vida citadina, onde imperava a lei do mais forte, como se dava no Beco-do-Pau-não-Cessa.

Corria também, a boca miúda que, eles davam dor de cabeça em muita gente. A irmandade era forte, porque era unida que só bicho de pé nos dedos dos praieiros. Gente braba que não tinha medo de careta, nem fazia caso de ameaças ou promessas de ajustes de conta, fosse de quem fosse.

Às vezes, a situação se complicava, dando azo para os comentários das calçadas ou notícia para o *prato do dia* da Rua do Comércio. No outro dia, no entanto, tudo caía no esquecimento.

Da segunda época posso contar a história.

O ano de 1931, marca a estaca zero do meu conhecimento com Edgard Medeiros.

Ao tempo, sua farmácia tinha portas abertas na Praça 6 de Janeiro. Não tardaria muito e o logradouro passaria a ser Praça Rodolfo Fernandes. O local fora o mesmo ocupado por Petronilo Galvão com um armazém de cereais. Nele, por lá viveu, sem muito demorar, uma loja de tecidos de Raimundo Nonato de Souza — o Raimundão da Casa Delfino Freire — e de Chico Dantas, proprietário e chefe político em Pau dos Ferros. O consultório médico do Dr. Soares Júnior ficava anexo à farmácia.

Por esse tempo, o *banco da botica de seu Edgard* já era referido, e muito mais conhecidos eram os seus freqüentadores. Nessa *roda famigerada,* para muita gente, *comecei a ter entrada com o pé direito,* aí, por volta de 1935, já feito professor da Escola Normal. Muito embora, meu banco cativo fosse o da farmácia de Vicente de Almeida.

O ajuntamento da porta do Edgard não tardou em se tornar famoso e era apontada como *um caldeirão do diabo,* onde os falsos moralistas, os *tipos direitos* que queriam fazer sombra ao sol, eram *cortados* sem dó nem piedade.

Se bem me lembro, nasceu no meio dessas conversas, a idéia da restauração da Loja Maçônica 24 de Junho, que se encontrava com as colunas abatidas, talvez há 30 anos. E foi daí mesmo, do grupo dos seus freqüentadores, que surgiram os 3 primeiros elementos que se propunham ser iniciados com a reabertura da oficina, e que foram eles, Jorge Freire, Edgard Medeiros e Raimundo Nonato, autor deste registro.

Mais tarde, a farmácia foi transferida para outro prédio próprio, na mesma praça, num quarteirão do lado do poente.

Já então, era ele, Inspetor Federal de Ensino, do Ministério da Educação e Cultura, com função junto ao Ginásio Diocesano Santa Luzia, tendo por designação superior, por longos anos e sem qualquer remuneração, prestado idêntico serviço na Escola Técnica de Comércio União Caixeiral.

Depois, uma demorada separação, com a minha fuga para Natal, numa aventura inédita que ainda hoje me causa espanto. E, seguidamente, também se mudava ele para Fortaleza, onde os bons ventos bafejaram-no.

Os anos foram desfiando, quando um dia, no Rio de Janeiro, recebo um despacho western do amigo comum Antônio Francisco de Albuquerque, solicitando providências para o internamento de Edgard, no Hospital do IPASE.

Avisado do vôo, fui recebê-lo no Galeão. Um dos seus filhos, que fazia especialização, levou-o para a Clínica do Dr. José Kós, na Rua Moncorvo Filho, onde seria operado, mais tarde.

Durante o seu internamento, lá voltei, repetidamente e levei quantos amigos foi possível para vê-lo. Sei que corri léguas pela Rua Bulhões de Carvalho, na Leopoldina, para arrancar Padre Raimundo Leão, de um depósito do SAPS, onde trabalhava.

Quando fui de novo à clínica, Edgard disse sorridente:

— Padre Leão veio e conversou duas horas!...

No retorno dele, ainda fui ao Galeão. E enquanto a hora da partida não chegava, ele disse:

— Não é possível a gente se separar sem tomar uma *bier* mossoroense.

Fazendo-me de distraído, olhava para ele pensando: este homem era uma máquina. Todo o tempo dele era cronometrado. Até o minuto de acender o cigarro parece que ele registrava. Às 7 horas, abria a farmácia. Às 9, ia ao *café das caboclas* com o seu grupo. Às 11 horas, saía para o almoço. E às 12:30 estava de volta. Tenho idéia que ele sintonizou comigo, pois falou sorrindo: "que estás pensando, meu besta?"

Nem sei o tempo que se passou. Mas, um dia, em Fortaleza, ainda com Antônio Francisco e a Professora Dalva Stela, durante seis horas, viramos a capital pelo avesso.

E revejo a visita à casa de Edgard Medeiros, numa rua que esqueci o nome e nunca mais desejo relembrá-lo.

Depois de tudo, a hora crucial da despedida.

E por que falar ainda nela?

É que a realidade estava ali presente, cruel, desalentadora.

À saída, ele permanecia de pé, junto à grade que separava o jardim da rua, de olhar fixo, estático, como se tivesse perdido a consciência da vida.

E foi então que, levantando os braços, como se fizesse um esforço que estava acima das suas próprias forças, articulou estas palavras, que lhe saíam dos lábios, de modo quase imperceptível:

— NUNCA MAIS!...

CÔNEGO AMÂNCIO

A vernaculidade de sua conversa
era uma sinfonia da linguagem

PROFESSOR CÔNEGO AMÂNCIO RAMALHO CAVALCANTI — Faleceu na cidade de Parelhas, na zona do Seridó no Rio Grande do Norte, onde residia e desde muitos anos era vigário da freguesia, o Cônego Amâncio Ramalho, antigo Diretor do Ginásio Diocesano Santa Luzia, Professor da Escola Normal de Mossoró e Diretor Geral do Departamento de Educação do Estado, no Governo Rafael Fernandes.

Sacerdote dotado de altos predicados e excepcional formação religiosa, Cônego Amâncio era possuidor de uma vasta cultura clássica e filosófica.

Ressaltando tudo quanto na sua vida foi dedicação, virtude e amor ao sacerdócio, sua grande e inigualável vocação foi justamente a que o ligou ao magistério, sendo em toda vida um extraordinário modelo do professor ideal.

Latinista de profundos conhecimentos dos regredos da língua em que se imortalizaram Cícero e Virgílio, Cônego Amâncio Ramalho, o filólogo, possuía o dom da palavra limpa, do aticismo da linguagem e do encanto de bom conversador que o era admirável.

Sabia dar, nas suas aulas de Português, aos textos e aos comentários, uma interpretação fluente, rica e atraente, apontando com versatilidade os clássicos que lhe eram familiares, onde se enfileiravam Camões, Vieira, Garrett ou Herculano, para só lembrar os que se encontravam vinculados ao domínio luso da península ibérica. Isto porque, na literatura brasileira, José de Alencar, Santa Rita Durão, Machado de Assis, Rui e Castro Alves eram escritores de sua estante, autores que transitavam nas suas amiudadas leituras e nas constantes consultas.

Ainda hoje são lembradas as suas aulas que ficaram memoráveis entre estudantes e alunas do Ginásio Diocesano Santa Luzia, e da Escola Normal de Mossoró. Não são poucos os que se recordam dessas tertúlias da conversão onde raro se falava de gramática, mas onde se vivia uma atmosfera clareada pelas belezas da linguagem de que se servia coletivamente, para colorir os fatos, pintar às imagens dando formas novas as idéias e enriquecendo os pensamentos.

Os registros revelam a presença do Cônego Amâncio Ramalho em Mossoró, onde chegou a 5 de junho de 1927 e logo assumiu a Direção do Educandário.

O motivo está contado na História de Santa Luzia e é assim referido pelo seu autor, Cônego Francisco Sales Cavalcanti:

"Na manhã de 27 de maio com surpresa de toda Mossoró, Monsenhor Almeida Barreto deixa definitivamente a Direção do Estabelecimento que dirigiu com tanta eficiência, desde 1924".

Reportando-se à sua chegada, escreve "O NORDESTE", jornal de Martins Vasconcelos, na edição de 2-6-27 no seu número 279:

"O Sr. Cônego Ramalho assumiu com fé e desembaraço. o delicado posto da nobilíssima missão de educador e vai agindo com promissor futuro para a mocidade que freqüenta o Ginásio Diocesano Santa Luzia de Mossoró".

Desde que começou a dirigir o educandário, à frente desse pesado encargo sua luta foi orientada no sentido de construir novas dependências para o velho edifício que assim, "dandolhe, como relata o Cônego Sales, uma ampla e elegante fechada."

A 25 de maio de 1931, requereu a inspeção preliminar para o Ginásio na forma da legislação vigorante para o ensino.

O Inspetor Federal foi o jornalista José Otávio, Diretor de "CORREIO DO POVO".

A passagem do Cônego Amâncio pelo Santa Luzia, se encontra minuciosamente registrada no livro APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DO COLÉGIO SANTA LUZIA DE MOSSORÓ, de que é autor o Cônego Francisco Sales Cavalcanti, cujas palavras finais atestam sua capacidade de trabalho, seu esforço e seu espírito de iniciativa:

"Foi das mais brilhantes, honradas e proveitosas a ação do Cônego Amâncio Ramalho à frente dos destinos do nosso querido Estabelecimento de ensino.

Só ao seu zelo, entusiasmo, coragem e perseverança deve este ôducandário a uma magnífica vitória naquele terrível ano de 1932".

N. A. — Monsenhor Amâncio Ramalho, nascido aos 15 de março de 1886, em Misericórdia — Paraíba. Fez a primeira comunhão em 1897. Ingressou no Seminário da Paraíba em 1899. Terminou o curso de Filosofia em 1903. Em 1907, termina o curso de Teologia; não se ordena por falta de idade canônica. Em 19z8, foi para o Piauí com Dom Joaquim de Almeida, onde foi nomeado Vice-Reitor no Seminário de Terezina. Em 1909, recebeu a ordenação sacerdotal conferida por D. Joaquim na Catedral de Nossa Senhora das Dores no Piauí, no dia 30 de maio. No dia seguinte canta a primeira missa; passando a ser Vice-Reitor e professor do Seminário em 1910. Em 1911, volta ao Rio Grande do Norte com D. Joaquim e foi nomeado coadjutor de Ceará Mirim. No meio do ano foi nomeado o vigário daquela Paróquia. Passou o ano de 1914 em férias de repouso, sendo em 1915 nomeado vigário de Guarabira. Em 1916, foi transferido por D. Adauto, para ser vigário da Catedral de Nossa Senhora das Neves de João Pessoa, onde recebeu o título de Cônego. Em 1917, entra em férias para tratamento de saúde. Em 1918, era diretor provisório do Colégio Pio X de João Pessoa, quando foi nomeado vigário de Sousa. Em 1922, foi transferido para Ilhéus, Bahia, onde foi diretor do Ginásio Diocesano e professor do Colégio da Piedade. Em 1923, foi nomeado vigário cooperador de Itabaiana, Paraíba. Em 1924, co-diretor do Colégio Ruy Barbosa de Ceará Mirim. No mesmo ano foi nomeado vigário do Jardim do Seridó. Em 1927, foi nomeado Diretor do Colégio de Santa Luzia do Mossoró. Em 1934, comemora em Mossoró as Bodas de Prata Sacerdotais. Em 1935, é nomeado diretor do Departamento da Educação do Rio Grande do Norte, no governo de Rafael Fernandes Aos 12 de maio de 1938, chegou a Parelhas, do Rio Grande do Norte para fazer um mês mariano onde continuou como pároco até os seus últimos dias de atividades sacerdotais. Em Parelhas se dedicou assiduamente ao trabalho paroquial e a educação da juventude na sua grande competência de professor, além de ter por algum tempo regido a Paróquia de Acarí. Em 1956, comemora a data magna do primeiro centenário de Parelhas. Nos dias 30 e 31 de maio de 1959, recebeu as homenagens do povo parelhense pelo feliz acontecimento do cinqüentenário de sua ordenação sacerdotal

e primeira missa, segundo dados que me foram fornecidos pelo seu sobrinho, o vereador Aureliano Ramalho Cavalcanti. Foi o monsenhor Amâncio Ramalho, grande orador e musicista. Era filho de família pombalense que tinha residência e domicílio nesse município, mas nasceu em Misericórdia deste Estado, e faleceu em Parelhas, do Estado do Rio Grande do Norte em 1964, no dia 22 de outubro de 1964.

HEMETÉRIO LEITE

Pioneiro da industrialização de Mossoró

Eis que retorno, hoje, pelas tendências que me arrastam a evocar as coisas do passado, aos mesmos caminhos da memória, para um reencontro com o nome de HEMETÉRIO CUNEGUNDES DE OLIVEIRA LEITE, incansável lidador do velho comércio de Mossoró, por onde passoú deixando um vivo marco dos seus empreendimentos, da sua capacidade de trabalho, do seu idealismo sadio e construtor.

Sua presença não é apenas uma sombra delineada nas imagens do tempo, porque dela se tem notícia e a crônica registra a sua passagem pelos meridianos econômicos e pelos movimentos políticos, religiosos e artísticos da vida da cidade, onde se iniciou nas grandes tarefas comerciais, e a viu crescer à sombra do esforço da sua gente, e de outra gente que aí chegava e lutava denodamente pelo seu progresso, irmanada aos filhos da terra com o mesmo entusiasmo e a mesma fé nos seus destinos.

Demais, Hemetério Leite deve ser lembrado, justamente, pelo seu espírito de pioneirismo na promoção de certas iniciativas de ordem industrial de que ele se fez figura centralizadora, situando-se entre aqueles que foram os esteios dos *Grandes Dias da Cidade,* dias memoráveis da prosperidade em que viveu naquela "fase de ouro", na taquicardia do expansionismo, que a tornou famosa e conhecida pelos sertões do Nordeste Brasileiro.

Homem pacífico, conservador e tradicionalista pelo espírito e pela formação, católico praticante, parece que, com Francisco Chagas formava uma unidade indissociável de pensamento e de ação, em derredor dos planos de trabalho das venerandas irmandades a que pertenciam e dirigiam com a dedicação de verdadeiro apostolado.

Francisco Chagas, bem mais cedo, foi lembrado e teve o nome revivido numa admirável página de afetuosidade, na qual o fixou o professor Manuel de Almeida Barreto, consagrada em capítulo de suas memórias, dos dias que viveu em Mossoró.

No seu depoimento, por demais sincero, porque partiu de um homem forte e corajoso, como fora aquele ex-sacerdote, figura das mais brilhantes do clero Norte-Riograndense, que por insondáveis razões de consciência, abandonou tudo, honrarias, títulos e graus dignitários para viver a vida pobre do magistério, situou o velho Chico Chagas na sua legítima posição de grande artífice que foi, em todos os momentos, das obras de remodelação da Matriz de Santa Luzia, do seu contorno artístico e do seu embelezamento.

Fora de dúvida, Francisco Chagas foi mais feliz e melhor recompensado, pois teve quem lhe contasse a história e fizesse louvor do seu esforço.

Já o seu companheiro, dotado das mesmas qualidades, Hemetério Leite não encontrou ainda o seu biógrafo. Ninguém dele se lembrou, ao menos para dizer que ele foi um homem piedoso e possuidor de um bom coração. Sobre ele, pelo contrário, em vez de se falar, o silêncio caiu como uma pedra.

Discordando disso e pensando remover essa pesada lágea da ingratidão, sombra silenciosa dos destinos esquecidos, abro uma pausa para meditação e indago da voz de algum sobrevivente do seu tempo, a confirmação de que sua memória merece ser lembrada, porque não é de ignorar-se que foi ele um cidadão que em toda a sua vida teve a preocupação de servir a Mossoró e de cooperar para o desenvolvimento do seu nascente parque industrial

E para transformar a imaginação em plano executivo, instalou a TABACARIA LEITE, num velho sobrado pintado de vermelho, à Rua Dr. Almeida Castro, no mesmo ponto onde fora a firma Julião & Costa, na antiga Rua do Graf.

Antes dessa tentativa de industrialização, Hemetério Leite integrara outro grupo comercial, sob a razão de Leite & Irmãos, constituído dele próprio e dos outros sócios Manuel Julião de Oliveira e Francisco Leite, com ramo de ferragem, miudezas e molhados.

O empreendimento que marcaria seu nome, seria, no entanto, o funcionamento daquela indústria ligada a fumicultura, montando uma fábrica de cigarros, cujo produto mais conhe-

cido, o CIGARRO LEITE tinha uma larga penetração nos mercados sertanejos e era um poderoso concorrente da marca VIGILANTô, fabricado em Natal, por Filadelfio Lira.

A Tabacaria Leite, de Mossoró, dispunha de moderna maquinaria, porém, CIGARRO LEITE — picado, isto é, fechado nas duas pontas, era feito a mão.

"Os cigarreiros" eram hábeis profissionais, pois só as marcas mais finas saíam das máquinas. Desses operários, o tipo curioso era Antônio Maciel — também músico da banda — e que era lá dos Paredões. Naquela operação de "fechar cigarros" era de uma incrível ràpidez, fechando de 3 a 3 mil e 500 cigarros por dia. Cada fechador tinha seu ajudante para o serviço *emassar e empacotar os cigarros,* tendo o cuidado de ir colando o selo em cada masso. Sempre trabalhei ao lado de Maciel, e findo um dia de 12 ou de 14 horas, conforme as tarefas, recebia o pagamento de seiscentos réis, como se dizia, *seis tostões...*

Homem de visão empresarial, Hemetério Leite instalou também, num armazém pegado ao seu sobrado residencial, uma tipografia, onde eram impressos os rótulos e as carteiras para seus produtos, fazendo ainda serviços avulsos, a Tipografia Leão.

Alguns empregados da fábrica gozavam da confiança do proprietário, como era o caso de Chico Higino, seu afilhado, que gaguejava como o diabo. Era uma espécie de "olheiro", leva-e-trás, condutor de fuxicos. Por isso, mesmo sendo muito bom, "seu Chiquinho" era *marcado* pelos outros. Tanto que no dia em que a guilhotina de cortar papel lhe decepou um punhado dos dedos da mão direita, não teve de ninguém, uma ave maria de penitência, e Neco Charuteiro ainda disse: "máquina danada de ruim... podia ter cortado o braço todo..." No meio deles, havia um tipo de quem não se dizia nada. Era o encarregado da manutenção das máquinas. Luis de Tôta era um escurão, calado, só ouvindo. Não gastava cuspe com palavras.

Sem fugir do lugar comum, Hemetério Leite era político. Pertencia ao partido do Dr. Almeida Castro, que vivia, há longos anos, fazendo oposição ao governo. Só na administração do Governador Ferreira Chaves, passou a apoiar o situacionismo. Por sua agremiação saiu Hemetério Leite com votação para ocupar o lugar de Intendente Municipal, no triênio 1896-1898. Então era presidente da Intendência o Cel. Silvio Policiano de Miranda, e vice-presidente João Mendes.

Além de Hemetério Leite, eram intendentes municipais: Aristóteles Alcebíades Wanderley. Francisco Izódio de Souza, Bento Antônio de Oliveira e Salustiano Ferreira Leite. Não houve suplência nesse período.

Sobre a política de Mossoró, escreveu VINGT-UN ROSADO, no Boletim Mossoroense n.º 80 — 1955:

"Biribas e Jagunços — em 1898, *Biribas* eram os correligionários do Dr. Castro (Ferreira Chaves) *e Jagunços* os de Dionísio Filgueira e Bento Praxedes (Alberto Maranhão)."

Prestigiando as iniciativas locais, tinha Hemetério Leite descoberta preferência pela sua Banda de Música, do tempo da Charanga e da Fênix. Tão entusiasmado que, de volta de uma viagem ao sul do País, trazia de presente para o seu conjunto, um instrumento muito raro, um carrilhão dourado, que era motivo de geral curiosidade do povo, quando a filarmônica o conduzia, num desfile pelas ruas da cidade.

Já descambando da faixa da maturidade para a planície dos dias velhos, viúvo, homem de bons costumes, entendeu de convolar novas núpcias. O namoro era engraçado e se limitava ao ato, de todos os dias, pesar a noiva, quando esta passava pela fábrica, de retorno da missa.

Lá do fundo do armazém, olhando aquele chove não molha, dizia o cigarreiro Zé Acioli: "vê lá gente, o negócio ali é feito na base da balança. O velho está namorando *"a quilo"*...

Chico Higino, ouvindo aquela história, não se conteve e berrou:

— "cala a boca *canaia sem vergonha,* se não eu vou contar tudo ao meu padrinho Hemetério".

Coisa até muito rara em homem de dinheiro — Hemetério Leite não era egoísta —, embora não fosse um mão aberta, um perdulário.

Em suma: na sua longa vida, foi um inestimável cooperador das obras paroquianas, a que nunca esqueceu de dar auxílio e de ajudar nos seus trabalhos.

Suas virtudes nunca foram apregoadas pela vaidade, mas debaixo da sua modéstia, que mais parecia humilde, se acobertava um grande coração, sensível aos sofrimentos humanos e cheio de elevados sentimentos de amor ao próximo e de generosidade fraternal e cristã.

ANTÔNIO SILVÉRIO DE MEDEIROS

Das terras do CAMURUPIM
às águas do AMAZONAS

Tinha seguramente minhas razões, quando pedi ao Maurício de Assis para desviar o itinerário do passeio, levando-me para as bandas da Rua BOA VISTA e dali para a LAGOA DO MATO.

Adiante-se que a coisa nem foi lá muito fácil, pois o jipe do meu velho amigo Maurício de Assis, está em petição de miséria, não tem câmara de ar e usa os pneus cheios de algodão.

Mas, o certo é que eu iria encontrar por aquele meio do mundo, ou pelas suas imediações, a RUA ANTONIO SILVÉRIO, aquele que fora um mossoroense das melhores tradições, um homem simples e bom que nunca fez mal a ninguém e por isso mesmo era amigo de todas as criaturas.

Viveu do seu trabalho, sem pensar na riqueza, que não fosse no patrimônio do seu caráter e da sua dignidade pessoal.

O seu registro biográfico é até muito claro, pois sua vida não teve sinuosidades.

Nasceu Antonio Silvério a 22 de janeiro de 1887, em terras da propriedade Camurupim, na faixa ribeirinha do Mossoró.

Foram seus pais Silvério Vicente de Medeiros e Dona Maria Penha de Medeiros.

Em plena mocidade, atraído pelas ilusões que arrastavam tantos outros da sua geração para as aventuras do fabuloso ELDOURADO dos seringais, emigrou para o Amazonas, onde viveu certo tempo.

Mas, lá um dia, roído pelas recordações do rincão querido, que nunca poderia esquecer, meteu-se num regatão, vôo pelas águas do grande rio, saltou em terra firme, meteu o pé no

caminho, e voltou pra Mossoró. Nesse retorno, trazia nos olhos a visão dos panoramas verdejantes dos carnaúbais e a sombra acolhedora dos velhos pés de oiticica, que frondejavam pela várzea. Essa volta marcou um fato definitivo na sua vida: casou-se. E sem maior tardança, logo e foi, de novo, para o extremo norte para reiniciar a tarefa interrompida, numa incursão arrojada, que se prolongou por alguns anos.

E como as coisas acontecem por força do inevitável, nova viagem de volta para Mossoró, sua terra, onde se fixa para o resto da vida.

A essa altura, como fossem crescendo as responsabilidades da casa e as da sua *obrigação,* começou a trabalhar, iniciando-se no ramo de cortar carne, nos açougues do mercado, numa banca de parceria, tendo como sócio Antônio Gomes de Morais vulgo "Bandinha", recentemente falecido ,aos 82 anos de idade.

A gente que se entregava a essa profissão era numerosa, podendo apontar-se, entre outros, os nomes de: Joca Silvino. Miguel Soares, Ludgero Tibão, Luís Firmino Filho, Chico Alves, (pai de Cossado, grande jogador de futebol), João Salviano, José Morais (dado ao jogo de gamão) Francisco Ludgero, Jonas Reginaldo, Antônio Eufrásio, Flor de Neo Antonio Felipe, Joca Mendonça, o Compadre, Elisio Felipe, João Pé de Chumbo e Laurindo Alves.

Ainda teve outras atividades no comércio com vários ramos de negócio, mantendo padarias em diversos pontos da cidade. Por volta de 1922, instalou-se com um grande armazém de cereais. Mas, com o prosseguimento dos serviços a Estrada de Ferro de Mossoró, transferiu-se para S. Sebastião, hoje, município Governador Dix-Sept Rosado, onde abriu comercialização com sal, tecidos e cereais. Chegou mesmo a explorar um plantio de alho, milho e algodão, com que procurava ganhar o suficiente para manter a família, já numerosa.

Sua filiação às correntes políticas vinha do tempo do Dr. Almeida Castro, Jerônimo Rosado e Manuel Benício, contando na mesma linha, o Cel. João Ferreira Leite, seu compadre.

Mais tarde, quando as coisas tomaram novos rumos, já desligado da UDN, passou com alguns amigos, a acompanhar o lider Mota Neto e outras figuras militantes do PSD.

Sua atuação ficou famosa no tempo dos *perrés,* quando durante as eleições era conhecido o seu trabalho de transportar os eleitores, em caminhões da Várzea e dos sítios para a estação da Estrada de Ferro. Uma vez, chegou mesmo a ser bloqueada por grupos de capangas armados que tentavam impedir a deslocação dos eleitores para os lugares da votação.

Antes disso, ainda nos velhos tempos anteriores à Revolução de 30, foi eleito para cargo da Intendência Municipal, quando da mesma, em 1922, foi Presidente do Cel. Camilo Porto de Figueiredo. A essa época a Intendência constava dos seguintes cidadãos — Jerônimo Rosado, Delfino Freire da Silva, Francisco José das Chagas, Manuel Benício de Melo. O quadro dos suplentes era o seguinte: Dr. Antônio Soares Júnior, Francisco Vicente Cunha da Mota, Amaro Duarte Ferreira, Vicente Praxedes da Silveira Martins, ANTÔNIO SILVÉRIO DE MEDEIROS, Pedro Ferreira Leite e Francisco Borges de Andrade.

Em 1927, encontrava-se residindo em S. Sebastião, quando se deu o assalto de Lampião àquela Vila, queimando carros da Estrada de Ferro e cometendo toda sorte de depredações.

Durante o tempo que demoraram no lugarejo, enquanto percorriam as ruas e faziam suas estrepolias, os bandidos deixaram alguns cavalos amarrados na frente do armazém de Antônio Silvério. A respeito, conta-se que, o agricultor Manuel Felix, que se encontrava escondido dentro do muro do cemitério, teria ouvido uma conversa dos cangaceiros, quando um deles dizia: "não bulam neste armazém, pois é de um amigo meu". Depois, a história veio a ser esclarecida, sabendo-se que este cabra era Júlio Porto, que tomara parte com Massilon no ataque a Apodi, e fora, antes disso, motorista de Antônio Silvério.

Percebendo que era impossível esboçar qualquer resistência contra um grupo tão numeroso como era o de Lampião, Antônio Silvério, vendo tudo perdido, fugiu para Mossoró, em companhia dos seus amigos Feliciano do Vale e Vicente do Vale.

Em certo tempo, foi cobrador de contas da Empresa Força e Luz de Mossoró, dos Fernandes. Nesse trabalho, com uma pasta de couro pendurada na mão e fumando seu inseparável cachimbo, percorria as ruas da cidade, conhecendo os moradores de todas as casas.

Do seu casamento com D. Adélia Maria de Medeiros, que era natural da Serra do Martins, nasceram os seguintes filhos:

Luis Silvério de Medeiros
Luisa Adélia de Medeiros
Francisca Adélia de Medeiros — (falecida)
Raimunda Adélia de Medeiros
Elita Adélia de Medeiros
Adélia Adelita de Medeiros e
Francisca Santa de Medeiros.

O falecimento de Antônio Silvério de Medeiros ocorreu em Mossoró, no dia 29 de março de 1955.

LUÍS LULA NOGUEIRA

Um nome ausente nas ruas de Mossoró

A notícia desalentadora chegou, e infelizmente, era verdadeira. Só um bocado de palavras lacônicas, pronunciadas às pressas, que diziam:

— Morreu Luís Lula Nogueira. E se confirmava, assim, de modo lamentável que, "SEU LULA", tratamento popular dos seus amigos e do seu relacionamento com todo o povo de Mossoró, onde vivera maior parte do seu tempo, exausto de lutar entre alegrias e dissabores, despediu-se desta vida e partiu sem mágoas para a grande viagem do outro mundo, para o repouso da região da paz e do sossego da eternidade.

Talvez que poucos pensem nisso, talvez que poucos saibam que Lula Nogueira, uma admirável artista de obras raras, encheu um largo claro da vida social de Mossoró.

Nem ele talvez acreditasse na importância do serviço que desempenhava na instituição do lar e na constituição da família. Por isso, foi só, aparentemente, um modesto, curioso artífice de finas e originais peças de ouro. Por suas mãos passaram aquelas jóias que confeccionava com carinho e cuidadoso apreço. Não se contam os adereços e as obras de adorno que fizera por ajuste de ricas encomendas, com esse esmero em fabricar aqueles geniais enfeites da vaidade feminina, sua oficina pequena e mal iluminada, parecia um refúgio sentimental, um centro de convergência de afetos e de amizades, também de tantos sonhos jovens e de vagas esperanças, que resistiam aos embalos do desespero. E diante dos quadros, que eram quase sempre os mesmos, ele com certo faro psicológico, meio instinto, meio habilidade diante da fraqueza humana, com palavras macias e gestos contemplativos ,dava esclarecimentos sobre nomes, letras, datas e formato da jóia, chegando não raro, a

restabelecer velhos traços de amizades que se consolidavam, ali, diante dos simbólicos pares de alianças, que consagravam os noivados e firmavam perante a Lei de Deus e dos homens, aquele ato da indissolubilidade do casamento, base da família.

Demais, teve ligação com a vida grupal, tomando parte ativa nos movimentos das organizações de classe, notadamente da União de Artistas.

Como todo bom brasileiro, tinha lá sua cachaça pelo futebol, que nos velhos tempos, o arrastou em tantas tardes empoeiradas para os campos onde se disputavam grandes jogos, na quadra da beira-do-rio, no largo da cadeia, na praça Bento Praxedes, e no campo do Cajueiro, rico de tradições esportivas, onde brilharam o Humaitá, o Ipiranga, o Palmeiras e o Santa Cruz, em fase mais remota. Torcedor exaltado, sem chegar contudo, a vias de fatos. Recordo, ainda, sua presença, no carnaval de 1923, quando a batalha de confete tomou conta da Praça da Redenção, cheia de bonitos carros alegóricos, como o Cisne Branco, de Antônio Firmo do Monte, o Facista, de Eliseu Viana, e entre outros, o carro de Raimundo Jovino.

Mas, no esporte, sua atração maior sempre foi o xadrez, jogo de que disputava memoráveis partidas com o comerciante Antônio Gomes.

Tinha lá seu modo de encarar certas coisas da vida, e assim dizia ao jovem Antônio Alci:

— Menino, eu sou um homem realizado. Avalie que até no nome, Luís Lula Nogueira eu tive sorte, pois se não tenho tido a preocupação de manter a minha identidade, eu não passava de ser *Lula ourives*.

Homem de caráter e de firme reputação moral. Amigo dedicado e cidadão inarredável nas suas convicções. Exemplar chefe de família. Comerciante de trato certo.

Vez por outra, dava um pulo a Fortaleza, para matar saudades do seu velho Ceará.

Mas, no meio de tanta coisa boa, "seu LULA" também tinha suas quizilas. Delas, a mais forte era motivada por certos modos de proceder do menino Chico, seu filho, que não fazia muito caso da oficina.

Assim, num dia daquele tempo de agitação da guerra, despejou-se no campo de aviação de Mossoró um quadrimotor da força americana com quase todos os motores parados. O acon-

tecimento provocou curiosidade popular. O sargento Genário, para manter a ordem, suou a camisa, de metralhadora em punho para conter a turba enfurecida, quase desvairada.

Na hora da tarde, alguns dos tripulantes do avião sinistrado, rodaram pelas ruas, e logo formou-se em torno deles, na frente do "Café de Dona Maria", um grande círculo de curiosos, que findou num empurra-empurra violento, caminhando para uma confusão maior. Foi nessa altura que, lá da porta do seu estabelecimento, "Seu Lula" viu que seu rapaz estava metido naquele bolo. Gritou pelo seu nome e o moço veio correndo, achando graça, venturoso pela vitória de ter visto de perto, os aviadores, e foi desabafando:

— Papai, são os americanos!

Aí, seu Lula não se conteve, e explodiu:

— Chico, meu filho, americano também é homem!

E, agora, que você se foi "SEU LULA", não é demais que se pense que, alguém se encontra ausente nas ruas de Mossoró!

HENRIQUE LIMA

Um comerciante fixado em "Duas Épocas"

Não diria que ele tivesse sido um homem original, sem fugir à forma do lugar comum. Mas, para situar, exatamente, sua figura no tempo e no meio em que viveu, assistindo à transição de *duas épocas* da vida da cidade, teria de dizer que ele foi um tipo humano inteiramente diferente de tudo e de todos, projetado da linha mediana da sua geração para enfrentar os problemas da geração sucessora.

Os caminhos da sua história não têm, por isso, muitas variantes, dado que sua vida, pautada pela moderação e pelos atos do bom senso, não teve largas bifurcações, pois que girou, invariavelmente, em torno do denominador comum da atividade comercial, onde sua presença foi mais intensa e demorada.

Típica e organicamente, a figura ideal para representar nos limites do seu mundo, a velha escola do liberalismo econômico remanescente do século passado, cujo conteúdo doutrinário se fundamentava na "crença da personalidade humana e na convicção de que a fonte de todo o progresso está no livre exercício da energia individual".

Possivelmente sem nunca ter aberto um compêndio onde isso se ensinasse, Henrique Lima era a imagem dessa exaltação do individualismo, que era a própria estrutura da sociedade conservadora e tradicionalista.

Não tinha tempo ou não gostava de comentar essas coisas com todo o mundo, mas quando discreteava na roda dos amigos, sabia argumentar com fatos e exemplos, que evidenciavam sua percepção da conjuntura econômica. E afirmava: o comércio é só um intermediário que faz circular a produção, dominado pelo interesse do lucro. Já a indústria, prosseguia, centro de transformação da matéria prima, é quem cria a riqueza.

Se alguém que fosse estranho ao grupo, o ouvisse falar com aquela fluência, certamente, formaria a seu respeito, o juízo de que não era apenas, um simples homem de negócios, mas, um comerciante de mentalidade arejada com ampla visão do mundo e de alguns dos seus palpitantes problemas.

Contam, a seu respeito que, ao chegar a Mossoró, ainda muito jovem, passou a trabalhar numa grande firma, Vicente da Mota & Cia. As outras da sua importância, as maiores, aliás, eram Delfino Freire da Silva, Cavalcanti Alves & Cia. e S. Gurgel & Cia. Isto sem falar nas duas grandes casas exportadoras da praça, M. F. do Monte & Cia. e Tertuliano Fernandes & Cia.

Dominado por esse círculo de atividades, teve tempo Henrique Lima de viver "duas épocas" marcantes e extremamente diferentes, na vida da cidade. A primeira registra-se quando Mossoró ainda desfrutava do prestígio de ser o mercado abastecedor de todos os sertões vizinhos e até dos mais distantes, sem que ninguém se atravessasse em sua frente. Era, pois, o mais ativo centro de mercantilização para onde convergiram homem de negócio de nada menos de três Estados Nordestinos.

Aquele lugar, naqueles tempos, escrevia Câmara Cascudo:

> "vende e compra tudo em condições de pagamento imediato em espécie, ou em mercadoria. Mossoró é o sal. A fazenda resistente, o traje de festa, o enxoval do noivado, as "curiosidades" recentes, as "lembranças" para os que ficaram. Eram a louça, os remédios, os vidros, o brim H. J., a gravata radiosa, o sapato importante e rangedor, o chapéu de massa ou de palinha, o cinturão bonito.
> "A cidade-sem-fim. Muitos rapazes lhe deviam a iniciação do paladar e do sexo, a cerveja, o pão, a *muié-dama,* a facilidade dos contactos com as *mulheres solteiras*. Mandava-se trocar dinheiro em Mossoró."

Além disso, até em certos casos alguns vendedores de mercadorias estipulavam condições da moeda a receber. Conta-se que, o cap. Joaquim Manuel, do sítio "Madeiro" do Município de Pereiro, no Ceará, vendera uns fardos de algodão aos Tertulianos, mas estabeleceu a condição de só receber o pagamento se o *dinheiro fosse todo em patacões de prata.* Verificou-se um

corre-corre pela rua, à cata das moedas cobiçadas, que por fim, reunidas, foram contadas e recontadas, antes de serem entregues ao matuto cearense.

Essa "época faustosa" do expansionismo comercial, dizia Sebastião Gurgel, se estendera até o alvorecer de 1924.

Daí, atravessada essa "era do ouro", aluída nas suas bases pela crise desencadeada no mundo depois da Primeira Grande Guerra, que atingiu a praça violentamente, ninguém teve mais ilusões e todos passaram a viver a "era da decadência", quando a cidade já não era a mesma nem tinha condições de sustentar o seu potencial econômico.

Houve, é claro, tentativas frustradas procurando meios para que o comércio readiquirisse sua antiga força. Esforço baldado, perdido no espaço, pois além demais, apareceram concorrentes novos, como as estradas de rodagem e o caminhão — esse fura-mundo — e até cidade como Campina Grande, ponto onde se amalgamavam todas as energias e aventuras do comércio para todas as transações de compra e venda.

A situação torna-se quase caótica com o fato do distrato de uma das mais poderosas empresas do comércio exportador do Estado, a firma M. F. do Monte & Cia, cujas conseqüências se refletiram em Mossoró, como um verdadeiro impacto.

E nessa altura, aparece Henrique Lima, como o homem forte, agindo com lealdade, sem transigir, mas sempre conciliando, credenciado para defender os interesses de Miguel Monte de quem era merecedor de toda confiança.

Depois, já afastado do comércio, foi chamado para integrar a administração de um estabelecimento de crédito, onde se houve com o mesmo zelo, compenetração funcional e muito pouco riso. Nessa luta sem descanso, teve Henrique Lima, tempo e condições de construir um grande prédio para o banco, hoje denominado, em sua homenagem, com o nome do seu idealizador.

Quando dirigia uma empresa, procurava imprimir aos seus serviços, o seu personalismo. Daí, às vezes, algumas dores de cabeça que lhe sobrevinham. Numa delas, quase perde a paciência, quando um funcionário de pouca experiência, discutiu a impropriedade de um lançamento contábil. Foi chamado à ordem. Teimou. Bateu com a língua nos dentes. Abriram-lhe a porta que dava para a rua.

Hoje que, quase todos já se foram da circulação deste velho mundo para as "avenidas iluminadas" e tranqüilas da eternidade, sei que muita gente gostaria de perguntar:

— Bolivar, aquele lançamento estaria mesmo errado?

Mas, não seria razoável encerrar este registro sem lembrar os nomes dos amigos de HENRIQUE MACIEL DE LIMA, que vão aí:

— Vicente de Almeida, Antônio Gomes, Edgard Medeiros, Renato Rebouças, Osmídio Juvino, Quinca Moura, Alexandre Marrua (Masrua?) Sebastião Gurgel, Padre Luís Mota, Dr. Lavoisier Maia, Chico Mota, Jorge Freire, Lula Nogueira, Costinha de Horácio, Humberto Mendes, Dix-Sept Rosado, Dr. Soares Júnior, Lauro da Escossia, Walter Wanderley, Aristides Barcelos, Décio Barbosa, "seu" Avelino Cunha, Chico Bessa (ambos gostavam de falar de vaca turina), Cel. João Leite, Rubens Pinto, Manuel Duarte, Joca Bruno, José Soares, Amâncio Dantas, João Niceras e "seu" Garcez, Amâncio Leite, Jorge Freire e Targino Soares.

RAUL CALDAS, UMA INTELIGÊNCIA GENIAL

Mergulhada no indiferentismo da geração sucessora

Evoco, neste registro, a presença do ano de 1973, e da sessão na LOJA MAÇÔNICA "24 DE JUNHO", quando falando nas solenidades oficiais, promovidas no decurso do 30 de Setembro, tive minhas palavras finais endereçadas à memória de RAUL CALDAS, um extraordinário pensador a quem chamaria Câmara Cascudo de *"uma sinfonia inacabada!"*

E de certo, tive na ocasião uma excelente oportunidade convocar na paisagem literária de Mossoró, os homens de pensamento, os espíritos dedicados à cultura, e em particular, a *nova geração das escolas,* e os que fora dela estão, para o retorno e um reexame da personalidade de Raul Caldas, um polígrafo admirável, uma mentalidade do mais alto padrão filosófico, uma inteligência dispersiva, com dons de genialidade, mergulhada no indiferentismo da geração sucessora.

Preocupado ainda em fixar aspectos da sua vida que não ficaram escritos e que perpassam pela memória dos amigos, certamente, mais tarde ou mais cedo, endereçados ao esquecimento e a poeira do tempo, andei revolvendo o almanaque onde estão relacionados os que foram seus afeiçoados e com ele privaram mais de perto, e pedir-lhes que escrevessem, que relatassem fatos, que contasse as *histórias do seu tempo...*

O essencial era não deixar que essas coisas se perdessem.

E não é que chega o primeiro desses videntes da boa vontade, trazendo um valioso depoimento.

Seu nome? parece que estou ouvindo a pergunta dos incrédulos...

— RAIMUNDO GURGEL, o bancário milenar, egresso do chão da pedra d'ABELHA para a integração na honorabilidade do afeto mossoroense, é quem manda um curioso depoimento

sobre RAUL CALDAS, uma estatura intelectual, a quem ainda não se fez a necessária justiça, em sua terra.

Ô assim, inicia Raimundo Gurgel a sua história:

— Comecei a privar com Raul Caldas, tão logo cheguei ao Rio de Janeiro, quando iniciei os estudos, lá pelos idos de 1912. Ele já fazia o Curso de Química Industrial e eu entrava para a Academia de Comércio do Rio de Janeiro (esclaço, hoje, Faculdade Cândido Mendes). No contacto de nossa vida estudantil, fomos sempre muito íntimos e amigos certos de todas as horas. Prova disso, vai o relato de alguns fatos que lhe faço, atendendo à sua intimação de escrever sobre a pessoa daquele companheiro de quem guardo as melhores recordações.

Lembro, assim, que um dia qualquer, entra ele, atabalhoadamente, no meu quarto de estudante, por sinal sempre muito ,mal arrumado, e com aquela alegria sua e aquele seu modo sempre jovial, vai dizendo, a queima-roupa: "Seu Raimundo, eu preciso de dinheiro!" Diante do imprevisto, nem me preocupei de perguntar-lhe de quanto precisava ,pois também, naquele dia, eu estava "duro". Se me virassem de cabeça prá baixo, não caíam dois vinténs dos bolsos das calças. Mas, dando ele umas voltas em torno da minha banca de estudos, deparou, nem sei como, com alguns níqueis que mal dariam para comprar um jornal. Ali, mesmo, estirando a mão, foi juntando as escassas moedas e metendo tudo no bolso, saiu dizendo: "tenho pena, mas não vejo outro jeito. Mesmo liso como você está, companheiro, este dinheirinho eu levo comigo". E lá se foi sorrindo. como chegara ... Um meninão, este meu amigo Raul Caldas!

Numa outra ocasião, na véspera do Carnaval, apareceu-me ele, com o ar mais indiferente deste mundo, indagando aonde ia eu passar os três dias da folia do Rei Momo. Como habitualmente, eu subia para a serra, fui respondendo:

— Ora amigo eu vou para Friburgo. E ele decidiu logo: muito boa idéia, pois também vou com você, "seu Raimundo". E confesso: o passeio só não foi melhor, porque o nosso Raul não tinha dinheiro de espécie alguma. Como as minhas economias divididas por dois logo se esgotaram, tivemos de voltar no 2.º dia da festa. Lamentando aquele imprevisto, ele comentava, alegremente: "seu Raimundo, o homem sem dinheiro não é filho de Deus!"

E nesse giro da vida e das coisas, lá um dia, Raul descobriu o meu aniversário. E como era do seu temperamento co-

municativo e social, fez um grande movimento para a comemoração, tendo reunido Gastão Câmara, Urbano Maia, Enéas Gurgel, Ciro de Carvalho Gondim e numerosos outros conhecidos e conterrâneos, cujos nomes já nem me vem à memória, no momento. Invadido o pequeno apartamento, depois de um franco bate-papo, dirigimo-nos para o LABARDA, um restaurante modesto, de estilo francês que na época era bem freqüentado por dois motivos: o bom asseio que apresentava, e o baixo preço cobrado pelas refeições, custando apenas, 1.400 (mil e quatrocentos réis) por pessoa. O *comes e bebes* foi dos mais animados e do meio para o fim, Raul um tanto "grogue", vermelho como um pimentão, começou a fazer revelações sentimentais, e contou que tinha um romance com uma menina muito prendada, que a família ajudava o namoro, mas que ele ia romper, acabar com aquela "droga". Sabem por que? Só porque a moça era rica. E arrematou furioso: Não veem que eu não tenho jeito de ser marido da filha do papai rico? Mais tarde, veio-se a saber: a jovem casara com outro e não foi feliz.

Finalmente, Raul Caldas terminava o Curso de Química Industrial. Aluno classificado, brilhantemente, em primeiro lugar, foi escolhido como orador da turma. Na solenidade de colação de grau, pronunciou um discurso eloqüente, que empolgou a assistência e impressionou o Ministro da Agricultura, ali presente, Dr. José Bezerra, que cumprimentou-o, pôs em relevo o seu valor, a ponto de dizer-lhe: "menino, me apareça no Ministério, para dizer o que deseja, pois eu estou disposto a ajudá-lo".

Gesto idêntico teve um dos diretores de Lages & Irmãos que fez oferecimentos vantajosos, tendo Raul procurado se omitir no recebimento desses favores, pois o desejo dele era retornar ao Rio Grande do Norte. E ir para Macau, como de fato foi. Aí, instalou uma pequena indústria de xarqueada, empresa em que não foi lá bem sucedido.

Muitos anos depois, fizemos reencontro em Mossoró, cada um seguindo caminho diferente, porém, sempre bons amigos.

Com o correr do tempo, Raul Caldas adoece, chegando seu estado a merecer preocupações. Agravada a situação, foi internado, tendo alta com alguns dias, mas longe de aparentar boa saúde. Mesmo assim consegue pela segunda vez lembrar-se do meu aniversário e comparece todo eufórico à minha residência,

onde se encontravam alguns velhos amigos. No meio da alegria de todos, ele quebrou a prescrição, rompeu com o regime e fez tudo quanto não devia fazer. A tal ponto se excedeu que, seu médico assistente, ali presente, Dr. Júlio Cesar, vendo aquilo, advertiu, cordialmente. Então, Raul voltou a ser o meninão, e disse: "Dr. Júlio, seja camarada. Faça de conta que não está me vendo".

Depois, não resistiu muito. Acamava-se para não se levantar mais.

Num dia de muita chuva, numa modesta casa do ALTO DA CONCEIÇÃO, expirava tranqüilamente. Teve um enterro concorrido, apesar do temporal que caía.

Aquele que fora em vida, *"uma usina iluminando uma aldeia"*, apagara-se para sempre!

VICENTE LEITE DE OLIVEIRA

Sua vida era o retrato dos autos do cartório

Diante das duras eventualidades, que se sucedem a cada hora, no cotidiano da vida, até as lamentações vão perdendo o sentido do desalento, pois todo o dia, a rua fica mais vazia, mais desolada e mais triste, desfalcada de algumas daquelas figuras, cujas presenças circulavam por todos os seus quadrantes, distribuindo alegria, confiança e sensação de solidariedade. Algumas destas eram absolutamente inconfundíveis, a exemplo de VICENTE LEITE DE OLIVEIRA — LESSA — o mais famoso dos escribas, sempre presente em todos os episódios do tradicional Cartório de "Seu Bidas", fixado na Rua Almeida Castro. O auxiliar compromissado no notário turbulento, Vicente Leite recentemente falecido, era um tipo curiosíssimo e por si valia como a própria essência da popularidade, ondeando pelas velhas e tranqüilas ruas da sua querida Cidade de Mossoró.

Este homem invejável, sem ostentação, vaidades ou faiscamento de riquezas, teve seus dias iluminados pelos clarões da mais expressiva simplicidade, e como foi sempre uma criatura boa, sincera e cheia de uma alegria compreensiva, seu destino se ajusta perfeitamente aquele grande pensamento de Câmara Cascudo, quando afirma: "a morte existe, os mortos não!". Isto porque, na verdade, Vicente Leite fazia parte daquele grupo de viventes venturosos para quem a morte é apenas uma separação momentânea entre as tormentas da terra e a tranqüilidade da vida eterna.

Sua identidade está traçada como num livro aberto.

Nasceu Vicente Leite de Oliveira, em Mossoró, em casa da antiga Rua Pe. João Urbano, hoje Governador Dix-Sept Rosado, no dia 21 de novembro de 1897. Faleceu na mesma cidade, em 26 de outubro de 1974, contando, então, a idade de 77 anos.

Foram seus pais Tertuliano Leite de Oliveira e Luzia Francelino de Oliveira, ambos falecidos. São seus irmãos: João Anastácio Leite, contador aposentado, residente em João Pessoa, Pb. e Francisco Leite de Oliveira Neto (Xixico), funcionário aposentado dos Correios e Telégrafos, domiciliado e residente em Mossoró.

Vicente Leite casou-se em primeiras núpcias com Adelvina Alves de Oliveira, aluna da antiga Escola Normal, já falecida. Contraiu segundo matrimônio com Zilma Cunha da Silva, não deixando descendentes.

Sua escolaridade é apontada como tendo sido aluno do Grupo Escolar 30 de Setembro, e depois, freqüentado as aulas do Colégio Diocesano Santa Luzia.

Ainda jovem, já auxiliava seu pai nas atividades do comércio. A esse respeito conta o professor Mário Cavalcanti, seu companheiro de velhos tempos: "de 1917 a 1927, eu e Vicente Leite fomos amigos inseparáveis. Ele trabalhava com o pai, numa padaria, na esquina da Praça Vigário Antônio Joaquim com a Rua do Comércio. Eu era empregado na Casa Cavalcanti, e posteriormente, na Mesa de Rendas Estaduais. Todas as noites, nos encontrávamos na Rua das Flores, em frente do Mercado, de onde saíamos, quase sempre para os subúrbios, a procura das festas. Aos sábados, dias mais movimentados, a atração era a dos bailes, arrasta-pés e lapinhas, lá pelos Paredões, Alto da Conceição, Pereiro, Bom Jardim e Baixinha. Havia outros pontos de visitas, como o Beco-do-Pau-Não-Cessa, a Rua 13, o Canhão-de-Chico-Amâncio e o Jaburu, onde sempre se brigava e não raro o pau roncava forte. Velho tempo da mocidade! feliz, esquecida!".

Em outra época foi Vicente Leite auxiliar da firma J. Garcez. Chegou a ser escrivão da polícia, e foi mais tarde, auxiliar compromissado do Cartório de "Seu Bidas" — Manuel Teixeira de Holanda. O cartório, com o falecimento do seu serventuário passou a Pedro Soares de Freitas, continuando aí, Vicente Leite. Anos passados, abandonou a vida do tabelionato e foi nomeado Secretário da Câmara Municipal de Mossoró, cargo que exerceu até 1972, quando foi atingido pela compulsória e aposentado no mesmo.

Sendo uma figura tradicional da cidade, tomou parte em vários círculos das suas atividades sociais esportivas, sendo

remanescente do grupo que, em 1920, fundou o IPIRANGA ESPORTE CLUBE, de cuja equipe foi um dos participantes do mais vivo entusiasmo na defesa do time da camisa preto e branco.

Apesar de ser um espírito alegre, era, por vezes cavaquista. Assim, ali por volta de 1930, Zé de Vasconcelos publicou no "FESTEIRO", uma quadra sob o título:

CASA OU NÃO CASA? assim redigida:

"Vicente casar não pode, / Pede a noiva prá esperar /
Vem a noiva e lhe grita / Vicente vai se casar." /

Pois vejam lá, esta brincadeira, por pouco, não me valeu umas bengaladas, na porta do Café de Luis Peito de Aço...

Mas, já em 1931, surge um caso novo, e Zé Vasconcelos volta a escrever:

HISTÓRIA DE UM BOI BENEMÉRITO

"Raimundo Nonato e o Vicente Leite eram *políticos,* isto é: indesejáveis um ao outro, isto desde o ano passado... por causa de uma bisbilhotice do "FESIEIRO". Tolices.

Um homem lá das bandas do Jucurutu trouxe um enormissimo boi de 40 arrobas de carne. Não podendo vender, mete-o numa rifa por um conteco, a 10$000 o bilhete.

O professor Mundoca comprou uma metade e disse ao homem: arranje um sócio para o bilhete inteiro. Vai daí, o dono do boi vendeu a outra metade ao Mestre Meira. Quando ambos tiveram conhecimento do arranjo estremeceram!

Eram sócios sem quererem. Mestre Meira (Lessa) dizia que o bilhete seria goiro! O Mundoca (ou Cinzento) não pensou de outro modo.

Eram dez mil réis perdidos!

O diabo meteu o rabo no meio e... zas... o bilhete n.º 41 saiu premiado.

Quando ambos os portadores souberam que foram agraciados da fortuna, começaram a conjecturar uma trama, procurando cada um, iludir o outro. Mas, as testemunhas fizeram o efeito de água na fervura.

Ninguém mais pensou em enganar...

Apareceu comprador e o boi foi vendido por 600$000 (seiscentos mil réis)!

Foi isso como um pesadelo... de flores... perfumes!...

300 bicos para cada um!...

E o rancor foi moderando, até que, ao receberem os felizardos aquela boa maquia, acabaram por um longo abraço, ali no "Café Bessa".

Talvez com a lembrança desse tempo, lá se foi o bom do Lessa, fumando sua pontinha de cigarro!...

VICENTE FERNANDES LOPES

Livro do Mérito Nacional da Medicina

De nada valeu a deslocação do meio, pois o processo da aculturação não teve força de modificar o seu espírito.

De tudo, uma conclusão da vitória do regional expressa neste enunciado: *a ciência não fez o homem esquecer o sertão*.

Dr. VICENTE FERNANDES LOPES vem de troncos sertanejos da melhor linhagem, pois descende em linha reta de tradicionais famílias radicadas na influência das águas que descem da Serra de Luís Gomes dando origem ao Rio Apodi ou Mossoró e engrossando por seus numerosos contravertentes.

Porque conserva dessa origem todo o potencial orgânico da raça preadora de índios e plantadora de currais de gado é que Vicente Lopes, médico de renome, projetado pelo seu valor nos círculos científicos do País, mantém uma legítima e heróica fidelidade ao seu passado, retratado no apego à terra distante, de onde saiu menino para enveredar por outros roteiros da civilização, e para onde volta sempre em pensamento, num milagre retentivo do afeto, que salva o homem de se tornar medíocre.

A imagem do sertão que ele conserva e sente, como viu no entreabrir de suas primeiras esperanças, tem o mesmo sentido telúrico em que se modelaram gerações de homens fortes, de rijos fazendeiros e de arrojados vaqueiros, que se uniram na luta comum contra os rigores de uma natureza por vezes madrasta, e das secas que os fustigavam, como um flagelo dos deuses.

O caso Vicente Lopes é uma prova evidencial do pensamento de Victor Hugo: "a alma da terra passa para o homem".

Menino do mato, filho de família remediada, longe de ser rica, mas vivendo sem aperturas, *desasnou as primeiras* letras na leitura soletrada da escola antiga, começando pelo rascunho,

imitando o traslado e tirando às *quatro espécies de conta* com a velha professora do sertão.

Retocado com essa passagem do cepilho pela superfície da inteligência, foi encomendado (melhor diria, despachado) para Mossoró, onde freqüentou a Escola PAULO de ALBUQUERQUE, que funcionava num salão nos altos da Cadeia Pública. Aí, fomos colegas, ambos, nas aulas do Prof. Raimundo Reginaldo. Em curto prazo, como outros, habilitou-se no conhecimento das matérias do exame de admissão à Escola Normal de Mossoró.

Não demorou muito na escola do Prof. Eliseu Viana e de Dona Celina, esperando o canudo de mestre-normalista. Suas ambições imaginavam vôos mais altos e, no outro ano, já estava em Natal, prestando exames de madureza, no Ateneu, no regime de uma reforma de ensino (esdrúxula como tantas que emperram a marcha do aprendizado dos moços estudantes) cuja disciplina finalista, no primeiro ano, era Moral e Civismo. A prova escrita era corrigida em Recife, pelo prof. Joaquim Amazonas.

Retornando a Mossoró, ingressou no Ginásio Santa Luzia, sob o regime de fiscalização federal, com a presença do Inspetor Hugo Aranha, que residia em Salvador, Capital do Estado da Bahia.

Não é possível deixar de mencionar, dessa viagem de Vicente Lopes a Natal, uma revelação confidencial que me fez, ao tempo, o estudante de Luís Gomes:

— Raimundo, aquilo é que é lugar. Ninguém presta atenção à gente. Olhe, passei quinze dias com esta jabá azul-marinho, e parecia tão bem vestido que ainda arranjei uma namorada lá pela Rua da Misericórdia. E que nome bonito tinha a menina: Rosa da Clarineta.

Mas, terminadas as humanidades ,através de reformas que se sucediam, Vicente Lopes não parou mais.

Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal, entre seus inúmeros colegas, lembro o nome do Deputado à Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara, professor Francisco da Gama Lima Filho.

Médico legista e homem de alta cultura científica, o Dr. Vicente Fernandes Lopes é uma figura brilhante que honra a inteligência do seu Estado, o Rio Grande do Norte.

Com atividades em outros setores, industrial salineiro, homem de negócios e elemento de projeção nas classes produtoras do País.

Conhecedor dos problemas do Nordeste e das condições do seu povo, fez-se impressionante o interesse que demonstra pelas coisas da região, motivo por que continua sendo na Grande Cidade um autêntico homem do sertão, integrado profundamente nas tradições do velho clã, onde predominaram os poderosos patriarcas da Zona Oeste, os seus coronéis chefes-políticos, em suma, os donos do poder.

Destaque especial ao seu valor: o nome do Dr. Vicente Fernandes Lopes figura no LIVRO DO MÉRITO NACIONAL DA MEDICINA.

JAIME HIPÓLITO

a velha Rua dos Camelôs

"Os camelôs da Rua da Alfândega foram ao Palácio da Guanabara pedir amparo ao Governador, no sentido de assegurar a sobrevivência do grupo ameaçado pela fiscalização, cujo comércio, explorado pelas calçadas, constitui uma das mais velhas tradições da cidade" (dos jornais).

O tópico da gazeta, assim apresentado, fez recordar-se o nome e voltar à leitura do livro de Jaime Hipólito Dantas, de Mossoró — O APRENDIZ DE CAMELÔ —, lançado recentemente, com apresentação do alagoano Waldemar Cavalcnti, um dos pontificadores da crítica literária nacional. É volume de contos, um gênero aliás, difícil e por isso mesmo raro.

Nesse itinerário novo, Jaime Hipólito tenta fixar uma vitoriosa estréia no mundo dos livros. Mas, só no mundo dos livros é estréia, pois no outro lado da vida, no grande e intenso mundo das atividades literárias e do cotidiano da imprensa é ele o nome projetado, brasileiro vacinado e sarado em todos os percalços do jornalismo da província. Aí reside, realmente, um dos motivos fundamentais da sua função intelectual, integrado nas dificuldades do jornal, nas definições dos seus momentos decisivos e nas suas lutas. Quem sabe lá? Marcado pelas brigas inevitáveis, com ameaças de pancadaria, de sopapos. Passando entre olhares de revide. E até de veladas insinuações de esganamento.

Mas tudo isso tem seu tempo certo. Sua hora marcada. Porque, em fim, tudo passa sobre a terra. A frase é velha e oca, porém, não perde o seu sentido de atualidade. Hoje qualquer inovacionista diria a seu respeito: é frase enxuta. Como quer que seja, não chega a ser um lugar-comum.

E, por tocar nessas coisas, não é fora de tempo que, falando de imprensa e de suas *agradáveis incompreensões,* relembre,

nesse encontro com Jaime Hipólito Dantas, homem de jornal, com feitio combativo e sempre apaixonado pelas idéias que defende, os nomes de intrépidos argamassadores do periodismo mossoroense, em dias mais recentes. O tempo não os distanciou muito na grande peregrinação ideológica. José Martins de Vasconcelos, José Octávio e Jorge Freire, um de Apodi, outro da Paraíba e o terceiro do Aracati, foram todos, embora alienígenas, radicalmente afeiçoados à terra, que fizeram sua para toda a vida.

Cidadãos formados na velha escola da lealdade partidária, como homens de imprensa, não deixaram de ser vítimas de odiosidades, em dados momentos em que, desarvorados da segurança da liberdade, o que mandava, indiscriminadamente, era o talento da força, o arbítrio do poder parcial e injusto.

Mas isto é capítulo de outra história diferente, que Jaime Hipólito poderá um dia vir a contar.

Neste comentário ao livro do *conteur* nordestino e no contato com as suas figuras sempre assoberbadas de preocupações só me resta pensar que, na urdidura dos temas, alguns até de profunda intensidade psicológica, o autor procurou, consultando o submundo e a vivência desses tipos, realizar uma obra de natureza diferente, marcada pela dimensão da originalidade e pelo colorido novo que empresta aos seus aspectos humanos.

A técnica recorrida pelo ficcionista, na posição em que situa os casos, é perfeita, e sente-se que sua objetivação foi atingir o plano ideal da obra de arte, que se integra na concepção do pensamento, da forma e da estilística.

Jogando com esses artifícios da imaginação e derivando pelas digressões da vida, no drama das suas faces e na fuga das suas explosões, o utor mantém encadeado o enredo das novelas, enquanto o expectador permanece preso à sedução extraordinária da velha e sempre nova arte de contar histórias. A magia e o encantamento desses relatos têm território e continentes próprios.

O exemplo a apontar seria, no caso, o da literatura oriental, em particular, o do povo árabe, dominado por uma profusão admirável de contos tradicionais que passam pelas gerações e por elas são levados a outros tempos e a outras gente, através das histórias de navegantes e beduínos de chefes de

tribos, de salteadores do deserto e dos próprios interpretadores do Alcorão e da palavra do profeta.

No caso brasileiro, o mérito pertence todo ao trabalho do professor Melo e Souza, o famoso escritor do mundo árabe, Malba Tahan, sem dúvida o mais impressionante contador de histórias de que há notícia por estas terras do Brasil.

O livro do escritor mossoroense, no seu itinerário, é uma reafirmação positiva de que o conto continua sendo um gênero de exceção, e desfruta, privilegiadamente, do gosto e da preferência do leitor popular. Para contista como Jaime Hipólito Dantas a história surge sempre de um fato provocado. A motivação desperta o seu poder de criar, pois na invenção residem o segredo e o artifício da fabulação.

A rigor, o conto, mais que qualquer outro gênero literário, requer essa capacidade de inventar o assunto, pois a arte de fazer e contar histórias, que é das mais antigas, exige formação e disposição de temperamento para adaptar o esforço de criar a influência e o estado emocional do artista. Os mestres do conto universal nunca fizeram mistério que implicasse em dificuldades à arte de ser contista. Até, de uma feita, quando perguntaram a Guy de Maupassant, o lúcido, extraordinário gênio da loucura, qual seria a melhor técnica para escrever um conto, respondeu o autor da *Bola de Sebo*: "É só encontrar um bom começo e um bom fim".

A lição de simplicidade do escritor não se perderia no vácuo. Seu exemplo deveria criar uma multidão de renovadores da sua arte e do seu proselitismo genial.

O APRENDIZ DE CAMELÔ, aparecido em fronteira tão distante desse hemisfério intelectual, é um livro destinado a permanecer. Nele, Jaime Hipólito Dantas criou o diferente, conservando o natural. Daí o seu sentido novo de originalidade. De um autor que se encontrou no livro. De um livro que realizou o autor.

ACADÊMICO VICENTE DE ALMEIDA

Uma presença nos dias da VELHA LAPA

Sabem que pensar nos amigos é um excelente exercício de memorização?

Pois foi por uma coisa dessas, que numa tarde ensurdecedora dos dias cariocas, encostado num recanto de parede por onde não cruzavam os automóveis furiosos, estendi os olhos, a vista ao longe e observei a silhuêta cinzenta dos ARCOS SECULARES CONSTRUÍDOS PELO CONDE DE BOBADELA — GOMES FREIRE DE ANDRADE — Governador Geral do Rio de Janeiro, de 1733, e que permaneceu no cargo por quase 30 anos. Como tantas outras iniciativas progressista desse grande administrador, que criou no Rio uma oficina tipográfica, o aqueduto Carioca se destinava a canalização das águas do Morro de Santa Tereza para o abastecimento das ruas centrais.

E isso faz tanto tempo, já para mais de dois séculos e os Arcos do Conde de Bobadela continuam rijos, impávidos, desafiando os tempos e as tempestades, a segurança e a técnica das modernas estruturas do cimento armado.

Agora, os Arcos estão descobertos para o lado do mar, com a destruição de *vários quarteirões da VELHA LAPA.*

Numa obra arrazadora de que não ficou pedra sobre pedra, ruiram os grupos dos *vetustos sobradões do centro* (aquela espécie de ferro de engomar) comprimido entre as Ruas MEM DE SÁ e VISCONDE DE MARANGUAPE, onde viviam todos os negócios, como fossem barbearias, casas de ferragens, farmácias, bares, bancas de engraxates, sapatarias, restaurantes, lanchonetes, bilhares, açougues, casas de remontes de roupas, soldadoras, botequins, boites e cabarés famosos pela humanidade que os freqüentava, a mais promíscua e diluída zona do meretrício, do sexo e do vício, de que era o império, antes que

outros bairros, hoje, de avenidas iluminadas, lhe viessem disputar a primazia.

A LAPA era um pequeno Céu ou um grande Inferno, onde corriam no mesmo plano a devassidão e a orgia mais dispudoradas.

Hoje, tudo acabou.

A paisagem do local é inteiramente nova, transformado que foi numa grande praça clara e iluminada, com jardins e canteiros bem cuidados, circundada de largas ruas, onde o trânsito mergulha na mesma angústia — ora engarrafado com filas quilométricas, ora no desrespeito da sinalização e na loucura da velocidade com que os carros procuram abrir caminho, batendo uns nos outros, virando, matando, segundo a lei do absurdo.

Ali, daquela esquina, aonde foi o "CAFÉ INDÍGEHA", fico olhando para o lado oposto, e fixo o prédio do antigo Hotel da Lapa, hospedagem preferencial dos parlamentares de Minas Gerais e de outros Estado do Norte e do Nordeste.

No prosseguimento da Rua da Lapa, que também já foi Lapa do Desterro (tudo hoje completamente desfigurado), tento localizar o *número 85,* que já não existe. No ponte, é uma área de estacionamento da A.C.M. (Associação Cristã de Moços) que veio do Morro do Castelo para instalar-se ali com seus serviços de ensino e instituições culturais.

Parece que estou ouvindo a pergunta —: E por que o número 85?

Ora, porque aí, em 1922, era a Pensão do Acadêmico de Medicina Vicente de Almeida. Dele e outros norte-riograndenses, dos quais recordo o nome de um seu colega Gentil Ferreira de Souza, engenheiro, Prefeito de Natal, homem de rara inteligência e cidadão admirável. Prefeito da Capital, realizando obra que lhe consagrou a memória no respeito dos seus conterrâneos.

Essa época inconfundível ficou marcada na crônica do Rio de Janeiro pela movimentação dos grandes cafés, onde se aglomeravam multidões em torno das suas mesas, como foram em outros pontos o Indígena, o Nice, o Java, o Jeremias, famoso pelas suas tertúlias, lá na Praça II, o Belas Artes, o Papagaio, dos intelectuais e dos boêmios na Rua Gonçalves Dias. O Grande Rio viveu seus grandes dias na convivência dessas rodas, numa

quadra que deixou memórias dos nomes e das figuras de uma geração.

Depois, paralelamente, surgiam os cinemas com suas orquestras que eram motivos de atração e de encontros sociais, como ocorria nas salas do Paris, do Parisiense, do Paté, do Odeon, do Alhambra, do Iris, do Ideal e dos poeiras, como o Rio Branco o Floriano, o Popular e o Primor. Nessa altura, ainda Francisco Serrador não construíra a Cinelândia, que seria o centro dos grandes cinemas do Rio de Janeiro.

Mas, o fato é que o estudante Vicente de Almeida, fora das horas de aula, sabia aproveitar seu tempo, e estava em toda a parte. Lá um dia, aparece no Tribunal do Juri e ouve Evaristo de Morais, defendendo com veemência, uma pobre prostituta. De outra feita, fura o cerco do protocolo e sem convite, penetra no Silogeu e assiste à uma sessão solene da Academia Brasileira de Letras. E como não bastassem lá está postada à porta do Supremo Tribunal Federal para presenciar a entrada do Ministro Espirito Santo Cardoso, que mesmo doente vinha votar o negar provimento a um pedido de habeas-corpus impetrado contra o poder público.

E ninguém dá melhor notícia do que ele da presença do Dr. Jacarandá no meio acadêmico, onde nunca entrou, e de onde nunca saiu.

Segundo é voz corrente, Vicente de Almeida tinha lá suas disposições vocacionais para o Direito. Deveria ter sido bacharel. E que grande advogado perdeu o Rio Grande do Norte!

Mas, formou-se em Farmácia pela Escola do Recife.

Sua botica em Mossoró era uma verdadeira academia.

Devo a esse econtro de intelectuais, grande parte da minha escassa sabedoria.

Vicente de Almeida, ao tempo de estudante, tinha uma memória de grude. Bastava passar a vista num escrito e decorava tudo. Quando vinha para as férias em Mossoró, comparecia, à noite, a umas famosas reuniões políticas, na chácara do Cel. Bento Praxedes, o chefe político situacionista, e lá causava admiração aos presentes, entre outras coisas, porque sabia de cor, os nomes de todos os parlamentares do Brasil, senadores e deputados, sem omitir um só.

Mas, a história da farmácia é importante.

Durante o meu curso da Escola Normal ,era Vicente de Almeida quem me emprestava os livros em que estudara na

Academia. E por minhas mãos ignorantes passaram os soberbos compêndios de NOBRE, PESSEGUEIRO e LANGLIBERT. Por pouco não me fez decorar Leo TESTUT, de cabo a rabo, como sabia o professor Luis de Góis, do Recife. SEM nem esquecer — PIZON — o grande que descansava em sua estante.

Guardo de tudo isso, a recordadora imagem da minha gratidão pelo benefício recebido.

CASCUDO RODRIGUES

Um livro sobre os direitos da mulher

A essa altura, já a história está contada. Refeita nos seus argumentos essenciais. Com os seus fatos definitivamente registrados. Definida à luz de documentação irrefutável, irretorquível. No seu itinerário tudo o que resta fazer é repetir a forma e os nomes dos pioneiros de um movimento ideológico, cujo eclodir foi um toque de alerta na indiferença dos velhos e taciturnos donos do poder. Numa espécie de estagnação dos tempos, eles viviam alheios às realidades do momento, sem idéia da preocupação que começava a tumultuar o século.

E daí, pouco, agora, resta que fazer ou mesmo acrescentar, pois o assunto está esgotado no livro de J. B. Cascudo Rodrigues — A MULHER BRASILEIRA — Direitos Políticos e Civis.

Estado reconhecidamente de pequena significação na geografia nacional e de importância reduzida nas deliberações de ordem política, mesmo assim, sempre contribuiu para a vitória dos princípios da liberdade.

A certa época teve voz de comando em acontecimentos decisivos na vida dos partidos, mas depois do afastamento de Amaro Cavalcânti e de Tavares de Lira dessas órbitas partidárias deixou de ser ouvido nas grandes deliberações do Partido Republicano Federal, a força política que aglutinava o poder de mando dos grandes Estados da Federação.

Pois foi nessa situação de evidente desprestígio que o Rio Grande do Norte deu motivo a uma afirmação que vale por grande depoimento da sua vida política:

> "Um Estado, cuja pequenez geográfica contrasta com a grandeza moral, agora mesmo provada no largo passo audaz com que traça normas à Federação".

O depoimento, assim expresso, não é de gente de casa, para se tornar elogio. É a palavra de Lauro Sodré, no parecer lido no Senado Federal, no ano de 1928, sobre a eleição do Senador José Augusto Bezerra de Medeiros.

A afirmação exprime, na verdade, um sentido novo, no campo e no debate doutrinário, onde se discutia, com certo ineditismo, o direito do voto da mulher brasileira.

O registro estava vinculado a uma modificação introduzida na legislação estadual, decorrente de emenda apresentada ao projeto inicial pelo Deputado Adauto Câmara.

Dos debates surgidos e das contradições dos votos resultou a aprovação da Lei 606, de 25 de outubro de 1927, que assegurava à mulher norte-riograndense o direito do voto.

A matéria assim aprovada, a única no Brasil e sem exemplo na vida das repúblicas sul-americanas, constituía extraordinária vitória, concedendo as pressogativas da cidadania à mulher potiguar, permitindo-lhe concorrer, em igualdade de condições, nas manifestações do sufrágio universal. E podia ser votada.

Na sua marcha, a história secreta dessa campanha já não tem segredos para o pesquisador de hoje. Foi contada. Esmiuçada. Debatida nos seus mínimos detalhes.

Agora, decorridos mais de 30 anos, a experiência pode ser analisada Comentada. Reexaminada no seu sentido jurídico e constitucional.

É, portanto, matéria vitoriosa. Consagrada no espírito da lei no âmbito nacional. Adotada em todas as normas e codificações do direito eleitoral. Doutrina mansa e pacífica nos domínios da jurisprudência.

Nessa altura, não há por que pensar, senão em pôr em destaque as suas figuras pioneiras, nomes como os de Juvenal Lamartine, Mozart Lago, Lauro Sodré, José Augusto e Adauto Câmara, alguns já desaparecidos, mas de memória sempre relembrada, porque o tempo se encarregaria de valorizar o trabalho de todos e o alto espírito de deliberação e de confiança que os orientou no grande movimento, até o dia da vitória final.

* * *

O livro de Cascudo Rodrigues é um livro definitivo no assunto, tendo o mérito de ser um trabalho de esforço e da per-

sistência do homem de estudo. No caso, esforço e persistência que refletem o seu nome e a sua inteligência, dirigidas para relevo de uma geração, de que ele sobressai, no campo da cultura, como figura forte e de excepcional projeção.

Homem da província, marcado pelo determinismo das circunstâncias ecológicas e pela dimensão do isolamento que tenta inutilizar as melhores iniciativas, o Autor, no seu "andar contra a correnteza do tempo", logrou vencer a própria teoria da impossibilidade para afirmar-se como legítima autoridade na defesa da tese dos direitos civis e políticos da mulher.

O documentário de que se valeu para o exame e consulta da matéria é vasto, bastante para justificar a expectativa do analista distante: "inacreditável, diz um, é que lá mesmo, em Mossoró, consiga tantas informações."

Mas, o inacreditável não existe para os intelectuais daquela cidade, panorama dos grandes movimentos do espírito e das idéias que tem agitado o Rio Grande do Norte.

A conquista do trabalho do homem, como a que se fixa nesse livro, é também uma vitória da terra, assinalada pela passagem dos vanguardeiros da liberdade, que ali repousaram à sombra da confiança e da amizade do povo e da bela e hospitaleira cidade.

Dos capítulos desse livro memorável é preciso que se dê destaque ao registro que constitui uma restauração da verdade, por vezes desfigurada: a da qualificação da professora Celina Guimarães, a primeira eleitora do Rio Grande do Norte, conseqüentemente, também a primeira do Brasil, inscrita na cidade de Mossoró. Israel Nunes foi o Juiz Prolator do feito.

Por esse motivo, Mossoró é um município cujo nome figura na história dessa epopéia da reivindicação dos direitos femininos.

Um grande livro, que de princípio poderia parecer cansativo, pela filiação dos arquivos de que provém, mas, na realidade, um livro ágil, movimentado, emocional e cheio de afeto, que aflora da paisagem das memórias que enriquecem esse depoimento, onde se conta a história do direito do voto da Mulher Brasileira.

MANUEL LEONARDO NOGUEIRA

Uma geração inteira de mossoroensismo

Manuel Leonardo NOGUEIRA é um dos tipos mais populares de Mossoró, se não mesmo, uma das figuras mais queridas da cidade. Para ser mais explícito, digo que, é ele um dos seus melhores e dos mais necessários dos seus recepcionistas, o mais vivo dos seus intérpretes, o mais alegre e cordial dos seus chefes de *reletions publics.*

É um homem temperamentalmente versátil, extrovertido, irrequieto como um menino travesso, sempre com um admirável bom humor.

Por seu intermédio, todos os problemas encontram soluções no campo da razoabilidade, pois Leonardo Nogueira tem uma forma especial para alcançar a conciliação e harmonia entre as pessoas com quem convive e com quem trabalha.

Homem do povo, arrancado do pó do nada, feito pelo milagre do esforço próprio, ninguém poderá lhe negar os méritos e as qualidades, que lhe projetaram o nome na escalada social, onde chegou a galgar posição de relevo, somando as energias da boa vontade e da inteligência.

Possuindo inegáveis propensões literárias, além da vida do jornal, onde milita, há tantos anos, publicou um trabalho de pesquisa sobre o futebol de Mossoró, onde anotou, pacientemente, as atividades dos velhos clubes da cidade, os campeonatos, nomes e apelidos de jogadores, as brigas dos campos, a presença dos juízes das partidas, já naqueles tempos malsinados e chamados de *ladrões,* além de numerosos outros fatos, que retratam a prática do "esporte das multidões", tão arraigado no espírito da gente daquela terra.

E tão afeiçoado foi ao seu desenvolvimento, em particular ao setor do atletismo e da educação física, a que se dedicava

com afinco e liderança, que chegou a exercer a presidência da mentora dos esportes mossoroenses. Ainda numa manifestação de reconhecimento aos seus serviços, o ESTÁDIO DA CIDADE, aliás, uma excelente praça de competições, foi inaugurado com o seu nome, coisa muito justa, pois toda a sua construção dependeu do esforço e do trabalho de Manuel Leonardo.

Ha área dos estudos, fez o curso primário no Grupo Escolar "30 de Setembro", tendo como professores, Lídio Freire, Raimundo Nonato e Dario de Andrade.

Seguidamente, professor diplomado pela Escola Normal de Mossoró. Curso de Contador pela Escola de Comércio União Caixeiral.

Militante na imprensa. Colunista esportivo. Radialista. Bancário.

Funcionário do Ministério da Educação e Cultura — Inspetor de Ensino do nível médio. Nessa qualidade, compareceu a vários Congressos de Ensino, e reuniões de técnicos em assuntos educacionais, onde sua atuação certa foi das mais destacadas.

Nasceu em Mossoró, nas águas do Outro Lado do Rio, cidade onde vive grande parte da sua família. Por isso, sua condição de mossoroense é também caracterizada pelo seu bairrismo, que só é possível comparar ao de Jonas, de Natal, que viveu na Ribeira toda a vida, na beira da Lagoa do Jacó e nunca subiu à Cidade Alta. Isto é, foi uma vez, levado pelas mãos dos outros... Era o fim.

Este estado de espírito, de permanente apego à sua terra, é uma constante da sua vida e das suas atitudes, a tal ponto, irreverente (não diria nunca, inconseqüente), que a certa época, num desses tumultos da política, talvez, reviravoltas, o professor Gerson Dumaresq foi nomeado Prefeito de Mossoró, e que num curto período, teve uma ação modeladora, à frente da administração do Município.

Nem todo o mundo, no entanto, poderia falar com essa isenção de ânimo.

E Manuel Leonardo com toda a sua grei, que sempre foi *cafelista até debaixo dágua,* se descoroçoaria inteiramente com aquele ato, e perdendo a tramontana, um dia, numa discussão na ponta da calçada da Casa de Zé Meneses, cramou o novo Prefeito de "forasteiro".

Os ânimos se acirraram e o delegado, um cidadão que nem vivia cometendo tropelias, mas que não era lá muito versado em matéria de dicionários, pensou que *forasteiro fosse nome feio* e *atentatório à dignidade do chefe do executivo municipal* e sem mais aquela, bumba! prendeu Manuel Leonardo!

E o pior, minha gente: o preto foi enquadrado por porte de arma, pois *trazia dentro da caixa de fósforo uma quicé de capá-bode...*

O inopinado da coisa, uma espécie de bufonária, causou um verdadeiro arregaço pela rua!

Todo o mundo, amigos e adversos, saiu de pau e de cacete, bradando seu protesto, enquanto Mário Negócio era constituído advogado.

Pois ouçam lá: aí, eu senti um frio na espinha, quando o Dr. Raimundo Nunes me contou que, o delegado dissera sem pedir reserva: "*se o dr. Mário fizer esculhambação na delagácia, eu o prenderei em cima da bucha!*" Mas, João Manoel!

Atarantado com o que acabava de conhecer, passei a mão na cabeça, vali-me de Santo Expedito de Maria Bolão e disparei em busca do Dr. Antônio Mota, que no meio daquela tempestade, ainda era o homem que tinha o juízo na cabeça.

A corrida não foi inútil. Sua palavra bastou para que caíssem os véus de Friné.

O fato vale como atestado de uma época.

Lamentavelmente, como um triste sinal dos tempos!

MARIA SYLVIA EM VERSOS

Uma paisagem da lira tropical

Houve tempo, em que, em Mossoró, escrever poemas sentimentais e fazer sonetos em grande estilo e na forma dos mestres, era um exercício privilegiado que dava relevo e engrandecia o pensamento das mulheres inteligentes.

A poesia-inspiração servia, então, de motivo para descobrir nomes e projetar valores da área feminina de onde as revelações brotavam, como de um roseiral em primavera, produzindo versos e as mais suaves canções líricas, que se expandiam como genuína poesia soprada pelos ventos tropicais.

E não era só no verso, mas também na prosa que esses nomes floresciam numa sucessão de valores que representavam as mais belas e fortes expressões da musicalidade poética.

Assim, de longe, chegavam os sussurros dos trabalhos de Cordélia Silva, o rebento da área salineira sobre quem escreveu Santa Guerra: "Cordélia Silva (Maria das Mercês Leite) nasceu nesta terra abrasadora, mas vivificante de Mossoró. Poetisa de grande imaginação e festejada intelectual. Farta foi a sua colaboração em jornais daquele e de outros Estados."

Nesse meio de fulgurações, há uma figura curiosíssima, que escreveu em prosa, aquilo que era a mais expressiva poesia. Uma espécie de princesa loira remanescente de gótica região, de olhos azuis, grandes e buliçosos como o ondear do mar, irrequieta como uma lufada de brisa nordestina. Bem que poderia se ter fixado em obra duradoura que afirmasse o seu valor, se mais tivesse pensado em encontrar-se consigo mesma, durante o espaço dos seus dias, dos seus anos, que nem foram muitos.

Ainda assim, numa trajetória de cometa, escreveu:

> "Há pouco feneceu em mim / uma ilusão / que gemia sozinha / e um rosário de saudades / coroa a minha dor /.
> "Quanto ao coração não há / quem o possa despertar /. está dormindo / sonhando /.
> "Hoje, quando chegou / a noite dos meus olhos / eu quase chorei / porque senti saudades de tudo / até mesmo da vida..."

Poema, sim, do mais legítimo padrão da arte de versificar.

E em tudo isto, revela-se a presença de quem o escreveu: MARIA ESCOSSILDA — uma imagem do tempo.... Loira. De olhos azuis!...

Depois, nessa mesma seqüência, aparecem no céu os lampejos de Zilene Otávio. Uma alvorada de sorrisos. Gorgeio de passaredo na floresta. Doce promessa para a vida, que passou tão rápida, como uma fuga de arco-iris....

Lembro em sua memória estes versos brancos da hora da angústia de Fagundes Varela, *o poeta das selvas,* e que tanto se parecem com Zilene:

> "Eras a glória, a inspiração, a Pátria,
> O porvir do teu pai — Ah! no entanto,
> Pomba, — varou-te a flecha do destino!
> Astro, — enguliu-te o temporal do norte!
> Tecto, — caistes! Crença! Já não vives!"

Dalvanir Rosado, no outro tempo, escreveu com a mesma pureza do seu espírito de hoje:

"Herdou a vocação literária do pai. Morreu na juventude da vida. Quem não se lembra da Valsa do Ceguinho de autoria de nossa poetisa?

"Recordo comovida uns pedaços deste mimoso poema."

Este preâmbulo, quase longo, teve sua razão de ser para justificar o encontro, que hoje faço com a poetisa MARIA SYLVIA, que Mossoró tanto admira pelo seu talento, confirma até num julgamento de sua antiga colega de estudos, OZELITA CASCUDO, classificando-a como "uma das mais lúcidas inteligências do seu tempo, na Escola Normal."

Pois escutem a suavidade do seu estilo em prosa, todo ele colorido de floreios poéticos:

> "Como a tarde é clara!
> Como é alegre o ar!
> Festivamente riem as bocas rubras juvenis!
> Têm clarões os olhos da turba juvenil!
> Que olha de frente a vida!
> Destemida a cantar a canção do prazer!
> Alegria de viver!
> Nectar dos mortais, embriaga e seduz!
> Mas, a vingança é o nectar dos Deuses!
> Como eu admiro Brunhilda,
> A Walquiria vingativa de Valhalha."

Não só parecem versos, mas são versos.

Diante do que observo, se me fosse dado fazer um julgamento da valorização e do poder criador desta poetisa, de tão extraordinárias revelações, não teria dúvida em apresentar MARIA SYLVIA, como figura transcendente do meio literário da sua cidade.

Seus versos bastam para assegurar-lhe o prestígio indiscutível de ser uma das maiores poetisas do Norte e do Nordeste Brasileiro, assim figurando no livro do escritor paraense, Oswaldo de Souza. Para destacar os seus méritos, lembraria entre tantas de suas produções, *Boneca de Pano* e *Entardecer,* para lhe confirmar aqueles requesitos da personalidade, da forma e da estética, a que se referia Nascimento Morais:

> "A poesia é, por vezes, lucilação de um sol nas pertumadas pétalas de uma rosa".
> "Há mais poesia no marulho de uma onda, nas águas plácidas de um lago, do que nas vagas encapeladas em ânsias de alcançar o céu."

Justificando esse pensamento, do seu poema "Entardecer" (onde se oculta debaixo do pseudônimo de *Sulamita*) destaco estes versos de tão intensa sensibilidade, cuja linguagem tem um gosto de som de órgão que se esvai pelas silenciosas naves das igrejas, envolta num perfume distante de um misticismo equívoco, de quem escreve com a alma desolada:

"é triste como uma prece
a hora do entardecer,
a folha que a gente esquece
porque passou e caiu...

A amostra dá idéia do seu lirismo, e bem poderia servir de encaixe às saliências da moldura do pensamento de SAINT BEUVE, o magnífico crítico literário, quando "descobriu que a sensibilidade de um poeta não tem limite".

MARIA SYLVIA pertence a esse maravilhoso universo sincopado de belezas, onde o seu espírito circula em busca de atingir a perfeição.

Sem vinculação aos modelos fechados, nem se submeter às rígidas disposições de nenhuma escola, derivou, indiferentemente e em plena liberdade, pela orla influenciadora de cada uma, versejando em todos os estilos, sem se deixar escravizar pela individualização de nenhum grupo.

Por força latente da hereditariedade, foi sucessora legítima de todas as tendências espirituais do seu progenitor, esse homem fora do comum, que foi JOSÉ MARTINS DE VASCONCELOS, a mais autêntica vitória do autodidatismo provinciano.

Com essa predisposição orgânica, Maria Sylvia, de todos os descendentes de Martins de Vasconcelos, foi a expressão de sua continuidade, do seu talento de invejável poeta, de inspirado criador de fantasias.

Assim é que na fuga das suas atividades, a arte foi na vida de José Martins de Vasconcelos, a sua verdadeira paixão, a sua sinfonia inacabada, razão de ser da sua fascinação, da sua sensibilidade.

E na perspectiva desse intervalo entre a música e a poesia, Maria Silvia não podia deixar de ser, senão, um espírito iluminado pela força e pelas emoções, que tumultuaram sua vida, embalada pelos arrobos de uma geração, que se preocupava com a originalidade do *Alexandrino,* o soneto clássico, claro e harmonioso.

Além de tudo isso, é Maria Sylvia, na razão do seu domínio intelectivo ,uma poetisa de grandes vôos nas altitudes da arte, sem empregar outros adjetivos, que talvez, lhe viessem empanar os méritos reais, reconhecidamente numerosos e louvados.

PROFESSORA OZELITA CASCUDO

A normalista do ano de 1922

Envolvido no tumulto das ruas da cidade, vivo o drama de todos. E como se não fizesse parte da multidão desordenada, paro numa esquina e abro o livro das memórias, onde vou revendo no velho mapa do tempo, as coordenadas sentimentais de tantas gerações desaparecidas.

E curiosamente, correndo os olhos pelo papel carbono esmaecido, vou descobrindo e identificando através das suas linhas e regiões evocativas, as sombras recordadoras das presenças humanas que por aí viveram e que cedendo ao imperativo da lei da morte, lá um dia desertaram da vida e se foram para sempre, até sem deixar lembranças.

Pois é a esse tempo de quem ninguém se lembra mais, a que retorno, hoje, para rever na sua presença tão distante e sentir no seu calor, o entusiasmo dos estudantes de Mossoró, no ano de 1922.

Pensando neles e no seu contato, fico a afagar as mesmas alegrias que fizeram vibrar uma geração de autênticos valores, se não das mais brilhantes de quantas já passaram pelas salas de aula da tradicional e querida Escola Normal da Praça do Moinho, que foi em tempos mais remotos, o Alto-do-Pão-Doce.

Dessa turma de estudantes representativa de uma juventude idealista, preocupada com o estudo e dando conta dos deveres, destaco pela sua jovilidade, modo afável na comunicação com os colegas e pela confiança com que fazia da escola, um recanto da sua própria vida, a normalista Ozelita Cascudo.

Sempre alegre e cheia de vivacidade, sua expressão humana bem retratava o tipo caboclo do nordestino sertanejo, com todos os traços característicos e orgânicos da força jovem da brasilidade.

Não era mossoroense de nascimento, embora logo o viesse a ser pelo coração. Por isso, nem se poderia dizer que não fosse da terra, só porque viera da faixa interiorana da Zona Oeste, arrancada la dos socavões da Serra de Luís Gomes para estudar na grande cidade e deslumbrar seus olhos de menina-moça, nos claros panoramas abertos na planície da imensa terra pródiga, que a acolhera, numa manhã de sol.

Não era estranha ao lugar, pois suas raízes tinham ponto de vinculação com Mossoró, de uma parte, embora da outra, seus troncos se plantassem na região serrana, radicada assim, a uma gente laboriosa, afetiva e forte, apegada aos destinos da terra, não raro sacudida pelos abalos da seca. Mas, era gente dura, para quem o trabalho não constituía sacrifício, porém, um exercício para as tarefas do cotidiano, talvez mesmo, um agradável passatempo para o espírito, sempre irrequieto, sempre a procura de novas sensações e de novas aventuras.

Pelo lado materno ,era dotada de todas as tendências vocacionais e artísticas, em particular, para a música.

Canuto Alves Bezerra, seu ancestral, era um grande artista, possuindo especiais pendores para aquela nobre arte, que lhe vivia na mente. como uma chama sagrada.

À época a "CHARANGA" a sua Banda de Música, como a "FENIX" de Mestre Alpiniano de Albuquerque, possuíam vasto e selecionado repertório, constituído de belas peças em que se incluíam grande número de primorosos clássicos, que eram executados com perfeição e estilo.

A esse respeito, a melhor crônica citadina faz registro, a exemplo do que publicou o jornal "O MOSSOROENSE", em 15/9/1908, nesta nota:

"Canuto Bezerra, mestre da Charanga de Mossoró, é um dos grandes filhos desta terra que mais se tem distingüido nas artes do contra-mestre da banda Joaquim Carvalho. Canuto Bezerra era da raça de Lagoa dos Paus, de onde também era o Capitão do Exército Sebastião Alves Bezerra."

Mas, a Escola Normal ganhava terreno no conceito público. Tanto assim que, ampliando as atividades do educandário no setor extra-curricular, o professor Eliseu Viana funda a ASSOCIAÇÃO DE NORMALISTAS, cria sua BIBLIOTECA, faz circular a REVISTA A B C, e seguidamente, organiza o ORFEÃO ESCOLAR. Nesses diversos campos de trabalho de ordem cultural, a normalista Ozelita Cascudo foi figura centralizadora

de atenções, tomando parte em representações de palco, pronunciando discursos em solenidades cívicas, declamando poesias patrióticas e cantando lindas valsas e canções com sua bela voz cheia de suavidades.

Pode ter sido obra do acaso, mas Ozelita Cascudo (nem sei se ela ainda se lembra disso) foi a primeira aluna da Escola Normal a ser chamada ao quadro negro, para um exercício de Aritmética, disciplina do Dr. Soares Júnior.

A normalista levantou-se rápida e lá se foi, espevitada, com um sorriso sardônico, despreocupada do que pudesse haver. Como ainda não chegara ainda a *obrigação da farda branca e da gravata azul*, ela estava de vestido de seda palha justinho. O professor olhou-a por cima dos óculos e pigarreou...

Sei lá... Mas, aritmética era uma aula tormentosa. O silêncio da sala metia medo. Não havia qualquer processo de comunicação entre o mestre e os discentes.

Depois, com o correr dos anos, vim a apreender — já fora de tempo — com a convivência de Jairo Bezerra (de Macau), do General Ary Quintela e desse maravilhoso e sempre genial MALBA TAHAN, que o ensino da Matemática é um divertimento e que o seu aprendizado, é, por vezes, alegre e comunicativo.

Naquele dia, até o nome Cascudo me foi adverso. A lição do mestre chegou a tempo de curar o meu analfabetismo "heróico e glorioso", ouvindo Luís da Câmara Cascudo:

"VITORINO DAS CAIEIRAS: — Exatamente. O peixe CASCUDO é o totem do meu clã. Nem cocorote e nem coleoptero. Meu *ex-libris* ostenta-o. É o sobrevivente das estiagens, resistindo nas locas que os rios empoçam. Você é meu Baecdecke. Informe. Muita pena não estar nas áureas bodas de Thaville. Coma e abra o bico por mim, ao lado de Walter das Alterosas."

Mas, o talento e o poder de observação da normalista daquele ano memorável, fariam um circuito muito longo e chegariam até aqui, onde, nestes dias, a professora Ozelita Cascudo, generosamente, referindo-se ao "retirante da seca", firma este depoimento digno da cultura de uma mulher inteligente como ela deve orgulhar-se de ser, embora sem nenhuma vaidade disso:

"O beduíno BALBA TAHAN li e reli-o, paulatinamente, enriquecendo o espírito como colorido das suas palavras em tão expressiva homenagem. Pensei logo em MASSYLVIA, que diria,

ou melhor dirá como Raul Brandão: "*O homem arranca de si próprio, universos de belezas!*"

E depois, acrescenta:

"Quem "haveria" de dizer que, aquele fedelho, pálido, franzino, das *eras de 22,* da Escola Normal — o beduíno dos desertos do MARTINENSE — se transformasse num dos maiores letrados da época, um dos maiores artífices da "unidade do pensamento dentro dos fragmentos das suas palavras?"

De tudo, pode concluir o leitor amigo:

— Um razoável ajuste de contas entre antigos colegas, entre estudantes que desceram das Serras de Luís Gomes e do Martins para se encontrarem em Mossoró, onde trabalhando aprenderam a lutar, e onde lùtando, aprenderam a vencer.

ANTÔNIO FRANCISCO DE ALBUQUERQDE

Professor de largo tirocínio na Escola de Mossoró

Numa operação que se repete pelos dias do sem fim, a velha clepsidra continua derramando a água das idades, dando tempo para a gente recordar que, daqueles quatro homens que respondiam pelos nomes de Edgard Medeiros, Solon Moura, Antônio Francisco e Raimundo Nonato, só nós, os dois últimos, continuamos respondendo à convocação do badalar da sineta da vida.

Os dois primeiros se foram bem mais cedo, deixando um claro difícil de perceber, mais difícil de preencher, nas atividades do ensino e nas escolas de Mossoró.

Dos outros, dois restantes, velhos cirineus suarentos das mesmas lides, evoco o nome do professor Antônio Francisco de Albuquerque, sertanejo das melhores raízes — um trabalhador vitalício, sem férias e sem horas vagas — como símbolo edificante da persuasão da amizade, belo e nobre sentimento dos espíritos bem formados como o dele, e que nem sempre tem encontrado reciprocidade dos seus despreendimentos, naquela conceituação que dela faz CÂMARA CASCUDO, dizendo magistralmente, que ela *"é a mútua doação espontânea da Superioridade. Seu fundamento é a confiança"*.

Mas, a moldura literária implicaria, forçosamente, em desmerecer a posição do homem, diante do seu valor, que é positivo, categórico, qualificado, tão provado que é nas suas atitudes morais.

Demais, no plano das suas atividades humanas Antônio Francisco é um *Homem Exemplo,* personalidade que representa uma vitória do esforço próprio, na luta desadorada para a sobrevivência e na resistência frente as impossibilidades, pois sempre lutou sozinho, reagindo às injustiças do meio desleal

e *contraditório* nas suas formas de julgamentos e no reconhecimento do valor alheio.

Aportou a Mossoró quase menino, vindo do sertão adurente de Campo Grande, de uma pequena fazenda de criar.

Na terra nova, sua primeira, grande, inesquecível amizade foi a do estudante Almir de Almeida Castro.

Dotado do faro da sociabilidade, logo foi abrindo veredas no campo do relacionamento. E foi escalonando seus degraus no contato de outros grupos. O bicho gente ia vencendo.

Não é o tipo expansivo das extravagantes gargalhadas. Nem o extrovertido dos anedotários e facécias, porém, longe gargalhadas, de ser um sujeito metido na carapaça dos moralistas de bigode e de palavras ingurgitadas, é pelo contrário, excelente companheiro apra um bate-papo, uma boa presença numa mesa de aniversário com uísque e com discursos (mesmo ruins), uma figura agradável num almoço da Colombo ou num jantar de Mucuripe, sempre cercado por um bando animoso de cearenses, cuja conversa vale meia légua de alegria, de confiança e de estima.

Nessas ocasiões, então, o Antônio Francisco — o querido Antônio Chico — das adoráveis tertúlias sentimentais se abre, e nas suas revelações conta casos de fazer arrepiar o cabelo de qualquer pecador de boa vida.

Em outros tempos, juntos atravessamos, por longos anos, a mais movimentada e talvez a melhor quadra da escola de Mossoró, sempre voltados, sem recessos, para os serviços da secretaria, executados, ordinariamente, nos domingos, dias santos e feriados, organizando relatórios, anotando livros e preenchendo fichas. Nesse particular, havia dois auxiliares de renome: Miguel Carrilho e Odir Costa, que mesmo convocados, no tempo da guerra, vindo fazer provas parciais, *davam uma mão* na escrituração dos livros, que hoje, podem atestar suas presenças.

Depois, num trabalho conjunto que poucos acreditavam em Mossoró, que pudesse ir a bom termo, com Alcides Fernandes e Solon Moura, lançamos os fundamentos da Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró, arrojada iniciativa, que tanto tempo levaria para se concretizar, mas que seria, em fim, a unidade pioneira da grande idéia do sistema universitário da cidade, hoje, plenamente vitorioso, pelo impulso dinamizador que imprimiu aos seus destinos, esse educador excepcional, que

foi o seu primeiro Reitor, Professor João Batista Cascudo Rodrigues.

Mas, em tempo, esclareça-se que, nem tudo foi mar de rosas, na vida do professor Antônio Francisco, antes de ser o advogado e o profissional de conceito nas letras jurídicas do País.

Assim, na escola mossoroense, por vezes, a barra teve forte e foi preciso reagir, quando lá um dia, apareceu na Secretaria do Santa Luzia, um homem esbaforido — até um homem muito bom, que procurava saber o resultado dos exames do seu filho. Mas, vinha em tal estado de espírito, que foi metendo os pés pelas mãos e desabafando:

— Olhe, professor, passei na casa do Otávio e ele me disse que esta era a melhor caneta que possuía no estoque. Comprei-as e está como presente para o senhor.

Com receio de se tornar violento, Antônio Francisco bancou o sujeito educado e disse:

— Seu Pedro, pode voltar com a caneta que seu filho foi reprovado nas cadeiras dos professores Raimundo Nonato e Solon Moura.

— Mas, eu não me conformo com isso, redarguiu o visitante. Vou falar com o Inspetor que é meu amigo.

— Pior ainda, pois se o senhor é amigo dele, bem conhece o caráter de Edgard. Demais, desde ontem que ele assinou os Boletins de Exames.

Lamentavelmente, o inevitável estava selado:

— O aluno Jader perdeu o ano!...

Era assim, o trabalho do grupo. Solidário. Leal. Corajoso. Um trabalho animado pelo espírito da deliberação.

Antônio Francisco de Albuquerque era peça importante nessa máquina, que estaria, modestamente, a desafiar computadores.

Depois, disperso o grupo pelo tempo a fora, vez por outra, num desses encontros fortuitos ou provocados intencionalmente neste Rio dos tumultos, ainda nalguma praça acolhedora da enamorada Fortaleza ou pelas calçadas batidas do Nordeste de uma ponta de rua de Mossoró, a gente pára, olha para trás a relembrar estas coisas...

Coisas que tem o gosto da saudade!

RAIMUNDO NUNES

Uma presença do Nordeste no tumulto
das ruas da PAULICÉA

Natural de Luís Gomes, só por extensão territorial do Município, porque nasceu no Riacho de Santana, numa fazenda daquela circunscrição administrativa da Zona Oeste.

Por sua sorte, viu a luz do sol, no casco de rústica propriedade de criar e de outras atividades nos roçados, clã de velhos patriarcas sertanejos, onde o esforço comum se redobrava, cada dia, numa luta desigual contra a natureza madrasta, para escapar à calamidade da seca, que vez por outra, devastava a região, impiedosamente.

E quando a crise se tornava em tormenta, então os bichos morriam de sede, as plantações estorricavam e os açudes ficavam sem uma gota dágua no porão. Era o fim de todo aquele esforço humano, que se vaporizara para não deixar semente.

Na quadra jovem dos seus primeiros dias, o menino presenciou todos esses sofrimentos da gente irmã, sem condições de poder ajudá-la.

Lá um dia, quando se desgarrou do rincão adurente, trazia Raimundo Nunes para a vida da civilização as cicatrizes que tinham marcado a sua estrutura humana, cedo entregue as labutações do campo ,dos cercados, apanhando algodão, cambitando cana, à limpeza dos baixios, ao trato da semente de gado, que era preciso escapar, a qualquer custo, a fim de que os currais não batessem os varões da porteira, depois da morte da última rês.

Nessa quadra, tudo era feito com heróica resistência para que, um dia, quando os outros que se tinham ido primeiro, os retirantes voltassem, aos primeiros sinais do inverno, vissem que, nem tudo tinha se perdido na luta ingrata do homem contra os elementos.

E como uma esperança da terra dadivosa, que chegava para todos, eles poderiam recomeçar a vida, cuidando das velhas capoeiras abandonadas, onde mais tarde as plantações viriam de se estender, na multiplicação dos roçados coloridos pelas esgipas dos milharais, que representavam a fartura, a riqueza e a tranqüilidade coletiva.

No decurso desses dias novos, o dono da fazenda do Riacho de Santana, homem esclarecido, pensou no imperativo de mudar a sorte dos filhos. E no conselho de família, de comum acordo com a esposa, resolveu o fazendeiro encaminhar os meninos para o estudo, em escola de lugar mais desenvolvido, embora mais distante.

Na seqüência dessa mudança, Raimundo Nunes foi mandado para o litoral para ver o mar e estudar em Areia Branca, iniciando a vivência dos livros, freqüentando as aulas do Grupo Escolar, na classe da professora Alice Rebouças.

Dali, não tardaria em sair para Mossoró, seu segundo mundo de tão largos horizontes.

O Colégio Santa Luzia viria abrir novos rumos às suas preocupações de jovem cheio de entusiasmo pelo estudo e pela vida.

O Diretor do educandário, o Cônego Amâncio Ramalho era um sacerdote de alta cultura filosófica e um grande filólogo, na verdade um admirável mestre da língua portuguesa.

O aluno curioso e inteligente abeberou-se do manancial daquela fonte do saber e dos extraordinários conhecimentos lingüísticos do professor, afeiçoando-se com suas brilhantes lições às belezas do camoneano e do melhor estilo clássico.

Depois, médico pela Escola do Recife, com curso de especialização realizado na Argentina. Professor da ECT União Caixeiral e da Escola Normal de Mossoró. Professor da Escola Normal de Natal.

Jornalista. Orador. Publicista.

Autor de importante trabalho científico e de pesquisa sobre a hemerolapia entre os trabalhadores das salinas, publicado na Revista do Instituto Brasileiro do SAL.

Médico do antigo IAPC, em lugar alcançado por concurso.

Passou pela política, como um meteoro, cedo desencantado de tudo e de todos.

E voltou para o consultório, sua seara de trabalho.

* * *

De sua quadra de estudante, talvez sem se aperceber da extensão da sua memória, Raimundo NUNES fez importante registro da imprensa de Mossoró, em certa época, caracterizada pelo calor dos embates políticos que agitava a cidade, revelando:

"No que você denomina "carbono de sua memória, por sinal iluminadamente privilegiada", referindo-se à minha cabeça chata, recordo algo do Correio do Povo, de que, a bem da verdade, não fora leitor constante, face aos vários motivos seguintes. Na fase revolucionária — explosiva, embora já contaminado da *politiquice*, menino interno do Ginásio, não tinha o hábito da leitura de jornais, sem falar na impossibilidade aquisitiva dos mesmos, quando os 200 réis faziam falta, à compra da cocada do recreio. Além do mais, deveria haver uma espécie de predisposição ambiental, contra o aludido Jornal. Certa vez, lendo no mesmo, algumas expressões estranhas ao meu vocabulário, como LIBERAL AUTÊNTICO, TRÂNSFUGA DA REVOLÇÃO, etc., etc.... dirigi-me ao Cônego, solicitando esclarecimento dos significados, ao que, o velho Mestre, impertigado no sectarismo político, foi logo explodindo de forma categórica: — "Vocês não devem ler este *pasquim*..." Noutra oportunidade, em plena mesa do Diretor, por pouco, não quebrou um pau violento, entre João Marcelino, de um lado e Abel Coelho, do outro, já empunhando uma quartinha cheia dágua, para rebentá-la, na *moringa* do político de Panatis. O Cônego servia de mediador, numa posição, possivelmente, incômoda, entre seu correligionário Marcelino e o seu braço direito, na manutenção disciplinar — o impetuoso Abel, que fora meu professor de todas as matérias do ginásio, excetuando, apenas, Francês, Português e Desenho. Parece a discussão nascera de um artigo venenoso do Correio do Povo. Foi quando fiquei sabendo que Abel era um dos redatores. Também presenciei uma pessoa de minha aproximação, que andara fustigado no torniquete político, comprar uma enorme bengala, segundo afirmava, para tirar um barato, no costado do diretor do Jornal, o que, felizmente, não chegou a ser consumado. Recordação bem nítida, guardo do episódio, envolvendo nossa classe ginasiana. Durante uma concentração política, em Caicó, ende-

reçamos um telegrama de solidariedade, ao velho José Augusto, que respondeu, diretamente a mim, como primeiro signatário. Colocamos a resposta, bem no frontispício do prédio do O MOSSOROENSE, que não circulava. Dia seguinte, no bom estilo provinciano, O Correio do Povo desceu a lenha, atribuindo nossa iniciativa, à insuflação de Israel e do Cônego, o que seria uma inverdade, ao menos, em relação ao segundo. Aí o troço engrossou, ferindo os brios da mocidade. Reunida a *assembléia,* ficou resolvido a soltura de um Boletim, de que guardei o original, até bem pouco tempo, sob o título DESMASCARANDO UMA CALÚNIA, redigido pelo trio perrepista, Renato Costa, João Damasceno e eu. Saímos em algazarra, distribuindo, pelas ruas de Mossoró, não sem antes encher a cuca de pinga, na bodega de Sir. Pedro, imprimindo maior reforço, na euforia do desagravo. Frente à casa de Abel, tivemos que enfrentar a irritação do mesmo, usando de sua habitual autoridade, o que abrandou, após a leitura do Boletim, talvez esperando uma linguagem mais contundente, face ao volume de nossa bagunça. Entretanto, O Correio do Povo era de briga e retornou à carga, malhando nossa turma. Novas reuniões e os mais exaltados, com a retaguarda cangaceira de alguns caboclos sertanejos, como o *bandido-nato,* Antônio Vieira (irmão do recém-falecido, José Medeiros e noivo de Didi Coelho), Chico Nogueira, prefeito intermitente de Pereiro, o brejeiro Leonilde, tremendo topa-briga, que botara certa vez o Zé Alinhado a fugir, em disparada, num violento duelo de banda-de-tijolo, sendo a única oportunidade, onde um sujeito, aparentemente normal, impõe superioridade, na base da pedrada, a um louco excitado, para quem você acende uma vela, na Catedral e muitos outros, entre eles, Vingt e Vingt-Um, quase todos preconizando medidas mais agressivas e perigosas. Quase vence a tese de empastelamento do Jornal, superada pelo bom senso, evitando a atitude criminosa, violenta, com suas imprevisíveis conseqüências. Decorridos esses longos e trepidantes 40 anos, ficaram as imagens, sem retoques, do Jornal, de cujo corpo redacional, me falecem condições de emitir conceitos. Mesmo que, à época, tivesse condições intelectuais, para uma avaliação, as implicações emocionais do ranço político, não me concederiam o indispensável lastro de isenção, para o julgamento."

Em fim, que se deixe Raimundo NUNES em paz, na Paulicéia:

— ele que é uma energia do chão ensolarado do NORDESTE, espalhada na terra ubertosa das BANDEIRAS, às vezes nublada pela garoa, sempre clareada pela Civilização do Trabalho, que não pára.

JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES

Uma inquietação em busca da verdade

Sempre foi assim, e nunca negou a realidade das suas convicções. A existência dos seus princípios. A identidade do seu credo filosófico.

Homem forte. Pertinaz. Leal aos seus amigos. Sincero nas suas manifestações de pensamento. Espírito com certa tonalidade de ecletismo, mas sobretudo, tomista.

Mossoroense com marcas de nativismo, porque, na verdade, tratando-se de Mossoró, ele é mesmo bairrista ferrenho, naquele bom sentido da defesa da sua terra e do amor às suas tradições. O seu mossoroensismo é semelhante ao seridoismo de José Augusto Bezerra de Medeiros, quando voltando da Europa, alguém lhe pediu impressão sobre Paris, a que respondeu em cima da bucha: "a cidade mais bonita do mundo, depois de CAICÓ!..."

Os troncos genealógicos de José Augusto Rodrigues prendem-se a nomes e tradições de famílias cearenses.

Seu progenitor — que deixou uma imagem em Mossoró — era Francisco Peregrino, gente arrancada em cheio das redondezas da Serra da Meruoca, onde tinha influência e predomínio de trabalho desesperado para sobreviver, para encontrar um lugar ao sol. Homem simples, laborioso, sem resquício de vaidade, sempre cheio de iniciativas, criando um negócio ou dirigindo uma pequena indústria, de princípio, quase de ordem caseira. Com o resultado dessa atividade de apertada condição econômica, conseguiu, dando nó no cinturão, encaminhar os filhos ao estudo, sempre com duras provações. E com o patrimônio do seu trabalho, apontava-lhes o exemplo da vida que vivia, entregue dia e noite, àquele duro empreendimento, àquela labutação e afazeres os mais árduos, que lhe davam o sustento

da família formada e organizada sob os mais rígidos princípios da moral e da honestidade.

Na idade ideal, José Augusto caminhou pela escola primária, atravessando as classes do Grupo Escolar, com aquela geração que teria seus dias marcados pelas conseqüências do desmoronamento das instituições fundamentais do País a que foram arrastadas pela Revolução de 1930, e pela crise universal desencadeada pela Segunda Grande Guerra Mundial.

Depois de concluído o ciclo do curso primário do seu tempo, fez humanidades no Ginásio Diocesano Santa Luzia, o velho Colégio dos Padres, justamente aquele que, em suas comemorações jubilares, Mário Negócio, um dos seus alunos glorificadores, chamaria de *"viveiro de inteligências"*.

Professor normalista pela Escola de Mossoró.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará.

Professor da Escola Técnica de Comércio União Caixeiral e Primeiro Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas.

Professor e Diretor da Escola Normal de Mossoró.

Professor do Curso de Formação de Professores da Escola Normal de Natal.

Procurador do Tribunal de Contas do Estado, por onde se aposentou no serviço público.

Sócio fundador da ASSOCIAÇÃO MOSSOROENSE DE PENSAMENTO E CULTURA, na qual teve atuação das mais brilhantes, com outros homens de letras da cidade.

Demais, jornalista e advogado de renome nos auditórios do Estado.

Homem de alta cultura humanística e filosófica.

DONA NOEMI DA ESCÓSSIA

À mãe dos Gracos: os JORNALISTAS

O tempo é uma inevitável janela escancarada para a fatalidade.

Na incoercibilidade da sua marcha para os horizontes do mundo do sem fim, não abre uma pausa para situar-se a criatura humana, por mais alguns instantes, na insegura posição de viajeira por este vale de lágrimas, onde tudo pode acontecer diante da lei da morte.

Assim é que, marcadas pela força inexorável do seu determinismo, vão desaparecendo da Cidade de Mossoró, da sua presença e dos seus registros, algumas das suas figuras, que tiveram dia certo na sua história, alcançando o invejável privilégio de terem atravessado perto de metade do século XIX, e perto de 50 anos de vida, no século XX. Foi este o caso de Dona Noemi da Escossia Nogueira, recentemente, falecida em Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, aos 23 dias do mês de julho de 1974, aos 95 anos de idade.

No meio do milagre das comunicações, no dia seguinte, seu jornal publicava, em Mossoró:

> "Noemi da Escossia Nogueira — a velha jornalista incentivadora das gerações que sucederam ao seu marido João da Escossia na permanência deste órgão de imprensa, mãe e avó dos que na atualidade arcam com a responsabilidade da sua existência, fechou os olhos ontem para sempre, na resignação dos desígnios traçados por Deus."

Com ela desapareceu não só uma existência, porém, uma tradição, uma força geradora de entusiasmo, um exemplo de

orientação, que se refletiu nos filhos, AUGUSTO e LAURO, continuadores históricos da luta do jornalismo mossoroense, que vem dos dias de Jeremias da Rocha Nogueira, e se engrandeceu, admiravelmente, com João da Escossia, um grande artista e um espírito iluminado pelo idealismo e pelo amor da liberdade.

Com eles — OS ESCOSSIAS — O MOSSOROENSE transpôs a raia do centenário, comemorado a 17 de outubro de 1972, e relembrado numa promoção de afetuoso reconhecimento pelos serviços prestados pelo velho órgão a Mossoró, à Cidade e ao Município, sempre colocado no combate leal, na defesa dos seus problemas e dos seus legítimos interesses.

Consagrou o acontecimento UMA EDIÇÃO ESPECIAL do jornal, que circulou naquele dia, contando a sua história e inserindo uma entrevista de D. Noemi Escossia, página comovedora de saudades, revivendo os momentos que passou ao lado do esposo, homem admirável, cujas energias espirituais sobrepunham-se as próprias dores, que por vezes, o faziam cambalear, sem contudo, lhe abaterem o ânimo ou diminuirem a capacidade de trabalho, ou ao menos arrefecerem o entusiasmo de lutador.

E no meio da euforia de quem desfralda a bandeira da vitória dos 100 anos de um jornal do interior da Província, lançado em pleno coração seco do Nordeste Brasileiro, era de justiça, ressaltar o papel do seu atual Diretor, jornalista LAURO DA ESCOSSIA, quando escrevendo sobre a data, afirmei:

> "Vaidade justa. Vaidade legítima, porque lhe assiste o direito da sua hereditariedade".

Ele reconhecendo tudo quanto se fez, enaltece o trabalho dos outros, no meu caso, embora modesto, mas sincero, dizendo:

> "Você foi o artífice principal de tanta importância dada ao transcurso do centenário do jornal. A grande quantidade de mensagens recebidas de academias, literatos, jornalistas, parlamentares, tudo isso devemos a você que situou o jornal em meio das grandes coisas nacionais."

Mas, nem era possível falar do desaparecimento de D. NOEMI da Escossia, longe da sua terra, sem ligar o fato, a uma passagem da memória..

Era por volta do ano de 1933, já quase no fim.

Velho, arquejante navio do Loyde Brasileiro — o MANAUS — que já fora paquete de luxo, nos dias do Segundo Império, embora com outro nome, vagarosamente, sem alarde, sem presenças, jogou as âncoras no Porto de Vitória.

A viagem era o retorno do Rio de Janeiro, onde passara por um Curso de Educação Física, feito juntamente com o professor Acrísio Freire, na Marinha de Guerra, na Ilha das Enxadas.

Sensação alegre de quem salta de bordo, pisando o chão da capital capichaba, corri os quatro cantos da cidade. Andei de bonde, sem olhar as placas dos carros, nem perguntar o fim da linha. Depois, enchi os cafés. Mergulhei nas lojas. Enrolei o mercado e li os jornais do dia. Em tudo isso, olhei por toda a parte, e não descobri *viva alma de uma fisionomia conhecida, de um rosto parecido com alguém.* Ao menos, de um sorriso emprestado.

E reembarquei bisonho. Desiludido. Decepcionado da ausência humana do afeto.

A reparação do desencanto, poderia vir, um dia.

Pois eis que, chegando a Mossoró, num reencontro da Farmácia Almeida, ouço esta coisa curiosa, dita por uma jovem da Escola Normal, Alzira Bezerra.

— Olhe, Escossilinda me escreveu e disse que viu o Sr. passando num bonde, que saía da Praça Moscoso, lá em Vitória...

Perdi a graça com a notícia.

Mas, naquele instante, marquei a hora do relógio, e pude perceber a ausência de D. Noemi da Escossia, que já não era mais da sua casa, na Praça da Redenção, a sua ausência de sua cidade, de onde se fora, para se fixar definitivamente, para o resto da vida, em outra terra e no meio de outra gente, para viver tranqüila e feliz, numa espécie de "servidão jubilosa", como diria Câmara Cascudo, porém, com o coração sempre voltado para Mossoró, terra que os seus olhos azuis divisaram através das cores do manto da saudade... E cismavam...

RAIMUNDO ROCHA

Aroeira do PATU — Jequitibá no MARANHÃO

Há certas criaturas iluminadas pelos clarões da bondade que, embora cedo se tenham ido desta para a outra vida, continuam presentes na memória dos seus contemporâneos, como se vivas continuassem sendo.

O fenômeno não é estranho ao raciocínio, e definiu-o Câmara Cascudo, num daqueles rasgos da sua genialidade, quando determinou numa manifestação de sentimentos de afetividade que:

"A morte existe, os mortos não".

E por isso, e diante disso, sem discutir as prerrogativas da eternidade, intangíveis e intocáveis, evoco no instante em que recebo de S. Luis, o jornal "O ESTADO DO MARANHÃO", com um admirável artigo de CARLOS CUNHA, sob o título: A QUEDA DO JEQUITIBÁ NÃO ABALOU A FLORESTA, o nome de RAIMUNDO ROCHA — o patuense — velho companheiro de tantos planos de trabalho e iniciativas culturais, que continua vivo, no oratório dos santos das minhas amizades.

A sucessão do dia em que veio à vida exterior para ver o sol e respirar o oxignio da continuidade, deu-lhe tempo para descobrir que, além do horizonte geográfico do seu mundo, de proporções limitadas, havia duas coisas que seriam companheiras suas, como estranha força que faz com que o homem volte sempre à terra para um reencontro com suas raízes:

— o contorno impressionante pela simplicidade da Ermida da Serra do Lima, de onde tantos milagres são contados, e o perfil sombrio da Casa de Pedra de JESUINO BRILHANTE, na SERRA DO CAJUEIRO, em Patu.

Depois, o rincão da sua meninice, a que chamava o seu Paraíso Infantil — o JUNCO, e dele conta:

"Fui criado no Junco, propriedade rural do meu avô paterno, então município do Patu, no Rio Grande do Norte. Hoje é município.

"Não tive companheiros de infância para brincar; como meus irmãos na Vila do Patu.

"Apareciam, às vezes, na casa, a CASA-GRANDE, alguns meninos filhos dos vaqueiros ou dos moradores e brincávamos alguns instantes.

"Não obstante haver sido criado naquele isolamento .... eu me sentia satisfeito ao lado dos meus entes queridos.

"Era, em fim, um Pequeno Príncipe, tendo o Junco como o meu campo para as minhas aventuras de infância.

"Não pensava em livros, ignorava inteiramente a necessidade que tinha de estudar e de aprender. Não tinha obrigações nem afazeres, pensava apenas em comer, brincar e dormir".

Reminiscências vivas e sinceras, que se não tivessem sido escritas para retratar um pequeno reduto da rechã do Patu, bem que poderiam ter o colorido comparável a uma história de memorialista do porte de Charles Dickens.

Releio o artigo da folha maranhense, admirável pelo seu conteúdo sentimental (assina-o Carlos Cunha) lembrando que a *Queda do Jequitibá não abalou a floresta* do clã de Raimundo Rocha.

E descubro nele, quase para sugerir que, comparado aos gigantes dos matagais, Raimundo Rocha tinha a fibra inquebrantável da vetusta aroeira do Nordeste, pois esta sim, pode até tombar como o jequitibá, porém, não se quebra nunca.

Não é fora de propósito que, falando dela, se relembre fato histórico que põe em relevo a sua resistência. E conto. Corriam os dias tumultuados de 1930, quando a campanha da eleição do Presidente da República agitava o País, debaixo daquela alternativa apontada por João Neves da Fontoura, que vaticinara:

"vamos para o prélio das urnas, quiçá para o prélio ardente das armas".

Ao tempo, ao fragor da propaganda, passa por Natal, uma carayana política da Aliança Liberal, e da Praça Pública, EDGAR SCHNEIDER conclama a multidão a condenar a violência, fazendo uma profissão de fé:

"O gaúcho é como o jequitibá. Se quebra, mas não enverga."

E nem foi preciso esperar muito pela réplica, pois logo Assis Chateaubriand desafrontando o seu Estado, escrevia:

"Geograficamente, a PARAÍBA valerá SERGIPE. Civicamente, vale uma BÉLGICA. O machado que tentar abater aquela aroeira do Nordeste perderá o gume."

E como a *era* justificava as *grandes frases* de que JOCA BRUNO seria o herdeiro-sucessor em Mossoró, quando chegava a esta cidade a Caravana de BATISTA LUZARDO, ainda chamuscado da pólvora do tiroteio de Natal, o Cônego Matias Freire, do meio do povo, com aquela sua vibração de paraibano impetuoso, bradava estarrecido: *"Mossoró! há três dias que pisamos no corpo do Rio Grande do Norte! Hoje, encontramos o Coração!"*

Meus primeiros contatos com o jovem patuense foram ainda ao tempo em que ele fazia constantes viagens na boléia de um caminhão, correndo entre Pau dos Ferros e Mossoró. Mais tarde, já residindo nesta cidade, tinha sua roda de conversas no Café do Zé Felipe, ali, bem em frente das Redações de "O Mossoroense" e de "O Nordeste". O grupo dos *intelectuais da nova-guarda* reunia no bate-papo, Raimundo Rocha, Assis Silva, Odilio Pinto e Barôncio Carlos da Silveira, um bom poeta das águas do Assu, que também lá se foi...

Espírito expansivo, claro, sem embutimentos de ideais, mergulhou nos estudos da pesquisa e não tardou Raimundo Rocha a encontrar-se e estabelecer relacionamento com as figuras mais destacadas do campo folclórico, a exemplo de Câmara Cascudo, M. Rodrigues de Melo, Vingt-un Rosado, Veríssimo de Melo e Alceu Maynard, este de S. Paulo, falecido recentemente.

Seu trabalho teve o mérito da originalidade, e justificá-o plenamente, ainda mais, pelo espírito de equanimidade com que dividia as honras de um trabalho, que ele sempre considerava de grupo, e por isso, devia pertencer a outrem.

Sua lealdade, nesse sentido, era invulgar. No caso, posso afirmar, em causa própria que, ao lhe ser concedida a MEDA-

LHA DA CASA EUCLIDES DA CUNHA, condicionou sua aquiescência em receber aquela alta distinção, ao imperativo que ele manifestava de ser o *meu nome,* incluído na relação dos agraciados com a dita comenda.

Por essa razão e outras semelhantes, devo-lhe um dos melhores traços a lápis, feito com tinta forte, a meu respeito, quando escreveu:

> "Raimundo Nonato é um sujeito incorrigível. Filho do Martins, cidade pequena, hospitaleira, excelente pelo seu clima ameno, aonde se conhece a vida de cada habitante com todos os pormenores. O autor de "Memórias de um Retirante", por isso mesmo, indagador, observador, não podia deixar de ser um bisbilhoteiro. Pesquisador de água-doce, remexe gavetas, papéis velhos empoeirados, lá atirados sabe Deus quando. Não guarda segredos, "bate logo com a língua nos dentes", como se costuma dizer. É perigoso, engraçado, às vezes, inconveniente".

Sintonizo com Carlos CUNHA na homenagem que prestou a Raimundo Rocha, um espírito brilhante, cuja memória e o valor continuam iluminando as estradas que levam à SERRA do PATU.

serenidade e pelo uso da palavra sempre conciliatória, sem no entanto, omitir-se, nunca, diante da negação da verdade ou do assoberbameto das liberdades humanas.

Já Lauro da Escossia trazia no sangue todo o arrebatamento e impetuosidade de Jeremias da Rocha Nogueira, o planfetário sem medo, de quem herdou tantos traços de identificação, revelados nas suas ações e reações, por vezes bruscas, senão violentadas, que sempre reclamam conduta irredutível, coragem e espírito de deliberação.

O contraste sempre foi evidente: Escossinha, um complexo do cavaleiro andante voluntarioso, de capa preta e de luvas brancas, sempre pronto para duelar de espada, em céu aberto.

Lauro, ao contrário disso, era o espadachim animoso com a vivacidade do felino, sempre pronto para enfrentar, nas horas das trevas, um vulto encapuçado, à imagem de uma viela de Paris, que em Mossoró, bem podia ser o Beco-do-Pau-Não-Cessa, o recanto glorificador da bravura faunesca e da valentia dos homens sem alma e sem lei. Ali se emparedavam as mulheres-da-ponta-da-rua.

Estas coisas não são ditas sem razão de ser, de vez que foram, exuberantemente, refletidas no livro GENTE DA GENTE do escritor WALTER WANDERLEY, que num trabalho de farta penetração psicológica, analisou a figura do jornalista AUGUSTO DA ESCOSSIA, abrindo capítulo para algumas facetas novas da sua vida, a exemplo daquele seu rico anedotário, e de outras não menos interessantes referências sobre as suas amizades e *os grupos dos conversadores*, que habitualmente, faziam encontro na redação do velho periódico.

Nessa convivência dos mais íntimos, Escossinha se revelava um conversador agradável, extrovertido, cheio de verve e de apurado gosto de humorismo.

Homem otimista e de compreensão realista da vida, sem alimentar falsas ilusões, para ele não havia coisas impossíveis, e como não concretizava situações, ia disfarçando as dificuldades que lhe apareciam no caminho com um riso franco, cheio daquela confiança que tanto concorria para sua tranquilidade e para sua paz de espírito.

E no meio de todos os afazeres, na vida do jornal, que lembro de raspão, só para falar nele, chego a achar graça, quando penso na oficina tipográfica de "O Mossoroense". De ordinário, ela estava sempre de portas abertas para a acolhida

JORNALISTA AUGUSTO DA ESCÓSSIA

Nome e tradição na vida do jornal

Na escalada da sua vida, representa AUGUSTO DA ESCOSSIA, em linha reta, a terceira geração do fundador de "O MOSSOROENSE", esse irrequieto JEREMIAS DA ROCHA NOGUEIRA, que foi no século passado, uma espécie de idealista visionário, um espírito combativo e uma inteligência cheia dos mais belos sonhos, a serviço das grandes causas da humanidade.

Atente-se, aliás, que esta palavra ressonante figura no cabeçalho do seu jornal, como um daqueles pontos fundamentais do seu roteiro programático.

E por isso, por essas razões da ordem da hereditariedade, Augusto da Escossia não é só um nome, porém, uma tradição da família na vida do jornal, nascido naqueles remotos dias do ano de 1872. Seguidamente, seu progenitor, JOÃO DA ESCOSSIA, o jornalista e artista xilógrafo, prosseguiria no mesmo itinerário, integrado nos princípios que o orientavam, a eles vinculado, por força de disposições orgânicas iniludíveis, elementos estruturais da sua personalidade.

Depois, tendo desaparecido João da Escossia, Escossinha e Lauro enfrentariam o batente, fazendo circular o periódico, quase por uma questão de honra.

Nessa luta desigual, em que o esforço era unicamente deles, os dois irmãos, sempre tão unidos, tinham suas coordenadas temperamentais perfeitamente definidas, não raro, inteiramente diferentes.

Assim, numa comparação, embora superficial, sobre o comportamento humano deles dois, observa-se que, AUGUSTO DA ESCOSSIA refletiu muito mais a mentalidade do seu progenitor João da Escossia, cuja presença na Redação do Mossoroense era toda marcada por um sensível espírito de moderação, de

das iniciativas. Contavam-se por centenas, os jornais, revistas, boletins, livros, polianteas e publicações outras, que rolavam pelas suas máquinas, maior parte delas, dando prejuízo à empresa.

Mas, os Escossias nem olhavam para isso. E iam publicando... Dando asas ao pensamento...

Lembro, a propósito disso, que por volta de 1931 e seus anos subseqüentes, de parceria com Lauro Escossia, botamos a circular "O CORREIO FESTIVO", *diário das nove noites da Festa da Padroeira.* O jornal era fuxiquento e bolia com a vida alheia, o que quase me valia umas chanfraduras de navalha, numa noite de retreta.

No outro dia, ao tomar conhecimento do fato, Escossinha gracejou:

— Bem feito, vocês me enchem a oficina com essa bagunça e ainda findam levando navalhadas...

Na sua vida toda, AUGUSTO DA ESCOSSIA NOGUEIRA foi um modelo de probidade e de estrutura moral.

Talvez que tenha sido em Mossoró, o homem ideal da sua geração, sem inimizades, sem recalques, sem reservar de ódios que lhe pudessem estorvar a consciência, vivendo do seu trabalho para manutenção da sua família. Hoje, pensando nele, é pena recordar que, com o seu desaparecimento, abriu-se um grande claro na imprensa mossoroense, de onde ele se foi, como um dos seus mais famosos mosqueteiros.

PROFESSORA TITA

Um centenário esquecido de todo o mundo

Pois o fato é que, como toda humana criatura, Francisca Alves de Oliveira — a PROFESSORA TITA — afamada pelo rigor da disciplina e pelos bolos aplicados nos meninos, nos *tormentosos dias do argumento,* teve o centenário do seu nascimento assinalado no livro de registro dos batizados, muito embora não tenha sido relembrado por *nenhuma memória gradecida* dos que foram seus alunos, na data de 18 de setembro de 1972.

Mas, antes disso, quando em 1968, publiquei o livro — A ESCOLA DE OUTRO TEMPO — nele inseri o seu nome, e em capítulo registrei:

— Francisca Alves de Oliveira, a quem Mossoró deve inestimável serviço prestado como educadora, padeceu as agruras de uma velhice desamparada. Se tivesse sido funcionária pública, talvez tivesse alcançado uma modesta aposentadoria pelo trabalho espinhoso, ininterrupto que abraçara.

E, seguidamente, passei para o volume, como depoimento valioso, um grande artigo, que fora publicado na REVISTA BANDO, de Natal, de autoria do seu ex-aluno, meu colega professor Assis Silva, com esta redação simples e comovedora:

"Dedico, de coração, esta crônica a TITA — minha mestra —, que me ensinou as primeiras letras na carta tricolor de Laudelino Freire.

Tita, ex-aluna do velho professor Miguel Rocha, cuja escola minha mãe também freqüentou, naquela cidade, é filha de José Alves de Oliveira (ver Bn-3 da "Família Alves de Oliveira", pág. 32 do BOLETIM BIBLIOGRÁFICO, n.º 7, de 3-12-48 — Mossoró, num estudo de Francisco Fausto), e de Maria Alves de Oliveira. Solteira, nasceu a 18 de setembro de 1872,

em Mossoró, onde residia em companhia de suas irmãs, à Rua Idalino Oliveira, 44. O nome do homenageado pela placa que dá nomenclatura a esta rua era seu tio.

Professora particular, lecionou durante trinta anos à juventude de minha terra que foi buscar, naquele templo, as primícias do saber.

Cega da vista direita, o defeito físico não lhe privava o exercício da árdua atividade espiritual, da ingrata missão de ensinar.

Figuras de destaque no mundo intelectual, político e social de Mossoró "alisaram", por algum tempo, os duros bancos da antiga escola, alguns dos quais foram contemporâneos nas lições e nas diabruras da meninice.

Foram seus alunos, dentre outros, Dr. Mário Negócio, jornalista Joel Carvalho, Euclides e André Leite, Joãozinho Leite, Pedro Leite Filho, Joel e Jorge Ricarte, Alfredo Pinto (Moreno), Péricles Mota, José Negócio, Nacés Costa, Amarinho Duarte, Francisco Morais, Astolfo Costa, Prof.ª Isabel Bessa (Bessinha), Josefina Gurgel Filgueira, Dr. Tiers Rocha e seus manos Elzo e Sebastião, o beletrista e cantor Francisco Reis, Drs. Hilário, Raimundo Gurgel, Desembargador Zacarias Gurgel da Cunha, Dr. Vicente Luz, Dr. Antônio Mota, Francisco Mota, Mota Neto, Dona Nail Soares de Medeiros, Padre José Gregório, Francisco Filgueira (Velho Filgueira), Artur e Pedro Paraguai, Raimundo, Décio e Francisca Barbosa, filhos de Virgílio Barbosa, Alaíde Filgueira, meus irmãos Antônio e Maria Ponciana, Dona Maria Fernandes (Corôca), Dona Geísa Couto, Dona Maria Nazaré Barreto, Dr. Carlos Borges, Deputado a Assembléia Estadual, Mirabeau e Pedro Borges e Dona Maria Madalena Borges, Pedro Leite, Artur e Pedro Paraguai.

Guardo ainda, nítidos, na memória, interessantes aspectos da vida escolar na casa, na rua arborizada pelos frondosos tamarindeiros.

Recordo-me, vivamente, das figuras gravadas nas páginas do 1.º Livro de Felisberto de Carvalho: a pá, o pé, o pó, a vela, o javali. Depois, meu livro de leituras difíceis: "Ciências Físicas e Naturais", de F. T. D. Da obra didática permaneceu, por muito tempo, no pensamento, a figura do esqueleto humano, a povoar de imagens os meus sonhos de menino.

Gostávamos mais dos alfinins do que das lições, feitos naquela casa e vendidos a preço de vintém. Aquilo constituía a

"tentação" da garotada, à hora dos exercícios escritos ou da tarefa, escolar. Enchíamos a boca d'água, mal sentíamos o cheiro do mel fervido, vindo do interior. "Inventávamos" de ir lá fora, conduzindo a "licença oficial", sempre à mesa, a fim de assistirmos um pouco da faina do puxa-puxa e matar o tempo rotineiro. Até aqui tudo muito bem. Desagradável, porém, era levar um bolo pela mão canhota de "minha mestra". Aplicado o castigo, a "careta" da vítima, sucedia-se um "ai" de fazer dó. Aos sábados havia o argumento, com "bolos" reservados entre os mais "sabidos". Aulas mistas, a gente tinha acanhamento das meninas, principalmente quando se cantava o B-a-bá. Na mesa central no momento da lição soletrada e cantada, corávamos ao pronunciar a sílaba da carreira do c-a-cá. A vergonha, subindo ao rosto, era dissimulada pela carta aberta à altura dos olhos. Estudava-se a tabuada também cantada, ao ritmo do balanço das pernas, sentados no banco. Havia o rascunho, a lousa com "crayon" e a leitura manuscrita. A coisa era séria. No fim do ano letivo, fazia-se a festa da palmatória. A mensalidade cobrada pela eficiente e rigorosa instrução do menino era apenas de dois mil réis.

Ali, vive, portanto, quase esquecida, merecedora de uma palavra de conforto e de amizade, digna de receber, na decrepitude, dos seus ex-alunos, o preito da consideração e da estima, o óbulo da gratidão material e moral — Tita — a nossa mestra."

Faleceu em Mossoró, a 30 de abril de 1954.

O BUSCA-PÉ RODOPIOU NO CINEMA

E o estudante foi preso

A condição do trabalho estava determinada no mesmo dispositivo.

E como tudo era pegado, cinema, hotel e bar, funcionavam debaixo do mesmo teto e sob a mesma ríspida direção de "Seu Chico". Na medida das coisas, alguns desses serviços eram comuns aos usuários, aos freqüentadores da casa.

Não quer dizer que tudo aquilo funcionasse como um seio de Abraão. Isso não. Porque na verdade, não raro as atividades se tumultuavam e o mundo andava perto de pegar fogo. Tanto que, quando surgiam umas garrafas pelas mesas do bar, uma teima no salão do bilhar, por um tempo mal contado ou um bate-boca mais sério entre o proprietário e algum hóspede, era de ver-se que tudo aquilo vinha, ordinariamente, acabar no meio do cinema, às vezes, em meio da projeção das "fitas".

Ademais, o pobre do cinema também vivia aturdido com os seus problemas, com casos criados, imprevistamente, e que reclamavam solução a cada hora.

Assim, tudo era possível acontecer no meio da sala, às escuras e entupida de gente de todas as condições sociais, de educação e de temperamento os mais difíceis de ajustar às normas disciplinadoras da coletividade.

E por isso, lá uma noite, durante uma sessão, aconteceu uma coisa de arrepiar cabelo. Ao que se dizia uma estupidez, que raiava pela casa do absurdo. O caso foi motivado por um busca-pé que algum imprudente soltou no meio dos pacíficos espectadores. O "bicho" feito um louco clareou o recinto e saiu rodopiando, fazendo seus giros, chamuscando as pernas de quem encontrava na sua passagem, até que embiocou por debaixo das filas das cadeiras e foi estourar, exatamente, junto

daquela que era ocupada pelo oficial delegado de polícia, no caso, tenente José Barbosa.

É inimaginável, por certo indescritível, a situação de pânico que se criou, ante o fato inusitado.

Aos berros, o delegado mandou que ligassem as luzes, no que foi prontamente, atendido.

O que aconteceu depois, nem é bom pensar.

Ah! o caso do buscapé deu um bolo!... que só se vendo...

Quando a luz voltou, a assistência estava toda de pé. E com surpresa dos espectadores, o tenente delegado, metido impecavelmente, na sua farda branca, se encontrava trepado numa cadeira, numa incontrolável demonstração de pânico. O certo é que ninguém podia compreender como sucedera uma coisa daquela.

Sem tirar, nem botar, um caso político estava se criando, só por causa daquele insolente busca-pé. Mas, todos entendiam, que antes de mais nada, aquilo não passava de caso de polícia, de falta de educação ou de rematada falta vergonha. No meio da confusão que se generalizara, os mais exaltados não viam outro caminho, senão o da cadeia. E piores foram as conseqüências da brincadeira, de que resultou que, Zé Almeida perdeu os óculos. O barbeiro Antônio Tércio deu um tabefe em Napoleão dos Santos e a empregada de João de Bento deu um xilique e começou a gritar: — *me solte seu Moreno*... me solte... E como remate, um vendedor de cavaco chinês, o Antônio Bunda Amorosa furtou a bengala de D. Milu, que ficou sem o seu ponto de apoio, de arrimo, de auxiliar da locomoção. Homens houve que fizeram o papel mais feio desse mundo, como o professor Manuel João, que encostado num canto de parede, tremia que só vara verde, pedindo um copo dágua a Toinho de Colombo.

A muito custo, com boas palavras e pedidos de calma, os ânimos foram serenando, voltando à tranqüilidade.

A autoridade, no caso o oficial já referido, tomou as primeiras providências. Começou por um reconhecimento do terreno, indo e vindo pelos quatro cantos da sala. E depois, acompanhado do seu ordenança, esquadrinhou os locais, rodou por detraz das filas das cadeiras, cheirou o cimento por onde ficara rastro do busca-pé. Parecendo cansado daquele exercício disse para o ordenança:

— Cabo Manuel Francisco examine esse material.

Sem esperar segunda ordem, o praça jorrou-se pelo chão e depois de esfregar a sua fuça pela cinza e pelas marcas deixadas pela combustão, levantou-se, e enquanto batia a poeira das calças, afirmou com segurança:

— Se não me engano, seu tenente, o *cheiro é de dinamite, mas porém, o gosto* é de *polva de fogueteiro.*

Diante disso, o tenente Zé Barbosa, determinou, com firmeza: — Cabo, prenda esses dois rapazes. Eles soltaram o busca-pé, no meio do povo. Isso é um crime. Um deles era Joel Carvalho.

A decisão do delegado estarreceu a assistência muito, muito mais do que o próprio busca-pé.

E foi aí que se viu Alfredo Castro levantar-se, dirigir-se a autoridade coatora, e dizer-lhe quase com violência:

— Tenente Zé Barbosa, ou você relacha essa prisão agora mesmo, ou amanhã não será mais delegado de Mossoró. Pode ir arrumar sua bagagem que, sua missão aqui está terminada.

E aí, arremata o Escrivão da Coletoria, vem entrando o compadre Rafael que vai lhe dar a palavra de ordem.

E dito e feito. O Deputado Federal e Chefe Político do Município, que vinha chegando, ainda teve tempo de ouvir as últimas palavras do seu correligionário e amigo de todas as horas. Ali, mesmo, na presença dos mais próximos — os três — o Deputado, o Delegado e o Escrivão — estabeleceram rápida conversa.

Daí, a momentos, as luzes eram apagadas e a projeção da "fita" recomeçou.

No fim da sessão, no Bar do Grande Hotel, estava o antigo grupo chefiado por Afranio Guerra. Parece que nem tomara conhecimento do reboliço e continuava bebendo, contando aventuras e descobrindo uns para os outros, seus casos, suas novelescas conquistas amorosas...

127

Mas, fora dali, do meio confuso da casa de negócio, Mundoca estudava no Colégio dos Padres. Além da sua queda pela matemática, pois chegara a resolver sozinho, o famoso problema da Coroa de Ouro da Aritmética de Trajano, aprofundara-se nas línguas e até diziam que ele sabia decorada quase toda a Gramática de Carlos Pleitz, que era adotada pelos padres no ensino do francês.

Da vivência do Colégio, citava, amiúde, o exemplo dos Irmãos Leites — JOSÉ e LEÃO — (filhos de "seu" João Leite, o agente do Correio), como rapazes dedicados aos estudos e disciplinados, que eram considerados os melhores alunos da classe. Ambos seguiram o Seminário O primeiro, cedo alcançou a dignidade episcopal, Bispo de Oliveira, em Minas Gerais. O segundo percorreu todas as estradas do missionarismo, no seu. trabalho de evangelização e apostolicidade. Teria chegado, certamente, a colocar a mitra na cabeça, a conduzir o báculo nos préstitos procissionais, não fora alcançado pela morte, ao meio da caminhada da vida.

Dos colegas de estudo de Mundoca Caitano, o mais constante nos encontros era Dolecé, filho de Seledon, que vinha das Barocas, por vezes ,trepado em cima de uma carroça puxada por duas juntas de boi. Onomástica muito esquisita, porém, ainda assim, nomes de gente!

Muito mais tarde, interrompendo o curso, sem condições de reiniciá-lo, entregou-se, decisivamente, a atividade do comércio, em que fez carreira.

Daí, nas horas vagas, derivou para a prática dos esportes, começando pelo Palmeiras, o Clube dos salineiros dos Paredões. Esse que foi, aliás, o celeiro de grande jogadores, a exemplo de Zequinha de Higino, Luís Nunes, João Mala Velha, os *Irmãos Joaquins,* Neco Charuteiro, Teodoro, João de Maria Francisca, Oscar de Belchior, Gavião, Titico de Luís Ramiro — a moça — AÍTA, o goleiro fantasma, Bideu, esse fabuloso Glicério que pasmou às canchas natalenses, Parafuso, Chá-de-burro e tantos outros —. Depois, Mundoca Caitano saiu para o Humaitá Futebol Clube, em cujo quadro foi figura das mais brilhantes, sempre lutando, bravamente, nos campos e arrancando vitórias memoráveis para o time da camisa azul-e-branca, justamente aquele que levantava as multidões, como o mais valoroso dos quadros, de quantos disputaram futebol na terra mossoroense!

QUINCÃO VIAJOU AO AMANHECER...

O silêncio de uma vida

De princípio, este registro começou a ser pensado na PRAÇA XV (antigo LARGO DO CARMO, "TERREIRO DO POLÉ" e LARGO DO PAÇO), esboçado no papel a bordo de um aerobarco, FLEXA—NITERÓI, para ser concluído, no pátio da velha Igreja do Saco de S. Francisco, construída por ANCHIETA, depois de ultrapassada a metade do século XVI. Por sinal, a única igreja de que dou notícia com janelas na fachada, invocando para confirmar o alegado, o próprio testemunho de LAURO DA ESCOSSIA companheiro de visita.

O fato é que tudo teve como causa a nova que me chegou via-intercâmbio de Raimundo de Brito e Antônio Falcão, do desaparecimento em Mossoró, de pessoa do meu conhecimento e amizade.

Diante da situação concretizada, inútil é revelar preocupação com o que poderá acontecer no dia de amanhã, porque e lei da morte sempre se manifesta por um impacto inevitável. Ninguém dela pode fugir: rico ou pobre, orgulhosa ou humilde, inocente ou pecador ,todos são alcançados por ela, no dia do juízo final.

Tanto assim, na vida tranqüila ou tumultuada que leva a criatura humana, tem lá, imprevisivelmente, o seu momento para o encontro derradeiro. E nem é possível disfarçar a lógica desse absurdo, a fatalidade que surge na caminhada do vivente sempre de imprevisto, sem aviso prévio, sem ao menos se fazer anunciar.

Tempo útil ou inútil, bom ou mal vivido, o certo é que cada um deixa do seu trânsito pela estrada da vida, uma história que pode e merece ser contada.

A de hoje, pertence a Joaquim Soares da Costa — o QUINCÃO — que acaba de ser convocado para a grande viagem do sem retorno.

Quincão foi uúma figura do meio da rua, com características intrinsecamente mossoroenses.

Alto ,de constituição forte, ombros largos e peito recurvado, braços pendentes, que davam idéia de ser maise compridos do que o próprio corpo, olhos garços, testa ampla e uns fiapos de cabelo, que ascasseavam para abertura do campo da careca que pedia espaço, rapidamente. ·

Quincão estava em todas as esquinas, nas pontas das calçadas, nas rodas de conversas. Ficava horas, na porta do Café de Friso. Na calçada do caldo de cana de Chico Bessa. Demorava na Travessa da Imprensa, ou na boca do esgoto que ficava junto da loja de Zé Menezes. Fazia as vezes de poste, na esquina do Beco de Henrique Lima, e parava grande tempo, no Café de "seu" Mané de Vuco-Vuco. Outro ponto seu era o banco do café de Luís Peito de Aço, onde tinha assinatura de lugar. Curioso é que, freqüentando todos esses recantos, onde se discutia política, futebol e vida alheia, Quincão não dava opinião, não se metia nas conversas, era a imagem do mudismo, a personificação do silêncio, na sua forma total, absoluta. Não sei quantas vezes lhe ouvi uma palavra, e essa quando saía da sua boca, era como um sussurro, soprada, ciciada, dominada pelo receio de ser ouvida, falada mais alta, para não perturbar os circunstantes.

Não cheguei a conhecer nenhuma namorada sua. E se teve alguma a pobre coitada, poucas declarações lhe deve ter sintonizado no dial da afetividade.

Em tempos idos, Quincão e tantos outros meninos do seu tope, passaram pelos bancos da Escola PAULO DE ALBUQUERQUE, do professor Raimundo Reginaldo.

O ano era o de 1920.

A sala de aula ficava num armazém da Rua dos Oliveiras pegada a um "depósito de aguardente" de Antônio Florêncio. Bem em frente, numa casa de residência, era a Escola da Professora TITA, onde, nos dias de sábado — dia de argumento — o *bolo roncava sem dó nem piedade.* Tem a palavra o professor Assis Silva.

A turma dos alunos da PAULO DE ALBUQUERQUE era um mesclado humano, uma verdadeira coberta de tacos. Lá

estavam matriculados, entre outros: Lídio Freire (traços de índio), Raimundo de Juviano (que lia mais alto), Manuel e Vicente Firmino (primeiro conhecido até hoje, por dotô Firmino), Quincas Duarte, Euclides Leite Rebouças (quidoca) e Joãozinho Leite (chamado mais tarde de Carnera) Chico Caitano, da Lagoinha, morador no Bom Jardim, Astolfo Costa e Quincão. e Andró Leite. Aquele mais velho do que este. Astolfo tinha uma filosofia displicente, um modo descançado de encarar a vida, tanto que dizia: "a noite foi feita para dormir e o dia para repousar".

Tenho idéia de que em matéria de estudos Quincão não foi muito longe. Também talvez não tivesse muita pressa, pois sua vida era folgada. Seu progenitor, Tenente José Costa, tinha um grande armazém de secos e molhados ,vendendo em grosso para a freguesia dos sertões. O local era na antiga PRAÇA 6 DE JANEIRO, hoje, Rodolfo Fernandes, fazendo esquina com a casa da viúva Silvio. Ali, segundo a legislação municipalista, começava a Rua do Gurgel, "seu morador mais antigo." O ponto, depois serviu para instalações de outros ramos, inclusive o famoso CAFÉ TAVARES", onde a política fez quartel no tempo do Partido Popular. Num salão contíguo, funcionavam os bilhares. Aí, uma vez, mataram Demónstenes, o pequeno grande goleiro de o Humaitá, time em que jogavam "seu" Chico Duarte, Zé Antônio, Rufino de Analia, Ferreirinha Duarte, Chico Higino, Zé Mota, Amarinho Duarte, Antônio Caitano, João Pinto (já era velhinho), Pedro Borges e outros.

Na sua vida toda, Quincão foi um eterno visionário, um apaixonado pela arte tipográfica. Viveu entre caixas de tipos, movimentos dos prelos, de componidor na mão, procurando linhas, separando travessões, substituindo letras trocadas.

Da geração mais moça, junto com Lauro Escossia, o autor do Livro de S. Cipriano dos tipógrafos, Quincão foi sucessor da imensa turma que tivera Escossinha, Rufino Evangelista, Teófilo dos Anjos, Cícero Padeiro e Chico Abel, o velho. Daqueles do seu tempo, é possível assinar:

— Djalma Vasconcelos e Francisquinho, Odílio Pinto, Raimundo Pitomba, Chico Assis, Antônio de Pádua, Meneleu, Abnér, (no Diário de Natal, era chamado de Ábner), Mário do bom Hermógenes e Mandurico. Não é possível deixar de referir no meio desses, a figura cheia de estardalhaço de Chico Abel, o novo. Era o sujeito mais imoral deste mundo, e essa

história de palavrão, que corre por aí, para ele, era café pequeno. Morreu na arte, trabalhando, achando graça, mangando da desgraça.

Modesto e simples, quase com um ar de humildade, Quincão não teve muitas ambições, neste vale de lágrimas.

Nunca falou mal de ninguém, e não teve inimigos, nem ódios, raivas, nem criou animadversões com qualquer mortal. Conduta reta, linha de comportamento sem curvas perigosas, um homem na exata concepção de um julgamento moral.

E como falava pouco demais, o chaveiro do céu, talvez de ouças curtas, levou tempo para identificar o novo hóspede. E só não houve mesmo um princípio de engarrafamento, porque chegou S. Miguel com a balança e foi dizendo:

— ora, Pedro, deixa o homem entrar. Não vês que ele fala pouco. Que o silêncio vale ouro. E que a boa palavra é dádiva de Deus?

Quando Quincão foi transpondo a entrada, seu rosto abriu-se num riso alvar, contraído, sem expansividade, assim que viu, num canto, conversando, um grupo de velhos conhecidos de Mossoró.

Mas, logo foi mandado para o seu pouso, que ficava, ali perto, na RUA DOS SILENCIOSOS.

Até no Céu, cumpria-se o seu destino...

MESTRE ARTUR PARAGUAI

Incentivador da arte musical em Mossoró

A bem dizer, a mais modesta das criaturas tem lá o dia do seu encontro com a compensação, o que nem sempre sucede em condições de reparar desenganos, angústias e sofrimentos Mas, vê assim mesmo, e chega, às vezes, a por em relevo o nome esquecido, fazendo-o sobressair do abismo do anonimato para ser lembrado ao indiferentismo das multidões, ora pelo seu valor próprio, ora pelo trabalho realizado em benefício da coletividade.

Entre estes, situa-se o caso do musicista Artur Paraguai, não faz muito tempo, desaparecido deste mar de lágrimas.

Num registro sucinto, para apreciá-lo no seu justo lugar, é preciso que se diga que, dos amestradores de conjuntos de harmonias e grupos filarmônicos de Mossoró, alguns foram verdadeiros artistas, formando bandas de música que alegraram as ruas das cidades com os seus dobrados sonorosos, ou fazendo retretas nas praças públicas, com repertórios inteiramente clássicos, fornecendo elementos para as serenatas ou organizando orquestras que tocavam bailes nas reuniões familiares.

Refiro, no aspecto, por serem os mais característicos, os nomes dos mestres Alpiniano Justiniano de Albuquerque, Canuto Alves Bezerra e Artur Paraguai.

Não devo, no entanto, deixar de fazer menção a outros mais antigos, como José Bastos e Estevão Guerra, João Maurício e José Venâncio, Joaquim Carvalho (mestre Quinca) e Sinhorzinho dos Santos, a José de Vasconcelos e Joaquim Ribeiro, e mais recentemente ao Tenente Luís Gonzaga, da Força Pública do Estado, todos com apreciável trabalho desenvolvido neste setor.

Mas, a idéia fundamental é a de fixar a presença daqueles três nomes como centralizadores do esforço de que resultou

a organização de algumas bandas de música, que tanto abrilhantaram a vida social e artística de Mossoró dos velhos e dos novos tempos.

O primeiro e o segundo, hoje, são nomes dos arquivos, dos registros, ou revividos por algum sobrevivente da sua geração, ambos afamados mestres da "FENIX" e da "CHARANGA", duas corporações que deixaram tradições no espírito dos mossoroenses, e o terceiro, motivo especial deste registro, dirigindo, por toda a sua vida, vários conjuntos, mas, demoradamente, o "Grêmio Musical Santa Luzia", que viu desaparecer e ressurgir, vezes sem conta.

Possuindo apenas estudos informais, sem cursos, sem especialização, que não fosse a que transbordava das suas próprias tendências, Artur Paraguai era uma autêntica revelação vocacional, dom que, aliás, era comum aos outros membros da sua família sempre representada no campo das atividades musicais.

No seu clã, que nem era muito numerosa, todos se revelaram instrumentistas de qualidade, destacando-se Geraldo Paraguai, caboclo de boa vida, sempre alegre, comunicativo e cheio de pilhérias, que foi um clarinetista de admiráveis dotes, um executor dos mais perfeitos, um artista de categoria para quem o instrumento não possuía segredos.

Com relação ao seu grupo familiar, até hoje as minhas buscas não chegaram a melhor resultado para descobrir as origens desse apelido ou sobrenome *Paraguai*. Não fujo a tentação de pensar que algum remanescente seu deve ter voltado da Guerra do Lopes com o corpo crivado de buracos de balas, a contar histórias fantásticas, que de certo modo, podiam justificar a adoção daquele gentílico belicoso e raro.

Além de Artur, eram seus irmãos: Geraldo, já falado, Pedro e Manuel, estes também oficiais de marcenaria, porém, todos, indistintamente, integrados em corpos musicais. Havia, também, um outro parente chamado Manuel, que era tocador de violão, e foi eletrecutado, ao pisar num fio da rede elétrica, caído no meio da rua, quando voltava de uma serenata. E ainda um parente mais distante: Saturnino Paraguai — Pé-de-lancha — meu colega e de Lauro Escossia na Escola Normal, cuja penetração nos domínios da nobre arte, não foi lá grande coisa, pois não passou de um modesto soprador de trompa.

Mas, o que tornava curiosa a figura do mestre de banda de música de Mossoró era o seu espírito de vivência coletiva,

o seu contágio pela multidão, a sua extraordinária capacidade de composição sobre os mais variados temas. Fazia uma música sentado numa mesa de café com a mesma displicência com que Zé Cruz anotava a despesa de um freguês, no caderno do fiado.

A esse respeito para mostrar a sua versatilidade, basta lembrar que, a cidade inteira solfejava músicas de sua lavra feitas para as letras das canções dos clubes esportivos Humaitá, Ipiranga e o Palmeiras, cujos motivos e ressonâncias ainda hoje são relembrados pelos saudosistas.

De outro lado, também o carnaval ocupou lugar na sua produção, assim que, Pimpões, Baraúnas e tantos outros blocos, além daqueles que tinham circulação fechada na vida dos clubes, todos viveram dele dependendo para composição de suas marchas, ranchos e outros gêneros em que ele imprimia o colorido do seu talento de compositor original e espontâneo.

Na dispersão dessas qualidades, que chegavam para todos, foi até meu professor de flauta, sem que nunca o parendiz compensasse o trabalho do mestre.

E não fugia nem da roda das brincadeiras, onde vivia e era sempre dos mais *arrasados*. Dele dizia Cícero padeiro, impiedoso. "Artur não faz uma tocata em dia de chuva, nem por um rio de dinheiro. Ele tem horror da água. O derradeiro banho que tomou foi no dia do nascimento."

O VELHO ZÉ DE GAUDÊNCIO

Um cafeísta esquecido no dia da vitória

O tempo vinha de há muito reclamando contra o meu silêncio em apresentar este registro, que faço hoje, para evocar a presença dessa figura tão popular nas ruas de Mossoró, que foi JOSÉ DE GAUDÊNCIO — mais exatamente, diria ZÉ GAUDÊNCIO, como atendia a todos, no chamamento da comunidade de que foi um dos mais modestos, porém, dos mais dedicados dos seus obreiros.

Homem do povo, arrancado do chão dos sacrifícios, das dificuldades, dos desajustamentos econômicos sempre prementes, compreensivo, bom e prestativo, viveu e morreu na simplicidade de sua condição humana, sem deixar inimizades, ódios, ou animadversões de sua passagem pela vida, que nem sempre lhe foi um lago azul...

Vindo de gente e de velhos troncos de Mossoró enraizados na gleba do OUTRO LADO DO RIO, morando numa casa de taipá cujas paredes quase desabavam pelas ribanceiras rio abaixo, Zé Gaudêncio descendia de um velho postalista, que durante mais de meio século conduziu correspondência para os distantes lugares do alto sertão. Neste trabalho estafante, o modesto funcionário, seu progenitor, cortou estradas, palmilhou caminhos andando sempre a pé, levando *a mala do correio* atada às costas, com as boas e as más notícias de que as cartas eram mensageiras silenciosas e fiéis.

Velho Gaudêncio era conhecido por todas as pessoas das casas que se alongavam à beira da via empoeirada, e em cujos alpendres *demorava um pedaço de tempo* descançando os pés, tirando umas baforadas do cachimbo, enquanto tomava uma xícara de café torrado com rapadura Em todas as paradas, contava ele com velhas amizades que se sucediam de pais para

filhos na repetição daqueles dias monótonos, sempre iguais, que não mudavam nada, quando ele, o estafeta envelhecia no duro ofício. Nesse trabalho em que fazia coisa de um agente das comunicações entre pessoas separadas pelo espaço geográfico, que não se viam nem se entendiam, de longa data, senão por meio daquelas cartas, que vinham de tão longe, ansiosamente esperadas, portadoras de segredos, de esperanças, às vezes, de alegrias, por vezes, de tristezas.

E como esse itinerário se repetia a dia certo, lá uma vez, para essa caminhada, em que só o anjo da guarda era a sombra protetora, porque faltasse o velho condutor, o filho jovem Zé Gaudêncio, tomava a responsabilidade da viagem, a fim de que a correspondência e os valores postais por cuja segurança respondia, sem transtorno, sem demora, chegassem ao seu destino. Para isso, não raro tinha de enfrentar dificuldades, rios cheios, imprevistos e perigos, até o encontro com grupos de cangaceiros, que infestavam a região, incendiando, roubando e matando os indefesos sertanejos, que viviam abandonados, entregues aos azares da própria sorte.

Mas, fora disso, da aventura dessas travessias, na verdade, Zé Gaudêncio era por disposições orgânicas iniludíveis, se não mesmo instintivo, um tipo profundamente radicado à movimentação das ruas, à vivência dos ajuntamentos coletivos, ao contato das multidões efervescentes, de que ele era elementos integrante, atuante e solidário com as suas manifestações populares.

Assim, sua vida toda transcorria num permanente estado de mobilidade ,de circulação pelos quadrantes da cidade, pelo centro e pelos subúrbios.

Quando menos se esperava, ele surgia de imprevisto, em qualquer parte, desenvolvendo sua atividade de ambulante, fazendo toda sorte de negócio. Aqui, vendia gasparinhos da Loteria Federal e ali passava bilhetes de uma rifa, quando não enveredava pelos meandros da contravenção e vendia bicho, às escondidas ou de portas escancaradas, conforme *o aperto* dos *vigilantes,* conforme a *conveniência do tempo.*

Nesse ramo de atividade possuia até *fregueses amarrados,* que *faziam o jogo no fiado,* como era o caso de João Rocha — conhecido por *chatilene* — pelas jogadas que armava nas roletas, que há bem seis meses *amarrava o gato* sem pagar um tostão ao Zé Gaudêncio. E de tanto vender sem receber nada,

o vendedor já devia ao banqueiro os cabelos da cabeça, *pinfando,* em fim, sem ter meios de sustentar as pernas dentro das calças.

No meio da sua angústia, Zé Gaudêncio apelava para os santos e fazia promessas. Tanto se azucrinava que, lá um dia, no fundo do Café de Luís Peito de Aço, na frente do professor Solon Moura (que me contou o fato), ajoelhou-se, de mãos postas e cabeça levantada, rogou:

— Meu Santo Expedito da Capela de Maria Bolão do Riachinho, fazei com que hoje, a Loteria Federal dê o bilhete terminado em 53. Se isto acontecer, meu santinho, eu irei até aí, acender uma vela no altar e rezar um credo em cruz!

Como todo bom mossoroense, Zé Gaudêncio dava a vida, talvez até a alma, para assistir à uma partida de futebol de um time de Natal com um de Mossoró. E, certamente, teve essa sorte. No meridiano nacional, seu clube era o Fluminense.

Outra face curiosa da sua vida apresenta-o como um grande animador da Festa da Padroeira, no seu lado tradicional, pois toda a noite, depois do novenário, armava uma barraca cheia de prendas que eram sorteadas no rodar de uma grande roleta luminosa, que atraía curiosos para suas imediações, cada um tentando a sorte.

Diga-se, no entanto que, os grandes momentos da sua vida, passou-os no tumulto dos comícios políticos, na praça pública. Nisso, sempre foi um exaltado partidário do grupo do jornalista Café Filho, em quem votou a descoberto, nos pleitos mais agitados da cidade.

Prova de sua lealdade está firmada no retrato publicado no livro de memórias — *Do sindicato ao Catete* — daquele ex-presidente da República, onde aparecem numa concentração na Praça Vigário Antônio Joaquim, num palanque armado em frente da Amplificadora Municipal, quando falava João Café, justamente ele, Zé Gaudêncio, Manuel Leonardo e Luís Prego.

Ainda assim, apesar da sua lealdade ao cafeísmo, no Dia da Vitória, ninguém se lembrou dele! Que continuou vivendo do seu modesto ofício, pobre, esquecido e só!

MESTRE JOÃO DIAS

Remanescente dos 86 de Mossoró

A estação sem prefixo e sem antena do Antônio Falcão continua no espaço, dia e noite.

E toda a vez que abro o envelope com os jornais que o Raimundo Brito vai mandando e conservando a tônica das informações com aqueles preciosos recortes, que operam verdadeiros milagres face aos noticiários que encerram, vou preparando o espírito para receber o impacto do SOS do aviso aos navegantes que largaram deste mundo, que lá se foram estrada a fora, enveredando pelos infindáveis caminhos do além...

O de hoje, registrado apenas com 3 palavras secas, relembra um nome fixado numa grande quadra de Mossoró, pois o artista JOÃO DIAS foi um homem de extraordinária capacidade de trabalho, tendo nos limites da sua área profissional realizado algumas das obras mais importantes do sistema de urbanização da Cidade, onde desenvolveu atividades à frente de numerosos serviços públicos e particulares.

Paralelamente, foi uma figura de elevados gestos humanos, cheio de entusiasmo pela vida e dedicando-se, com tantos outros companheiros de ideal, ao trabalho de organização de entidades associativas, algumas, a exemplo da UNIÃO DE ARTISTAS a que votou um esforço sem par, visando, sobretudo, alcançar solução para os seus problemas, melhorando os serviços aos associados e defendendo com ardor, os interesses da classe, quando ameaçada de qualquer constrangimento. Agindo, solidariamente com os elementos mais representativos do colegiado, através de uma política de sábia orientação, a sociedade sempre se manteve inteiramente afastada de competições partidárias, e de outras de qualquer natureza que pudesse alterar a tranqüilidade dos seus propósitos estatutários.

Homem de convicções inarredáveis, de pontos de vista que não se modificavam com facilidade, nem tudo corria sempre num mar de tranqüilidade, sem agitação e sem borrasca.

Assim, aconteceu lá pelos idos de 1924/25, quando surgiu uma chapa, cuja presidência era encabeçada por João Dias. Não houve a harmonia desejada com a corrente dos adversos, e o artista, magoado, afastou-se da competição. Mas, fez muito mais. Arrastou um grande grupo de sócios e com eles fundou uma nova entidade, o CENTRO DOS ARTISTAS, para cuja presidência foi eleito o pedreiro Velho Darico.

A incompreensível divergência não podia durar muito, e embora o novo órgão realizasse um trabalho construtivo, todos estenderam as mãos para um entendimento de conciliação. João Dias retornou à União de Artistas, sendo por fim, eleito presidente, quando todos fumaram o cachimbo da paz.

Político até a menina dos olhos, acompanhou Bento Praxedes, e depois Soares Júnior, com este, quase todo o tempo na oposição. Por linha de tradição, o grupo era vinculado a influência econômica da firma M. F. do Monte & Cia. Nesse aspecto de sua militança, sempre foi de uma extrema lealdade. Nunca houve contingência, promessas de vantagens ou oferecimentos do situacionismo que o seduzissem, que o fizessem mudar de posição, e, por isso, dizia numa filosofia simplicista, que bem defendia o seu caráter:

> "— Seu Assis, quem muda de direção é rabo de catavento, que vai para onde o vento tange... Homem certo, tem um lugar certo na vida."

Mas, em fim, como nem tudo é eterno, e aquilo que não se renova morre, um dia, lá pelos idos de 1930, quando a ALIANÇA LIBERAL desencadeava uma campanha cívica, sem precedente na história política do País, viu-se, de um dia para outro, pegando no pau da bandeira do jornalista CAFÉ FILHO. No desfecho eleitoral, foi parte daquele *lendário grupo dos 86 de Mossoró,* todos votando em Getúlio Vargas, e sendo este o Município do Rio Grande do Norte, que deu maior contingente eleitoral ao candidato dos pampas. Daí prá frente, foi cafeísta pelo resto da vida, amargando com tantos, as suas decepções, com aquela que passou o seu filho, no Rio de Janeiro. O Dr. Dix Huit Rosado sabe bem do caso.

O reduto eleitoral de mestre João Dias era pequeno e ficava em S. Sebastião, onde na Cigana, residia seu velho pro-

genitor — Mestre Joaquim — um sertanejo curioso que dava arrancho, dormida e café a todos os comboeiros, completamente de graça. Só uma originalidade: as redes da casa de Mestre Joaquim tinham dois buracos — um em cima, por onde o pobre diabo se deitava, outro no fundo, por onde caía no chão...

Naquele feudo, mestre João Dias fazia frente à poderosa organização industrial de um homem fora de série, que era DIXSEP ROSADO, senhor de um arregimentado quartel eleitoral, enquanto o pedreiro contava por lá com um magro grupo de 200 votos. E sempre bem humorado, respondia às indagações, afirmando: tenho duzentos votos, mas só apareceram na apuração 199, foi a mulher que não votou comigo.

Além de sua presença nas sociedades de classe, também chegara a integrar outros grupos associativos, tendo feito parte da famosa GUARDA NACIONAL, alcançando o posto de Tenente, assim relacionado, entre diversos:

— José Soares da Costa, José Gomes, Vicente Ferreira da Mota Filho, Cândido Gomes, Francisco Rodrigues da Luz, João de Miranda Galvão, JOÃO DIAS e Miguel Canuto.

Dos 36 ocupantes das "patentes da Briosa", hoje, somente está atendendo à chamada, no posto de capitão, o industrial Raimundo Juvino de Oliveira, forte, sempre cheio de entusiasmo e de amor ao trabalho. Os outros 35 já não atendem ao toque da corneta.

Nas suas atividades profissionais, mestre João Dias deixou marcados alguns momentos de bom humor. Assim, quando trabalhava na construção do edifício da Estação da Estrada de Ferro, o Cel. Vicente Saboia, o poderoso empresário ficava rodando por debaixo dos andaimes e dando gritos. De uma feita, o pedreiro fez rolar do alto onde se encontrava, uma lata de argamassa, vindo a massa cair por cima do coronel, que esbravejou, furioso:

— Isto é de propósito ou é brincadeira?

— Nem uma coisa, nem outra, coronel, responde o oficial. É que a lei aqui é uma só prá todo o mundo:

— "Perto de quem come. Longe de quem trabalha!"

Em outra ocasião, trabalhava na reconstrução do prédio onde funcionaria a Escola Normal. E foi quando "seu Rosado" deu uma ordem:

— "João Dias, faça estas portas das instalações internas com a altura de um metro e trinta."

— "Mas, Seu Rosado, isto não é porta prá menino. Não acha que vão ficar muito baixas?"

"— Não discuta, mestre. Faça como eu estou mandando."

E ele fez sob medida.

De tarde, quando "seu Rosado" foi passar por uma delas bateu com a testa na verga que se firmava nas ombreiras.

Sem comentar o acontecido, virou-se para o pedreiro e disse: "João Dias derrube isto e faça uma porta com um metro e sessenta."

Desmanchando o serviço feito de manhã, ele resmungava: "ainda foi bom que ela escolheu a pessoa, porque se a cabeça fosse de outro não tinha quem convencesse "Seu Rosado..."

Este era o homem, o artista, o pedreiro, Mestre João Dias. Uma figura popular de Mossoró, que deixou uma memória pelas ruas, especialmente no Bairro 12 Anos, onde viveu seus grandes sonhos de criatura simples, laboriosa e honesta.

JOSÉ VIEIRA

O Magistrado

A geografia humana da Zona Oeste em particular, as letras jurídicas, os órgãos do Poder Judiciário, em fim, a Magistratura do Rio Grande do Norte, acabam de sofrer um duro golpe com o falecimento do Desembargador JOSÉ FERNANDES VIEIRA, ocorrido recentemente em Natal.

O desaparecido era um cidadão da mais elevada envergadura moral, um Juiz que soube honrar a toga e que deixou da sua passagem pela órbita do direito, um itinerário marcado pelas linhas da sua independência, da conduta e do comportamento de um julgador cujas sentenças sempre foram ditadas pelo conhecimento da Lei e pela equanimidade das decisões na aplicação da justiça.

Homem de espírito esclarecido, amigo certo, extremamente cordial, José Vieira sempre foi uma criatura comunicativa, mantendo largo relacionamento com os grupos sociais de que era parte, sendo um notável aficcionado dos esportes, de modo especial, do futebol, a que sempre prestou colaboração, motivo porque gozava de larga estima no meio das corporações e clubes da cidade.

Lembro, a propósito, fato ocorrido em S. Miguel, lá pelo ano de 1927, quando ele próprio chefiava uma delegação de Luís Gomes, que vinha fazer jogos naquela vila. Diga-se que, em tudo isso, o que sobrava era o espírito do incentivo às práticas esportivas, que chegavam a lugares tão distantes, pois S. Miguel nem ao menos tinha campo, sendo a partida disputada numa quadra à margem da Lagoa, que era fonte de serventia pública. Ainda assim, em condições dessa precariedade, o jogo foi disputado ferozmente, cabendo a vitória, como parte do Leão, ao time micaelense.

Depois, não tardou a revanche. S. Miguel organizou seu clube, pedindo reforços a Mossoró e com uma grande embaixada, rumou para Luís Gomes.

A recepção (e tudo se fazia na Festa da Padroeira) surpreendeu os visitantes: discursos, banda de música, foguetório de estarrecer, grupos de jovens uniformizadas, canções, bandeiras desfraldadas. Um espetáculo impressionante!

Mas, no meio do campo, na hora do jogo, o tempo escureceu e o pau roncou...

Não terminou a partida para azar dos espectadores.

E curioso é que, no outro dia, cedo, era José Vieira, que vinha diplomaticamente, procurar a delegação de S. Miguel e propor um encontro, à base da cordialidade, com os chefes do lugar que desejavam desfazer aquela impressão desagradável da tarde anterior.

Realmente, lá estavam eles reunidos "os maiorais da terra", os homens cuja palavra tinha a força de uma decisão irrecorrível, calmos, uns sorridentes, porém, todos amáveis, que propunham a *realização de um novo jogo* como prova da harmonia que devia reinar entre os dois municípios, onde se radicavam tantas e tão velhas amizades. Eles próprios estariam no campo para prestigiarem o espetáculo.

Diante do bom senso, não havia razão para relutar.

Nova partida se realizou e S. Miguel perdeu. Deu, no entanto, uma demonstração de espírito de esportividade, o que agradou aos do lugar, pois redobram-se as festas, com banquete, baile e até noivado sem aliança.

Quando foi da sua longa judicatura em Mossoró a sua presença nos meios forenses sempre retratou o Juiz íntegro, admirado e respeitado pelos seus jurisdicionados.

Mas, nem por isso, tudo aí lhe foi um mar de rosas.

Assim, discordando do critério admitido para uma promoção, que não atendia aos seus direitos, veio o inevitável desentendimento e o atrito com a autoridade executiva.

Na delonga, não cedeu terreno e foi sempre enérgico e incisivo na defesa das suas prerrogativas. E no mais aceso da divergência, num encontro informal, confidenciou-me:

— Você está com a cabeça fria. Leve isto e leia em casa, com os pés dentro de uma bacia de água quente...

Depois, Mário Negócio veio a mim e me disse:

— Mas, porque você riscou aquelas citações? Se José Vieira, que é um juiz, não puder dizer aquilo, quem poderá?

O tempo, o velho conselheiro, voltaria logo com as águas da tranqüilidade e mostraria que a razão estava mesmo do lado de José Vieira, que não tardaria em percorrer todos os escalonamentos da Magistratura: — Juiz de Direito da Capital. Desembargador. Presidente do Tribunal.

Seu currículo-vitae tem as cores de uma preciosidade. Transcrevê-lo é uma homenagem à sua memória:

> JOSÉ FERNANDES VIEIRA — Nasceu no Sítio Aroeira, do Município de Luís Gomes, a 22 de novembro de 1897.
>
> Iniciou seus estudos no Grupo Escolar Coronel Fernandes, da cidade de Luís Gomes.
>
> Fez parte de seus preparatórios no Liceu Paraibano, e terminando o curso de humanidades no Ateneu Norte-Riograndense, em Natal.
>
> Colou grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, na Faculdade de Direito de Recife, em 1923.
>
> Quando cursando o 5.º ano de Direito exerceu interinamente a Promotoria da Comarca de Apodi, por cinco meses.
>
> Promotor de Pau dos Ferros de junho de 1924 a dezembro de 1926.
>
> Juiz Distrital de Luís Gomes, de janeiro de 1927 a dezembro de 1930.
>
> Juiz de Direito da Comarca de Apodi, de janeiro de 1931 a junho do referido ano.
>
> Juiz de Direito de Pau dos Ferros, de junho de 1931 a março de 1940.
>
> Juiz de Direito de Mossoró de março de 1940 a 16 de novembro de 1954.
>
> Juiz do Tribunal Regional Eleitoral.
>
> Nome de projeção nas letras jurídicas do Estado.
>
> Juiz de Direito da Capital.
>
> Desembargador — Presidente do Tribunal de Justiça.

"VELHOS COMPANHEIROS" DE ONTEM

Vão sendo convocados para a marcha do silêncio

De princípio, o título sugerido para este registro dos ausentes faz lembrar a cadência do famoso dobrado desse nome cujos acordes sonorosos levantavam a cidade e arrastavam multidões alvorossadas para as portas e calçadas, toda a vez que a banda de música saía tocando pelas ruas de Mossoró.

"Velhos Companheiros", voz perdida no passado, que responde, hoje, do outro lado da vida, relembrando nomes e figuras humanas as mais simples, talvez as mais modestas, que encheram uma quadra inesquecível, clara, nos seus dias mais despreocupados.

Essa quadra ficou marcada no tempo pelo espírito de solidariedade que aglutinava o mais prosmícuo dos ajuntamentos de um obscuro grupo de criaturas de seres humanos deserdados da fé e da sorte de uma espécie de sobejo de gente atrevida e teimosa que desafiava os infortúnios arrancando do chão do desespero o pão amargo de cada dia o duro sustento da casa pobre, onde nem sempre o fogo ardia nas trempes.

Agora, no desalento que envolve a hora da separação, desalentadoramente, vão sendo contados pelos dedos das mãos, quantos restam dessa geração faturada de gente e atirada ao mundo para lutar e para sofrer.

E dos que já se foram, resta a preocupação de não deixar que se sumam na vala do esquecimento, nomes de algumas dessas pessoas, que nunca puderam imaginar que, viessem a ser motivo do mais simples registro da imprensa.

Referindo-se a essa situação, num depoimento valorizador desse trabalho de rememoração, escreveu o professor Luís da Câmara Cascudo, na apresentação do livro *Memórias de um Retirante,* o seguinte:

> "De não menor importância é ter o evocador fixado figuras e fatos que jamais teriam saído do túmulo para um momento de admiração leitora. Os personagens mais humildes e as cenas mais banais ganharam relevo e sonoridade no ritmo acelerado da taquicardia literária."

De seu lado, o jornalista LAURO DA ESCOSSIA, numa atividade de legítimo messianismo, não se tem esquecido desses viventes, como dá prova neste registro:

> "*Faleceu João Chaleira* — Com idade superior a 80 janeiros, faleceu quinta-feira (o jornal é de domingo, 12 de janeiro de 1975), nesta cidade de onde era natural, o popular João Chaleira, aposentado da FUNRURAL, que desde alguns anos vinha se dedicando aos misteres agrícolas, no sítio SENEGAL, deste município.
> "João Balbino de Sales era seu nome de batismo, que bem poucos em Mossoró sabiam, porquanto desde bem jovem, lidando em outras profissões modestas em nossa cidade, recebe ua alcunha de João Chaleira com que são conhecidos até mesmo os seus descendentes."

Nos arrevesados caminhos da vida, eu e ele cruzamos as mesmas ruas empoeiradas de Mossoró, sem que pudessemos imaginar que, destinos tão diversos nos reuniam na multidão dos retirantes da seca de 1919.

Ele, no entanto, fisicamente, era diferente de todos: alto, magro e feio, de pele amarelenta e seca e de olhos azuis parados, pontos de referência de uma fisionomia triste, que às vezes, se entreabria num riso fraco, que nunca chegou a ser sorriso aberto nem alegre. E nem podia ser; viveu a enterrar os mortos.

Homem simples e bom. Pobre sem lamentações, pois no seu mundo não florescia a idéia da maldade.

Em fim, talvez feliz, porque não alimentava ambições.

* * *

No mesmo itinerário, também por esses dias, Estevão Casca-Grossa (no prontuário civil) foi riscado do mapa da vida.

Este teve maiores traços da aproximação comigo, justamente na quadra que, de ordinário, chama-se de *"o comecinho da vida"*.

É que, em tempos idos, naquelas noites que eram o prolongamento das duras labutações no armazém de Chico Marcelino, depois de João de Holanda, onde era cabeceiro, o caboclo forte do Bairro da Baixinha passava pela minha frente e tomava assento no banco de aroeira da Escola Noturna PAULO DE ALBUQUERQUE. A casa de ensino, fundada por Jerônimo Rosado funcionava num salão imenso, aberto na Rua Dr. Almeida Castro, quase parede-e-meia com a Fábrica de Cigarros de "Seu Hemetério Leite", de onde saía um produto conhecido por todos os sertões — *o cigarro picado marca leite,* que rivalizava com *a marca vigilante de Filadelfio Lira, de Natal.*

Naquelas horas de canseira, o cabeceiro ficava recurvado sobre a mesa grande, mastigando as lições do livro da "PÁ" de Felisberto de Carvalho, tentando com o escasso cabedal de conhecimentos daquelas lições, que vinha acumulando a golpe de martelo, abrir outros caminhos para a existência, já de si carregada como um pesado fardo. Foi, assim, meu colega de escola, que cedo estancou na caminhada.

Tantos anos passados, *quando das minhas idas para matar saudades pelas ruas de Mossoró,* sempre o encontrava sentado numa ponta de calçada, fumando um cigarro mata-rato. E convidando para tomar um café em "seu" Mané do Vuco-Vuco, Estevão" ia falando de mansinho, e quase sem abrir os lábios, dizia:

— É professor, quem podia pensar que passados mais de 50 anos, a gente pudesse estar aqui, sem ninguém saber que nós estivemos na mesma escola, tão pobre que não tinha nem um pote com água de beber!...

— E o senhor aprendeu lá, não foi?

CORDÉLIA SILVA, UMA POETISA MOSSOROENSE

Figura entre as PATRONAS da AFL de NATAL

Não levando em conta meus conhecimentos mais antigos com numerosos elementos da clã OLIVEIRA LEITE radicada, particularmente em Mossoró e Apodi meu relacionamento tornou-se grau de identidade mais profundo, depois que travei conhecimento com o DR. JONAS DE OLIVEIRA LEITE, coisa que surgiu incidentalmente, ali, por volta da década de 1950.

Ao tempo, tentava eu, afanosamente, arrumar os dados de que resultaria o livro "BACHARÉIS DE OLINDA E RECIFE".

No itinerário da pesquisa, que durou alguns anos, chego, lá um dia, ao famoso 1922. Percorrendo e revirando as páginas da História da Faculdade de Direito do Recife, de CLÓVIS BEVILAQUA, faço encontro na TURMA DO CENTENÁRIO com o bacharel JONAS DE OLIVEIRA LEITE.

E como o nome vinha de longe, na minha agenda, foi com certo ar de desencanto que vou descobrir que ele figura com a naturalidade do Estado da Paraíba.

A andança da pesquisa, que é uma espécie de teimosia, é sempre um caminho do sem fim. Às vezes, parece coisa perdida. Mas, indo e vindo, de lugar a lugar, de consulta em consulta, bato à porta do BOLETIM MUNICIPAL DE MOSSORÓ, ano 1 — N.º 10, de 31/3/1941. E lá está o depoimento pessoal, em termos irrecusáveis:

> "Nasci em Macau, a 13 de abril de 1896. Filho de TOMÉ LEITE DE OLIVEIRA (mossoroense) e de Maria das Mercês Leite, natural de Pereiro, no Ceará.
> Em 1902, meus pais foram residir em Alagoa Grande da Paraíba, onde aprendi a ler a carta de A B C. Minha primeira professora foi a irmã Maria das Mercês Leite,

cujo pseudônimo literário era CORDÉLIA SILVA, poetisa e jornalista, natural de Mossoró."

Diante desse depoimento, começaria outra preocupação, para observar a atividade dessa mulher de letras, de extraordinária sensibilidade, que viveu no contato dos livros, manteve colégio, cujos alunos seriam homens ilustres na vida pública, na magistratura, nos cargos das profissões liberais.

Em outro setor da sua vida literária colaborou em jornais, escreveu versos, fundou e dirigiu uma Revista, de colaboração com Célida Adamantina, que era pseudônimo de Rita de Miranda Henriques, a exemplo do BATEL que, segundo um seu contemporâneo, "causou espanto, no tempo, como duas moças, numa pequena cidade do interior, sustentaram durante muitos anos uma revista literária, quando na Capital todas as publicações desse gênero tinham vida efêmera."

Mas, o que me anima neste comentário é dar destaque ao trabalho admirável dessa outra mulher inteligente e culta, professora SANTA GUERRA, que ocupa na Academia Feminina de Letras de Natal — A Casa de BERTA GUILHERME — a cadeira de que é patrona a poetisa mossoroense CORDÉLIA SILVA.

Assim é que, curiosamente, Santa Guerra abriu no seu trabalho, o caminho ao estudo de um capítulo de genealogia dos *troncos dos fundadores de Mossoró*, a que poucos sobre eles se ativeram até hoje, e que ela com peculiaridade própria e com riqueza de citação documental, busca e fixa as origens da família OLIVEIRA LEITE, moradora na Ribeira do Apodi e de outros contravertentes regionais.

Para isso lembra a propósito, o período tumultuado das invasões holandesas na colônia. E, meio as lutas, anota a partida de uma poderosa esquadra, que larga das águas do Tejo em 7 de setembro de 1638, para levar socorro aos baianos. Comandava-a D. Fernando de Mascarenhas, o Conde da Torre. Fazia parte da força o fidalgo José Leite de Oliveira que, segundo afirma a cronista, lutou bravamente na Bahia e em Pernambuco, o que lhe deu merecimento para receber do seu Rei a Comenda da Ordem de Cristo.

E, finalmente, o argumento central da ocupante da cadeira de que é patrona Cordélia Silva:

> "A família LEITE, de Mossoró teve, portanto, como tronco o fidalgo e militar português João Leite de Oliveira. Maior esclarecimento no assunto poder-se-á encontrar no livro "Capitães-mores e Governadores do Rio Grande do Norte", do grande poeta Gonçalves Dias e ainda na Revista de Genealogia de São Paulo.
> *Desde quando em Mossoró os Leites e os Oliveiras* — Desde que foram ali construídas as primeiras fazendas, segundo estudos publicados pelo Dr. Raimundo Nonato e pelo Dr. Vingt-un Rosado, em seu livro "Mossoró."
> A primeira autoridade da Ribeira de Mossoró, prossegue a articulista, foi o sargento-mor José de Oliveira Leite, neto do mencionado herói da guerra holandesa. Era filho do Vereador do Senado da Câmara de Natal — Tomé Leite. José de Oliveira Leite, já nesse ano de sua nomeação para sargento-mor, em 1755, era morador e pessoa de relevo da Fazenda Santa Luzia, origem da Cidade de Mossoró.
> A sua carta patente vem na ACTA DIURNA de autoria do ilustrado historiador conterrâneo CÂMARA CASCUDO, publicada na "REPÚBLICA" de 23 de junho de 1940 e no referido livro "MOSSORÓ", do Dr. Vingt-un Rosado. A mesma carta patente refere-se ao nomeado como pessoa de conhecida nobreza e de honrado procedimento."

Pena é que uma instituição como a AFL de Natal, com memórias e nomes notáveis como Cordélia Silva e Santa Guerra, tivesse, inexplicavelmente, parado, no tempo.

DR. FRANCISCO DAS CHAGAS SOUZA PINTO

Um nome quase esquecido na Cidade

A verdade é que se falou pouco, a bem dizer quase nada na data do centenário do seu nascimento, na povoação de Santa Luzia de Mossoró, lá pelos idos tempos, verificado no dia 7 de março de 1848.

E se houve esqquecimento, foi de fato lamentável, pois foi ele um mossoroense de notável saber jurídico, e que está por isso mesmo a merecer da sua terra uma lembrança mais viva, uma demonstração mais eloqüente de apreço pelo seu nome e de valorização pelos seus dotes culturais.

A seu respeito, não me penitencio dessa omissão, pois quando em 1960 publiquei o livro — BACHARÉIS DE OLINDA E RECIFE — graças ao apoio do Governador do Estado, DINARTE MARIZ, dei-lhe o justo destaque, valendo-me, sobretudo, do trabalho do historiador VINGT-UN ROSADO — MOSSORÓ, edição de 1940, para transcrever, integralmente, o registro do seu valioso comentário, assim expresso:

> "FRANCISCO DAS CHAGAS SOUZA PINTO — Mossoroense. Filho legítimo de Pedro José Pinto e de Dona Ana Francisca de Souza Pinto. Nasceu a 7 de mraço de 1848 e faleceu em 6-1-1895. Foi terceiro escriturário da Tesouraria Provincial e segundo da Tesouraria Geral da Fazenda, na Província do Ceará. Ali, casou-se, em 1876, com uma filha do Dr. Adolfo Herbster. Neste mesmo ano, ingressou na Faculdade de Direito do Recife, de onde saiu com o capelo e a borla, doutorado em direito.
>
> Da sua turma, fizeram parte Borges de Medeiros, Cesar Vilaboim, Artur Orlando, Torreão da Costa, Ma–

chado Portela, Clodoaldo Lopes, Goes de Vasconcelos e muitos outros. Colaborou na "Folha do Norte", jornal que marcou época no jornalismo pernambucano, no dizer de Alfred de Carvalho (Anais da Imprensa Pernambucana). Ao lado de Clóvis Bevilaqua e Álvaro de Alencar batalhou pela libertação dos escravos, na Terra da Luz, como membro da Sociedade Pedro Pereira. Recusou os convites para ser Presidente da Província da Paraíba e Inspetor do Tesouro Provincial do Rio Grande do Norte. Depois de formado, foi nomeado, por Decreto do Governo Imperial, para o cargo de secretário do Tribunal de Relação em Fortaleza. No triênio 1892-1894 foi Deputado pelo Estado do Amazonas. A constituição então promulgada, naquela unidade federativa, deve-lhe uma boa parcela de colaboração. Publicou vários trabalhos, entre os quais Frei Miguelinho, estudo biográfico, que teve cinco edições: a 1.ª, em 1885, num jornal de Fortaleza, Pedro II; a 2.ª, no mesmo ano; a 3.ª, em 1917, na Revista do Instituto Histórico do Ceará, tomo 31, ano 31; a 4.ª, em 1918, na Revista do Instituto Histórico do Rio Grande do Norte, volume XI; a 5.ª, em 1921, no Rio de Janeiro, custeada pelo Sr. P. H. de Souza Pinto, filho do autor."

Muito embora tenha concluído o Curso de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 1881, aí não parou, como acentua com oportunidade o seu biógrafo HUGO DE LACERDA, afirmando:

"— Não satisfeito com esse título honroso, que obtivera com a mais lídima dignidade, quis conquistar um outro de maior valor, que atestasse eloqüentemente o seu talento másculo e a sua sólida cultura jurídica. E alcançou-o, galhardamente, doutorando-se no ano subseqüente, recebendo borla e capelo, após apresentação de teses, que defendeu com a pujança da sua mentalidade de largo tirocínio".

Daí, o registro de CLÓVIS BEVILAQUA, a seu respeito, na HISTÓRIA DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE:

"Doutorou-se em 1882".

PROFESSOR ASSIS SILVA

O pesquisador da Dança de S. Gonçalo

FRANCISCO DE ASSIS SILVA. Mossoroense. Jornalista. Professor. Poeta. Folclorista. Um pesquisador original e forte, sem as fumaças da vaidade humana. E é bom que se acentui isso, porque Assis Silva é a simplicidade em pessoa.

Estudou as primeiras letras na escola particular da professora Francisca Alves de Oliveira — Professora TITA — conhecida em toda a cidade de Mossoró, e a quem ele, seu aluno, homenageou com uma bonita crônica, publicada na Revista BANDO, do grupo de Natal.

Em toda a sua mocidade viveu metido dentro das oficinas tipográficas, de onde saiu com o odor do chumbo, e daí sua manifesta tendência pela vida dos jornais. Alguns que fundou ou outros que ajudou a fazer com a experiência tão útil daquela convivência, que o fizera um pequenino artista no mundo das caixas de tipo.

Professor diplomado pela Escola Normal de Mossoró, começou a vida metido nos socavões da Serra de Portalegre, onde não desperdiçou o tempo precioso, sobressaindo-se pela sua pesquisa nos domínios do folclore nos ramos da documentação histórica, enriquecendo seus conhecimentos na agradável convivência da gente dos sertões e dos seus costumes.

Artista de capacidade comprovada, deixou nas empresas onde trabalhou o traço marcante da sua inteligência e da sua força de vontade. Estes elementos têm predominado na sua linha de conduta e luta pela vida, aqui, ali, assinalada por ásperas escaladas, onde nem tudo tem sido um festival de rosas.

Naquele isolamento de que se cercou conseguiu realizar um trabalho de relevo, transpondo as fronteiras do insulamento provinciano, o que lhe ensejou condições de se tornar conhecido

e citado em outros centros e por homens do mais alto nível cultural.

Assim, através de um paciente trabalho de investigação e de pesquisa folclórica, penetrou na grande área dos estudiosos desse tema, no Estado e fora dele, a ponto de lhe darem destaque especial escritores da estatura intelectual de Câmara Cascudo, Vingt-un Rosado, M. Rodrigues de Melo, Mauro Motta, Hélio Galvão, Veríssimo de Melo e Arlindo de Souza, este último, especialmente, divulgando-o numa Revista de Porto, em que anotou seu estudo sobre os Apelidos de Mossoró.

Trabalho de maior profundidade de sua autoria é, no entanto, A DANÇA DE S. GONÇALO, em Portalegre, que ele salvou de se perder no esquecimento — único documento no gênero no Estado — Rn —, pois não tardou em ser proibida pela autoridade diocesana, extingüindo, inexplicavelmente, aquele roteiro da representação da festa do santo casamenteiro dos sertões.

Também é trabalho de Assis Silva, ligado ao campo da sociologia dos transportes, o curioso levantamento que realizou sobre as *inscrições no pára-choque dos caminhões,* os mais ricos originais pela espontaneidade de uma filosofia simplória com que o condutor de veículo batiza a sua viatura. Estas inscrições já passaram ao domínio dos livros, alguns surgidos com a responsabilidade de institutos de alta cultura, como é o caso do Joaquim Nabuco, do Recife.

Homem de jornal, sempre despretensioso, cronista dos pequenos periódicos, que surgiam e desapareciam ao sabor dos acontecimentos, transitórios cometas, Assis Silva, nunca deixou de estar envolvido nesses movimentos dos órgãos de publicidade e nas folhas que circulavam durante os dias do Novenário da Padroeira.

Humorista de um tipo silencioso, que faz graça para os outros e nela não acha nenhuma graça.

Poeta dos velhos temas (mesmo quando era jovem), do soneto, da poesia, no metro e da rima, publicou nesse gênero alguns bons trabalhos, que estão por aí, sem ninguém neles pensar, e muito menos falar. Ainda assim, bem podiam figurar numa antologia, ao lado dos modernos, pois também versejou pelos caminhos dessa escola, sem que fosse um excêntrico ou um desses corifeus do concretismo ,por vezes impenetráveis, a exemplo desse genial Antônio Pinto, mal entendido pelos iniciados no seu credo de pedras.

Assis Silva é funcionário dos mais eficientes do IBGE. — Publicou, há alguns anos, um trabalho de fundamentação histórica sobre o Município de Portalegre, a antiga Serra da Vila, como a chamavam em outros tempos, relembrando o grande feudo de Margarida de Freitas, a proprietária territorial dos seus primeiros dias.

Durante muito tempo o jornalista mossoroense colaborou, permanentemente, na Revista BANDO, tornando-se presente pela originalidade dos seus trabalhos.

COSME LEMOS

O poeta de duas cidades

Os bons livros são, por vezes, livros simples e despretenciosos.

O exemplo típico é, justamente, aquele livro do escritor provinciano, que surge sem alarde, sem balão de ensaio, para ficar por ali mesmo, quase desconfiado de haver publicado um livro. Este mal é comentado pela gentinha do lugar modesto, à porta da livraria, para sumir-se logo, na vala do esquecimento, sem maiores possibilidades de divulgação.

Na outra fronteira, na grande-cidade, ninguém se lembra de tecer um comentário a seu respeito, de lhe dar uma palavra de estímulo. Já nem falo de elogios, pois estes, coitados, não lhe chegam nunca. E mesmo porque esta forma de enaltecimento do valor tem sempre endereços certos, e de ordinário é dirigido a quem nem bem precisa dele. Mas, se por um desses imprevistos do destino a publicação consegue romper essa cortina de indiferentismo e chega a ser conhecida, então, o livro pode até vencer se contar com qualidades ,efeito de motivação e enredo próprio que possam despertar o interesse do leitor.

Em rigor, esse leitor anônimo nem sempre é o homem mais ilustre ou de mais elevado nível cultural pois, em média, não passa de um simples tipo de rua, perdido no oceano do anonimato. Sua leitura é rápida, quase superficial, não lhe sobrando tempo, muito menos condições, para se aprofundar nas especulações dos conhecimentos que, por vezes, demandam a estudos mais acurados.

No grande mundo das letras, o conceito é, porém, bem diferente. Aí, quem orienta a opinião pública é a palavra do crítico, que abre ou encerra o caminho do livro. Se ele diz, por exemplo, que a obra literária tem merecimentos, é crédito capi-

talizado em favor do autor, que assim, à superfície das suas águas, pode ir nadando até muito longe. Pode chegar mesmo, vitoriosamente, a alcançar nome, ser lembrado por muitos, figurar em catálogos, registros e comentários de colunistas importantes. Mas se, desgraçadamente, seu julgamento é contrário ao livro, pensado e realizado com exaustivo trabalho, então só resta ao autor apelar para a tranqüilidade consagradora do *sebo,* onde todos, obscuros ou ilustres, se misturam, se confundem nos balcões ou nos espaços apertados das mofadas prateleiras, heróicos e anonimamente iguais, sem privilégios, sem animadversões, sem sombras de humanas vaidades.

Não é sem razão que se afirma que, a crítica é uma espécie de dogma, que consagra, que condena, e conforme o julgamento, conforme a lei da equidade.

A esse respeito, ainda há poucos dias, declarava Viana Moog, num pronunciamento no PEN-CLUBE DO BRASIL, saudando Amoroso Lima, no transcurso do "Jubileu de Ouro" de sua vida jornalística. Confessava, então, o autor de BANDEIRANTES E PIONEIROS que os livros dele, viviam pacificamente, numa espécie de *doce esquecimento* de todo mundo. Até que um dia, revela o autor, sobre eles se pronunciou, favoravelmente, Tristão de Ataíde. E daí por diante, foi aquele Deus nos acuda. Todas as livrarias, como que por encanto, abriram suas portas ao escritor gaúcho, até mesmo, e ele o afirma — as portas da Academia Brasileira de Letras se escancararam para sua entrada.

* * *

Curiosamente, há livros que fogem a essa regra. São aqueles consagrados, por qualquer motivo, até, às vezes, pelo título, pela preferência do público, que os lê e relê pelo século a fora. Livro, por exemplo, como IRACEMA, de José de Alencar, pertence à memória dos tempos, pois quanto mais se passam os anos mais se torna presente na procura e conseqüentemente na valorização das gerações de bibliófilos. Iracema é, surpreendentemente, o livro que continua batendo todos os recordes de reedições, cada vez mais divulgado, cada vez mais lido.

Tomando conhecimento disso, certa vez, me dizia o professor Manuel de Assis, o maior dos conversadores da minha mocidade:

— Desconfio muito desses livros bem encadernados, que se perdem no fundo das estantes e que não são lidos por ninguém. Livro bom não resiste a esse luxo de continuar novo como saiu da editora. Ao contrário, o livro do povo penetra na circulação, e depois feito volume velho, esfrangalhado, de folhas soltas e já sem capa, passa de mão em mão, ilustrando, divertindo, tornando-se instrumento de divulgação das idéias e da cultura. A deteriorização deles é atestado de que o livro não ficou dormindo nas prateleiras, como alguns famosos exemplares até das chamadas "obras clássicas", assim denominados, porque a maior parte dos que citam os seus nomes, nunca passou os olhos nas suas páginas. São aquelas famosas citações dos pseudos-eruditos, que falam de livros que nunca leram.

Lembro, a propósito, o caso ocorrido na Biblioteca Municipal de Mossoró, cujo visitante se arrogava de intelectual e não escondeu sua admiração, diante dos volumes estragados que ia observando.

— Mas, doutor, esclareceu o seu acompanhante, Vingt-un Rosado, o caso é que estes livros são lidos, não param nas estantes, conforme se pode ver das fichas dos consulentes.

— Almirável, conclui o visitante: *Mas, como se lê neste lugar!*

* * *

Raras vezes tenho escrito sobre um livro com tanta simpatia, integração e afinidade de idéias, como ocorre com este MOSSORÓ NA POESIA DE COSME LEMOS, de autoria do consagrado homem de letras e memorialista Walter Wanderley.

O livro, que retrata em cada capítulo paisagens e recordações da vida do autor, pertence, porque é simples e porque é bom, à categoria daquelas publicações vitoriosas, que o povo lê e entende, e que por isso mesmo tem um destino mais longo, marcado para a sobrevivência nos dias do futuro, como autêntico retrato cultural de uma época e da vida de uma cidade.

No mapa da geografia sentimental deste trabalho, MACAU e MOSSORÓ são as duas cidades que Walter Wanderley elegeu para centro de gravitação das mais belas evocações da sua vida e dos dias mais felizes de sua meninice.

Do mesmo modo, no meridiano afetivo dessa carta — MARTINS e MOSSORÓ são dois lugares indelevelmente fixados na memória e na ternura de Cosme Lemos — o aédo solitário da Zona das Serras — poeta de extraordinária sensibilidade, expressionista vigoroso e lúcido, como atestam os versos do poema: Ó MOSSORÓ, Ó SOL!...

Esta poesia que vai ficar na história do cancioneiro mossoroense para ser lembrada por outras gerações, é, como ele próprio confessa, lembrando imagens do romance de um escritor que mais amou os meninos;*"uma determinação de amor à terra"*, porque afirma sempre, *"há em mim, uma eterna consciência de criança"*.

Tudo neste livro deixa a gente a meditar na diversidade do destino. E então, pergunta-se: como é que homens de raízes tão estranhas — um da praia, que viveu abismado no mar, olhando *aquilo que parece o fim, o horizonte, onde o céu e as águas se encontram* — e o outro — *com a visão estarrecida na* vastidão do panorama que se abre aos olhos de quem está no *DIADEMA* — são temperamentalmente tão iguais, tão semelhantes, nas manifestações do afeto e da amizade?

A obra literária identifica os dois perfeitamente.

O autor e o poeta vivem, neste livro, um instante da consagração da inteligência e do primado do espírito.

ELISEU VIANA

Palavras à margem da memória

Neste livro de conotação do tempo e do espaço, tudo está definido, contado e marcado em lugar certo, porque ele tem o sentido de uma mensagem endereçada às gerações do futuro.

De princípio, quando a gente começa a ler o ensaio de Walter Wanderley — ELISEU VIANA, o Educador — tem a idéia nítida de que o tempo, por um fenômeno imperceptível, ficou parado em Mossoró, desde o ano de 1914, até agora, para que o autor pudesse fixar nessa dimensão ideal a imagem das suas evocações.

De tudo, no entanto, tratando-se de um livro de memorização, esse submundo que atravessa as fronteiras do além-conscincia, tão explorado na temática do escritor macauense, a bem dizer, mossoroense, o que ocorre descobrir-se, no seu roteiro sentimental é o conteúdo da afetividade que aflora das suas páginas. Nelas transparece, numa claridade meridiana, o carinho com que o autor notabiliza, em capítulos memoráveis, a vida de um professor da província, que não teve outra ambição senão a de ensinar à mocidade o bom caminho da vida e que fez do magistério, modesto, o itinerário iluminado das suas aspirações e do seu destino.

Minha afinidade com este livro é imensa e profundamente humana, nele vivida pela recordação dos fatos, que registra com tão forte colorido e pela imagem de uma época inesquecível, que me deu ensejo de visualizar outras esperanças, para pensar na perspectiva de outros dias melhores e sonhar, ao menos, com o direito de um lugar ao sol.

Talvez por tudo isto é que meu julgamento, por vezes repetido, sobre a personalidade marcante de Eliseu Viana, está

divulgado já em publicações jornalísticas e em livros, através dos quais afirmei, e dei relevo inequívoco a autenticidade do seu valor e do seu trabalho na cidade de Mossoró, terra onde pelo espaço de quatro lustros foi uma espécie de entusiasmo circulante e uma força propulsora das iniciativas do progresso e do seu desenvolvimento cultural e associativo.

Mestre, na concepção dinâmica do termo, e homem de alto saber humanístico, que se fixava, especialmente, no setor da Filosofia e da História da Educação — no seu mais justo conceito clássico — era admirável sua versatilidade na interpretação dos textos doutrinários em que se estribavam as vetustas escolas dos grandes pensadores da antiguidade.

Mas nem por isso se encontrava distanciado das conquistas da Pedagogia moderna e de suas ciências afins, pois, em dia, com todos os progressos, sempre ilustrava suas aulas com a orientação desses conhecimentos e com a indicação de métodos, processos didáticos e centros de motivação, que vinham abrindo novos rumos às práticas do ensino e da implantação da escola ativa, cujas idéias pioneiras eram, entre outras divulgadas pelos Professores Lourenço Filho, Fernando Azevedo e Everardo Backheuser, educadores de renome nacional.

Curiosamente, e isto é bom que se diga, mais do que o professor e diretor de educandário, mais do que o artífice que plasmava mentalidades para o futuro, mais ainda do que o jornalista, o teatrólogo, o advogado, fundador de grêmios cívicos e de entidades esportivas, Eliseu Viana foi, sobretudo, um eterno enamorado de Mossoró, da cidade, de sua terra e de sua gente.

E no lugar distante para onde o arrastaram as inevitáveis contingências humanas, vivia tranqüilamente do afago dessas lembranças e das imagens dessa saudade, que eram as paisagens do seu grande mundo interior.

Dessa visão do passado, que o cercava, posso dar um depoimento, que reflete seu estado de espírito.

Aí por volta de 1958, numa dessas constantes peregrinações das campanhas de Educação Nacional, que me levaram a tantos pontos do Brasil, estacionei em Belo Horizonte, tomando parte nos trabalhos do II CONGRESSO BRASILEIRO DO ENSINO COMERCIAL, onde se reuniam quase dois mil educadores, procedentes de todos os quadrantes da Nação.

E, por aqueles dias movimentados, de corridas e de "fugas" entre Barreiro de Cima e o centro metropolitano, o encontro com Eliseu Viana deu-se em plena Avenida Afonso Pena. A explosão do nordestinismo ulutante deve ter causado espécie ao mineiro tranqüilo que, parado nas esquinas, presenciava a cena inusitada.

Daí, como é fácil de imaginar, as horas vagas do conclave foram monopolizadas pelos passeios, visitas e conversas demoradas, nas quais, todos os caminhos levavam a Mossoró.

Sua casa, na Rua Juiz de Fora, n.º 1442, passou a ser ponto das reuniões, e se bem me lembro, numa delas, ele trouxe um velho álbum de fotografias para que eu fosse identificando as pessoas. A certa altura, com uma de menino feliz, gritou:

— "Olha, aqui, Celina; Raimundo Nonato, além dos nomes se lembra até dos apelidos. Pois eu lá podia me lembrar de Major de Higino?"

E como era natural, eu perguntei:

— Dr. Eliseu, por que não volta para uma visita a Mossoró?

— "Ah! meu amigo, tenho pensado muito nisto e vontade não me falta. Até que, recentemente, o Desembargador aposentado do Tribunal de Minas, o norte-riograndense Arnaldo Orlando Teixeira de Moura, foi a Natal e retornou contando maravilhas!

E, concluindo:

— Mas, eu tenho medo de ir a Mossoró. Tenho receio de não suportar as emoções!"

Na volta para o hotel, o professor Leonardo Nogueira me confidenciava:

— "Mas que coisa, hem, Nonato? Como este homem quer bem a Mossoró!"

E lá se ficou mesmo em Belo Horizonte, o professor da Escola Normal do meu tempo, o grande amigo da terra do Entre-sol-e-poeira — como ele próprio a batizou.

O silêncio da terra das Gerais lhe deu descanso eterno.

Mas, passados os anos, o seu aluno Walter Wanderley foi lá buscar seu nome, para uma extraordinária recomposição dos fatos de uma vida útil, toda dedicada ao bem da mocidade

das escolas, e trazê-lo de novo a Mossoró, através das páginas deste admirável — ELISEU VIANA, O EDUCADOR!

Diante da realidade iniludível dessas coisas, paira o espírito da indagação para reafirmar um enunciado da consciência universal:

— E não é que vale mesmo a pena a gente ter amigos!

IRINEU SÓTER CAIO WANDERLEY

O chefe dos Luzias em Mossoró

Este é mais um livro do escritor norte-riograndense Walter Wanderley.

Diante do autor e do volume novo torna-se impressionante constatar a intensidade de seu vasto trabalho, que já ultrapassa, de há muito, as próprias fronteiras do entusiasmo de quantos acompanham seu itinerário intelectual para se transformar, sem exagero, num fenômeno de espanto e de admiração, daquilo que já se pode chamar a pirâmide ascensional da sucessividade dos seus livros.

Em si, o fato real não é só de espanto e de admiração, porque também é da surpresa, configurando, então, aspectos singulares, se não fundamentais, que são por assim dizer linhas verticais dos seus estudos de pesquisador de fisionomia nitidamente nordestina.

Da análise dessas premissas ressalte-se que Walter Wanderley sobressai de sua geração, como espírito irrequieto, objetivo e lúcido, vocacionalmente apaixonado pela temática da ecologia, em cujos domínios tem mergulhado, afoitamente, para viver o drama de multidões tumultuadas — como no caso da abolição dos escravos — ou fixar-se na presença de certos tipos humanos — a exemplo de PAULO LEITÃO LOUREIRO DE ALBUQUERQUE ou de IRINEU CAIO SÓTER WANDERLEY — expressões singulares que se projetaram na História, ora pelo idealismo de uma causa altamente nobilitante, ora pela intrepidez de suas atitudes, perante a coletividade, perante a vida.

O primeiro, como fervoroso adepto do movimento da extinção do elemento servil, de que foi um dos baluartes espirituais E o segundo, uma dessas figuras típicas daqueles rudes construtores de civilizações, que se lançaram a desconhecidas

aventuras para, lutando e vencendo as adversidades do meio, tornarem-se os donos da terra e do poder, e por via disso, conseqüentemente, passando ao exercício de senhores dos negócios e das riquezas e das influências coletivas nos destinos do municipalismo embrionário, nos rumos da sua política e direção de sua área social e econômica.

Homem de forte personalidade e definições marcadas para as lutas, IRINEU SÓTER WANDERLEY — o assuense — que ainda no alvorecer dos seus anos abandonou o vale verde do seu rio, o Piranhas, chegava a Mossoró, abanando as mãos, com a determinação de vencer e de encontrar o seu verdadeiro destino, no vale verde de outro rio, este o Apodi, onde enterrando os pés numa espécie de Terra da Promissão, teria oportunidade de formar um patrimônio avultado com o seu trabalho no comércio e sua atividade de grande proprietário do Município.

Chefe do Partido Liberalde de Mossoró — a famosa facção dos LUZIAS — em oposição aos Conservadores — os poderosos SAQUAREMAS — que eram as agremiações políticas dos dias do Império, Irineu Sóter Caio Wanderley soube manter com bravura e intrepidez nunca desmentida a disciplina e os princípios de coordenação da atividade dos seus partidários exaltados, que mais fortes pareciam, quando se encontravam no ostracismo. Isto porque, diga-se de passagem, a oposição — *o estar de baixo* — foi o clima, por excelência, do Partido Liberal, onde seus grandes mandatários se encontravam à vontade, mantendo-se com dignidade, com postura e resistência, e com alta noção do dever público, sempre convocados para campanhas memoráveis na defesa das instituições e unidades do País, por vezes abaladas, em horas cruciais.

Este é o homem cujo cetenário de sua morte agora se reverencia no dia 14 de julho de 1970.

E em homenagem à sua memória, Walter Wanderley escreveu este livro, que vale por um depoimento sentimental. E vale muito mais do que isto, porque ele representa um registro de valorização humana, que fixa na história o nome e a autenticidade de IRINEU SÓTER CAIO WANDERLEY, uma energia a serviço do Nordeste e uma magnífica expressão do espírito de brasilidade e de amor à terra comum.

PEDRO LEÃO

O derradeiro conviva da adega do REI

O estrondo do velho pé de aroeira aluido pela borrasca dos temporais que desabaram do talude da serra do Cajueiro, deve, mesmo de longe, ter sido ouvido pelos pacatos moradores das capoeiras do PATU, na repercussão melancólica com que ali chegou a notícia da morte de Pedro Leão, um homem bom que não deixou inimizades pelos longos dias da vida que viveu.

E com esta nota de profundo desalento humano, a Rua do Gurgel, a movimentada artéria das primeiras décadas deste século aquela espécie de Babel dos comboeiros empoeirados, estalando linhas para que rápidas *as madrinhas* fizessem evoluções pelas ruas, deve estar mais triste, mais desolada e só, desfalcada da presença de uma das suas figuras mais tradicionais, de um comerciante marca antiga, certo dos compromissos assumidos e para quem a palavra empenhada valia mais do que qualquer documento assinado, selado e carimbado.

Pertencia Pedro Leão a uma geração de homens que deixaram um marco na história, uma atitude que não é fácil de repetir e de imitar muito menos. E lamentavelmente a sua ausência abriu um claro impreencível na norma desse procedimento, quando desenrolando o mapa do passado, e olhando os meridianos da Rua Coronel Gurgel e da Praça 6 de Janeiro, a gente relembra os nomes de Manuel Negreiros, Dioclides Vieira, Os Paulas, Alcides Fernandes, Antônio Neu, Antônio Costa, Aristides Rebouças, José Otávio, Amâncio Leite, Raimundo Leão, Camilo Figueiredo, João Niceras, Costinha de Horácio, Natanale Luz, Francisco Borges, José Costa, todos com expressiva folha de serviços nos faustosos dias do grande comércio de Mossoró.

Analisado no conjunto das suas atividades, o homem que desaparece agora, não representava somente um nome vincu-

lado às atividades econômicas da GRANDE CIDADE, empório dos sertões, cuja importância se projetava pela distância de 4 Estados Nordestinos, onde chegava a fama do seu poder mercantil, porque, na verdade, Pedro, Leão era também uma mola desse poderoso intercâmbio, e de seu lado, um decisivo artífice desse expansionismo incontrolável, sendo notável sua capacidade de trabalho e sua extraordinária visão de homem de negócios.

Numa recente viagem de Mossoró a Natal, um homem dessa geração, o médico e ex-deputado estadual José Pinto, metendo-me num crivo de perguntas, indagava quais as figuras tradicionais que eu encontrara, quando da minha chegada à cidade, no ano de 1919. Claro que não tive menor dúvida em apontar-lhe alguns nomes dos velhos cidadãos, que vira nos primeiros dias, citando entre outros:

— Romão Filgueira, Manuel Benício, Manuel Cirilo dos Santos, Vicente da Mota, Delfino Freire, Vicente Praxedes, Miguel Faustino, Vicente Fernandes, João da Escossia, Jerônimo Rosado, Dr. Castro, Hemetério Leite, Raimundo Leão, Luiz Colombo, João de Almeida, Francisco Chagas, Francisco Freire, Manuel Belém, Avelino Cunha, Francisco Marcelino e Osmidio Juvino, Rufino Caldas, todos homens do alto comércio.

Ainda solicitado pelo facultativo, apontei nomes da geração sucessora, como:

— Sebastião Gurgel, Manuel Negreiros, Afonso Freire, Joaquim Felicio de Moura, João Niceras, José Carvalho, Tercio Rosado, Pedro Leite, João Leite, José Alves Tavares, João Capistrano do Couto, Targino Soares, Raimundo Juvino, Antonio Florêncio, Raimundo Cantídio, José Vasconcelos, Manuel Lopes, Zacarias Praxedes Virgílio Barbosa, Calistrato do Nascimento, Afrânio Guerra, José Otávio, Amâncio Leite, Manuel Duarte, Chico Celso, Natanael Luz, Francisco Borbes, Antonio Firmo do Monte, Sebastião Pinto, Raimundo Nonato de Sousa e PEDRO LEÃO DE MOURA.

Este último, remanescia de velhos troncos genealógicos de gente do Patu, de onde se contam tantos nomes famosos, como Almino Afonso, o grande latinista do Império, Joaquim Godeiro, o chefe político cuja palavra tinha sempre a força de uma decisão, Rafael Godeiro, o mais elegante dos Deputados do antigo Congresso Legislativo do Estado, João Ferreira da Silva, também da representação estadual, Padre Raimundo Leão, Dr. Vicente de Almeida. Professor de nomeada, Solon Moura, o

matemático, e de outras eras mais distantes, Jesuino Brilhante, o cangaceiro romântico. Desta geração, lembraria Raimundo Rocha, um estudioso dos problemas folclóricos e, já agora, o deputado Francisco Rocha, um industrial de largos empreendimentos no sistema dos transportes nacionais. Pedro Leão estava profundamente preso a esta grei de homens de trabalho.

Devo citar um fato curioso ligado à sua vida de comerciante, que bem dá idéia do seu espírito progressista.

Ali, por volta dos anos do Estado Novo, o escritor Câmara Cascudo, como sempre acontecia ,era levado a Mossoró, pelo Pe. Jorge O'Grady, para pronunciar conferências no Ginásio Santa Luzia. A visita decorria por ocasião das comemorações da Semana da Pátria.

Os amigos e intelectuais resolveram promover um banquete em homenagem ao historiador conterrâneo. Como na ocasião, se encontrasse na cidade o Interventor Rafael Fernandes acompanhado de brilhante comitiva, era obrigatório o seu convite, o que deu à festa uma importância nova.

Ainda hoje ignoro o motivo porque fui eu o encarregado do aprovisionamento da adega. E com o professor Antônio Francisco saí rua a fora especulando os preços.

No armazém de Pedro Leão surgiu um fato novo, porque ninguém esperava. Ao saber do intento dos visitantes, o comerciante, levantando-se, disse:

— Não senhores nada de bebidas nacionais para um banquete dessa ordem A mandou meter o martelo na tompa dos caixões, de cujo interior foram aparecendo as ricas garrafas de Quiante, S. Julian, Casa da Calçada, Gelmares, Grand Jó, Casa Campo, Ferreirinha, e tantos outros que nem os nomes lembro mais. E a champagne francesa Viúva Cliquot, eu quero oferecer de graça, só para ouvir o discurso de Cascudinho, disse o dono do negócio.

Esta, uma história que pouca gente sabe em Mossoró, contada agora, como um retrato de Pedro Leão de Moura, o derradeiro mosqueteiro da adega do Rei.

"OS CASOS" DE PEDRO LEÃO

Agora, que o homem desapareceu, suas estórias começam a ser contadas. E vão ser muitas, porque elas correm por toda a parte, e curiosamente, quase todo o mundo conhece "os casos" de Pedro Leão.

Em trabalho anterior, vasado no estilo da sobriedade, como merecia o registro feito naquela forma de mensogem sentimental, abordei fatos relacionados com a personalidade do comerciante Pedro Leão de Moura, homem de negócios e proprietário de um grande armazém, com atividades mercantis na praça de Mossoró, onde trabalhou, afanosamente, num período nunca inferior a meio século.

Hoje, porém, desfeito o primeiro impacto daquele desenlace que a todos emocionou, retorno ao velho tema, navegando as mesmas águas do rio da saudade, para falar do homem alegre, sempre de bom humor, chistoso e conversador dotado de um alto espírito crítico, com palavras apropriadas para comentar os fatos da sua vida e os da vida alheia, fazendo reparos oportunos e sabendo tirar partido dos embaraços dos outros, que não deixava de ferrumar com o acicate da sua verve.

"Os casos", muitas vezes, não passavam de simples brincadeiras, que ele sabia fantasiar, criando, por vezes, situações complicadas para o indiciado na estória.

De um desses casos, tão recentes, deu-me notícias Virgilio Barbosa (já beirando os seus 86 janeiros magníficos) velho companheiro de Pedro Leão em aventuras memoráveis Virgilio Barbosa, que voltou aos velhos pagos mossoroenses, depois de tantos anos afastado deles, assim que tomou conhecimento do estado de saúde do seu amigo, foi de pronto visitá-lo. E como era de ver, deram um agradável balanço nas arcas do passado, onde cada um tinha lá seu punhado de pecados, uns até, mais ou menos inocentes, outros... cala-te boca...

E como a conversa fosse boa e longa, no momento da despedida, Virgilio jogou a cartada final, e fez a pergunta que era uma verdadeira insinuação:

— Pedro Leão e se aparecesse aqui, uma *ceuvejinha?*

A que de pronto ele respondeu:

— Olhe, só se fosse Brama e bem geladinha!... Nada de Ántártica que isso é cerveja prá Chico Teófilo...

Faz coisa de quatro anos, senão mais, assisti em Mossoró, à instalação daquela grande casa de Porcino Costa e, por via das dúvidas, entre duas ou três doses de uísque estrangeiro, sem água e sem gelo, fiz até o meu discurso de enaltecimento aquela mocidade vitoriosa, cujos troncos eu conhecia tanto, enraizados lá pelos grotões da Serra do Mariins. Depois de meia noite, cruzando ali pela Praça Bento Praxedes, fiz encontro com Pedro Leão, que se botava para casa, arrancando baforadas do seu charuto quilométrico. E ao reconhecer-me, disse: "gostei das suas palavras. Mas, sabe, muito melhor seria que o Porcino inaugurasse ali, um bar"!...

De uma feita, voltava de um encontro, por uma rua deserta do subúrbio, por onde não cruzava viva alma. E por cúmulo da falta de sorte, inesperadamente, a luz pública se apagou, ficando tudo escuro como breu. Ficou parado ,sem nem ao menos atinar com o rumo que devia seguir. E foi aí que, providencialmente, surgiu a luz de um automóvel. Gritou furiosamente e foi atendido. O motorista era seu conhecido, velho compadre. Mal entrou no carro, e ao dobrar a esquina da SAMBRA, a luz voltou. Sem perder a calma ele disse —: compadre Delis, pára aí. Eu só queria a luz e vou de pé. Você vai de automóvel, que eu preciso chegar primeiro.

Em outra ocasião, quando contaram pela rua uma mentira de que o cavalo de Fragosinho correra morte mais de três léguas, Pedro Leão rematou:

— Um animal desse não pego eu. Se cai na minha mão eu ia a lua, tomava uma cerveja, fazia uma barganha e trocava o bicho morto pelo cavalo de S. Jorge.

Nas atividades do seu armazém, havia um empregado que todo o santo dia o azucrinava pedindo aumento de vencimento.

De tanto reclamar, um dia mal o patrão entrava, ele foi dizendo: Seu Pedro, só trabalho aqui, até hoje, pois além de ganhar uma miséria, ainda faço o serviço de outro empregado.

— Se é assim, está tudo resolvido, você traz o outro auxiliar da firma, que eu não conheço. Faço a dispensa do mesmo e dou tudo quanto ele ganha a você... Mas é preciso trazer o homem...

Lá um dia, um empregado do Banco avisou Pedro Leão de que se ele não pagasse um título naquele dia, mandava para o Cartório do Santidio.

— Boa sugestão, se o Santidio poder pagar meus títulos pode mandar todos para ele.

O pior foi o que ocorreu com um seu compadre, que sem saber porque carga dágua, foi metido no xilindró.

No outro dia cedinho, mandou um portador valer-se de Pedro Leão, para tirá-lo daquela enrascada, e acrescentava o portador: ele manda dizer que não fez nada, e por isto está preso.

Pedro Leão logo concluiu: esta estória não está bem contada: o compadre não fez nada, e está preso. E eu não fiz nada e estou solto!

— Será que o delegado tomou algum pileque?

JOÃO URBANO

O barbeiro que lia "AS 1001 NOITES"

O OUTRO LADO DO RIO — faixa que se estende à sua margem direita e ao largo da Cidade — é um território alagadiço, fértil nas curiosidades de certos tipos humanos, que fugiam ao lugar comum das coisas pela excentricidade dos seus hábitos e seus costumes rotineiros.

Na sua maior parte eram grupamentos constituídos de homens laboriosos, que se entregavam, dia e noite, às tarefas do campo, onde tinham nascido e por ali iam vivendo, num estado de conformação, com os pés atolados no lamaçal do massapê, onde realmente, a vida era dura de viver, embora o chão fosse mole.

Assim, com essa filosofia displicente, eles chegavam cedo ao envelhecimento, sem muitas ambições, sem vaidades e certos de que, na várzea, quem nasce sem coragem para trabalhar, já nasce morto.

E, parado diante dessa situação e desse estado de espírito, lembro um dos seus tipos mais curiosos, João Urbano, que na modéstia dos seus dias, tinha lá sobradas razões de conservar a tradição de ser um mossoroense legítimo, sem mistura de sangue, sem confusão de cor.

Era um desses homens a quem a simplicidade bem poderia emprestar um ar de santificação. Despretencioso, sem ter inveja de ninguém, sem pensar na felicidade dos bens alheios, pobre como Jó.

Conheci-o já no declínio da curva da idade, caminhando para ficar velho no ofício de barbeiro, trabalhando no quarto de Chico Batista, ali por perto da padaria dos Apolinários, sempre cheia de uma numerosa freguesia. Raro era o dia em que um sujeito desconhecido se sentava na sua cadeira, e este

mesmo para nunca mais cruzava os pés na porta, pois a navalha de João Urbano parecia um trinchete de cortar carne no açougue. Pior do que ela — e isso todos proclamavam sem querer lhe ser agradável — só mesmo a de "seu" Manuel Davi, que tinha tantos buracos e tantos dentes, que se botassem uma palheta numa de suas pontas, ela tocava música como um saxofone.

Fora da barbearia, João Urbano cavava o vida num corre-corre desadorado, vendendo bicho às mulheres pelas casas de famílias, passando bilhetes de uma rifa de um papagaio-falador, de um bode que dava leite, ou de um gramofone que fora de Lourival Brasil.

Olhando para o Céu e para o Rio — os polos do seu encantamento — João Urban morava numa casa de taipá, baixa, com uma queda-dágua, enfincada bem na boca da estrada que dava para os Pintos, depois para o Carmo, e enveredando para o lado direito, esticava para o Assu ou no rumo do Poré.

Mesmo bom como era, o velho morador ribeirinho tinha lá suas quizilias.

E por isso virava bicho, dava salto como o bute e ficava cuspindo no cabo do facão, toda a vez que, algum moleque desaforado riscava correndo pelo seu terreiro e soltava o grito de guerra: João da Vaca!...

O porque do apelido muita gente sabia. Contava-se que, o nosso homem, matara uma vaca, no quintal de sua casa, num *dia grande,* numa *sexta-feira-da-paixão!*

Mas, com o grito ou sem ele, ali no seu reduto, do Outro Lado do Rio, ninguém fazia caso daquilo, pois o famoso Padre Longino também era acusado de prática semelhante, só mudando o animal imolado. Seu inimigo, o Padre Silveira conta tudo:

> Outro dia da Paixão
> feriu, ficando sangrando
> um bode, publicamente
> o poeta improvisado.
>
> Corre o bode pela rua
> deixando o chão ensangüentado,
> gostava muito aplaudido
> o poeta improvisado.

Depois que o bode morreu
Veio a mesa bem assado
cozinhado, comeu dele
o poeta improvisado.

E ainda por um falso dessa ordem, assisti, em Serra Negra, lá no Seridó, o Padre Natanael Medeiros, quase indo as vias-de-fato com um vaqueiro, autor da graça. Com a troca de palavras, o padre exasperou-se, fez vista grossa do 6.º mandamento, e por pouco, o imputado difamador não foi mandado para um acerto de contas lá pelos caldeirões do reino do Anjo Rebelado.

Demais, João Urbano formava entre os pioneiros do bairro, juntamente, com Pedro Leite, comerciante no Mercado Público, Manuel Cirilo dos Santos, figura saliente na política do Município, Manuel Leonardo, agricultor e bodegueiro, velho Gaudêncio, condutor de malas do correio, Chico Balbino, que era o morador mais afastado, também criador e agricultor. Adá e Abdon, este canoeiro, aquele tangerino, vaqueiro falador como o diabo, pois dele dizia Andró — homem sério que não levanta um falso nem dormindo — este meu primo Adá Leite é o *sujeito que conta as maiores histórias de bois mentirosos...*

De outro lado, o barbeiro tinha lá suas fumaças de vida associativa, pois era da Liga Operária, e por lá vivia discutindo com Rufino Evangelista, Lindolfo Arruda, Raimundo Reginaldo, Bodoca, Sebastião Magi, Cícero Adeoliveira, Oscar Amaral, Manuel de Assis e Américo Julião.

Havia, contudo, uma relíquia, na sua vida, que causava admiração a muita gente: João Urbano possuía uma coleção dos livros das lendas orientais, conhecidos pelo nome de "AS 1001 NOITES". A encadernação era rica e ele tinha dela verdadeiro ciúme.

Mas, uma vez, me emprestou os livros. Lá por volta do ano de 1921, durante o meu aprendizado na Escola Paulo de Albuquerque.

Ainda hoje, pensando nele, no barbeiro João Urbano, recordo a alegria que me deu a leitura dos seus livros, ligando, mais tarde, o seu nome humilde ao do brilhante escritor da "terra das arábias", MALBA TAHAN, o paisagista das lendas do deserto.

RAIMUNDO AGOSTINHO

Seu caminhão entrou na literatura

O que DISSERAM DE MOSSORÓ foi título largamente explorado, há alguns anos, para divulgação de notas e registros, que de longe ou de perto, alguns escritores e jornalistas escreveram a respeito desta cidade.

Com isso, não foram poucos os trabalhos que fizeram referências a Mossoró e que por esse meio chegaram ao conhecimento dos leitores locais, despertando a atenção de uns ou o interesse de outros.

É desse genero o que em 1939 publicou a ESCRITORA LOLA DE OLIVEIRA, no seu livro MINHAS VIAGENS AO NORDESTE DO BRASIL com notas e louvações, que devem agradar particularmente ao espírito da gente mossoroense, tão fundamentalmente, arraigado ao amor a sua terra.

Em resumo é este o retrato:

> "Já quase à noite penetramos no Rio Grande do Norte. A estrada é péssima e o caminhão vence, de vagar, os altos e baixos. Já nada quase se divisa da paisagem. As estrelas brilham no céu. É noite cerrada. Temos que galgar a Serra do Apodi. O caminhão vai cheio de passageiros e abarrotado de cargas.
>
> *O chofer e dono da condução Sr. Raimundo Agosnho,* num trecho perigosíssimo avisa aos viajantes de que é preciso descer para aliviar o veículo. E lá nos vamos todos, a pé, atravessando um trecho íngreme da Serra do Apodi... Não surgiu ainda a luz e cai aqui, cai acolá, chegamos a um pequeno rancho onde uma luzinha brilhava. Aí esperamos o caminhão e depois, por uma estrada melhor, recomeçamos, mais animados, a

viagem. Às 10 horas da noite chegamos à cidade de Mossoró.

MOSSORÓ

30 de Novembro

É a primeira cidade que visito no Rio Grande do Norte, o Estado natal da notável escritora Nisia Floresta, da lúcida poetisa Auta de Souza e do grande engenheiro Augusto Severo.

Mossoró é considerada a rainha das cidades riograndenses. É linda, à margem do rio Mossoró. Está quase toda calçada e arborizada e abre-se em sete bem cuidadas e modernas praças.

Sua iluminação é elétrica e boa. Possui uma edificação também moderna.

Entre os edifícios sobressaem o do Ginásio Diocesano Santa Luzia, Colégio Sagrado Coração de Maria, Santa Casa, Seminário Santa Terezinha, Mercado Público, a União Caixeiral.

Na Praça da Matriz ergue-se a Catedral cuja padroeira é Santa Luzia. Na Praça da Independência vê-se um obelisco inaugurado a 7 de setembro de 1922.

Na Praça da Redenção existe um monumento com a estátua da Liberdade.

Mossoró é a maior, a mais adiantada, a mais rica de todas as cidades riograndenses do Norte.

Atualmente passa por um surto de remodelação sob a administração modelar do ilustre Prefeito Padre Luiz da Mota.

Deixo aqui nestas páginas os dados sobre Mossoró fornecidos pelo Secretário da Prefeitura.

DESENVOLVIMENTO URBANO

O desenvolvimento da vida urbana mossorense assume cada dia novos aspectos promissores. Rasgam-se avenidas, calçam-se artérias, constróem-se jardins, estendem-se por toda parte os fios da iluminação pública,

e é sempre mais elevado o índice das edificações particulares. O seu comércio alarga-se em múltiplos e variados ramos, as suas indústrias marcam-lhe o primeiro plano dentro do Estado.

Um surto de progresso vem se verificando principlamente nestes últimos quatro anos, sob a gestão honrada, eficiente e benemérita do Prefeito Pe. Luiz Mota.

Devemos-lhe a construção de quatro belos jardins, o calçamento das principais ruas, feito numa extensão de 50.114 metros, levantando 6.621 metros de meio-fio naquelas onde as calçadas terminavam de modo irregular. Esse serviço de calçamento compreendeu 7 praças, 9 ruas, 3 avenidas e uma travessa.

Em matéria de limpeza pública o serviço que antigamente era feito por carroças passou a ser realizado em modernos caminhões.

A avenida Getulio Vargas, idealização e realização do Padre Luiz Mota, margeia parte do rio Mossoró, ostentando sobre o mesmo uma balaustrada de 640 metros de extensão, com 45 postes de cimento armado para a iluminação elétrica, dando um aspecto magnífico à entrada da cidade pelo lado da barragem.

Ainda são obras do Padre Mota: a organização da Banda de Música Municipal, com 30 figuras devidamente uniformizadas e o instrumental, o mais moderno, o fardamento padronizado dos empregados da Limpeza Pública; o emplacamento de ruas e praças; a instalação da "Amplificadora Mossoroense", com 3 poderosos alto-falantes, força de 25 watts, o que permite os seus programas serem ouvidos em toda a cidade, numa distância de 9 quilômetros.

INDÚSTRIA

Mossoró é o primeiro parque industrial do Estado. Existem na cidade de Mossoró as seguintes fábricas: uma de anigem, três de sabão, uma de cigarros, uma de redes, 3 de fundição de bronze, uma de chocalhos, 4 de cal, uma de mosaicos, uma de gelo, uma de fiação,

duas empresas de óleos vegetais, 3 mesmas de beneficiamento de algodão e uma mecânica de mandioca.

INSTRUÇÃO

ESCOLA NORMAL

Foi fundada com a denominação de Escola Normal Primária de Mossoró por decreto do Governo Estadual de 27 de janeiro de 1922 e instalada a 2 de março do mesmo ano. Seu curso era de 3 anos. Foi equiparada à Escola Normal de Natal em 1933 passando o período escolar para 4 anos e a ter a denominação de Escola Normal de Mossoró.

Por decreto do Governo Estadual de 1937 foi transformada a Escola em Curso ginasial feminino tendo sido em 1939 equiparada ao Colégio Pedro II.

É seu atual Diretor o Dr. Everton Dantas Cortês distinto intelectual. O corpo docente compõe-se de dez professores.

A Escola mantém pelo seu corpo discente a Associação das Normalistas, que, por sua vez mantém biblioteca e uma revista: A B C."

* * *

No outro dia, bem cedo, Padre MOTA entrou no CAFÉ TAVARES com sua inseparável bengala debaixo do braço e tirando largas baforadas do seu charuto "*mocinha*". E mal avistou sentado numa mesa, o seu Fiscal Bodoca — o capa-verde — foi interpelando-o:

— "Bodoca, cadê a escritora?"

— Graças a Deus, já se foi Padre Mota, responde o crente, adiantando:

— Pois aquilo é lá tipo de gente!... A mulher corre que só o trem de Saboinha!...

Ouvindo o seu auxiliar, depois de tomar o derradeiro gole da xãcara de café, batendo a cinza do charuto no beiço do pires, o Prefeito arrematou:

— É, meu amigo Bodoca, bem que eu tenho pensado em remediar essa situação do seu trabalho, indicando uma pessoa para acompanhar pelas ruas essas visitantes letradas, e até me lembrei do nome de João Pinto.

João Pinto? Padre Mota, pergunta o evangelista sem esconder seus temores.

— Sim, homem. João Pinto é doido por literatura, responde o cura. Quer ver pergunte ao Professor Manuel João.

OS "GUILHERMES DE MELO" E "OS GUARÁS"

Gente brava do Camurupin

Os registros genealógicos de FRANCISCO FAUSTO DE SOUZA, o insubstituível pesquisador dos arquivos de Mossoró, foram muito longe e deixaram para os seus sucessores, melhor diria, seguidores, um trabalho de procedência histórica, extremamente valioso, no que diz ao estudo sobre as velhas "Famílias Mossoroenses".

N seu trabalho particularizou, entre outros, o numeroso grupo do tronco dos Guilhermes de MELO, fixando-o num paciente plano de investigação publicado no Boletim N.º 13, da famosa COLEÇÃO MOSSOROENSE, sem indicação do ano.

Muitos anos depois, de permeio com as anotações de Francisco Fausto, a título de complementação da primitiva pesquisa, o Dr. Mozart SORIANO, do mesmo clã Guilherme de Melo, publica um trabalho de fôlego sobre a genealogia da sua família, com informações as mais precisas.

A essa altura, baseado nas duas fontes, que em nada são contraditórias, volto a reexaminar a presença da família GUARÁ, em Mossoró, cuja linhagem parte exatamente de uma Guilherme de Melo casada com um membro dos Guarás de Riacho do Sangue, no Ceará.

A descendência da família se encontra publicada no Boletim N.º 13, na ordem desta relação:

De SIMÃO Guilherme de MELO e INÁCIA Maria da Paixão, nascida em 1871 e sepultada em 1846, vieram os seguintes filhos:

N1 — Francisco Longino Guilherme de Melo (padre) 1802-1879.

N2 — Lourenço Justiniano Guilherme de MELO

N3 — Manuel Soriano Guilherme de MELO — 1820-1886.

N4 — Simão Balbino Guilherme de MELO — 1816-1893.

N5 — Leandra Guilherme de Melo

N6 — Maria da Paixão Guilherme de MELO

N7 — Ana Guilherme de MELO

N8 — Cosme Guilherme de MELO

N9 — Luzia Guilherme de MELO

N10 — Conceição Guilherme de MELO

N11 — Inácia Guilherme de MELO

N12 — Maria Guilherme de MELO

N13 — Josefa Guilherme de MELO

N14 — Miguel Arcanjo Guilherme de MELO — conhecido por Miguelinho — 1805-1888.

N15 — Manuel Januário Guilherme de MELO

N16 — João dos Reis Guilherme de MELO

N17 — Geraldo Joaquim Guilherme de MELO — 1815-1889.

N18 — Josefa de MELO

N19 — Francisca Rosa Guilherme de MELO — 1825-

N20 — MARIA JOAQUINA GUILHERME DE MELO

NOTA: Neste ponto, se inicia a FAMÍLIA GUARÁ, em MOSSORÓ. Mas, tem tempo, é de se adiantar que houve inda do casal SIMÃO GUILHERME DE MELO e INÁCIA MARIA DA PAIXÃO, *oito descendentes,* que aos anteriores juntos, *somam 28 filhos*: O que vale dizer: um casal verdadeiramente povoador da Ribeira do Apodi ou Mossoró. E ressalte-se mais que, esse clã se caracterizava por um regime de absoluta endogamia, casando primos com primas e sobrinhas com tios.

MARIA Jaquina Guilherme de MELO, a 20.ª filha do casal, quebrou essa tradição casando com FRANCISCO GOMES DOS SANTOS GUARÁ, de procedência de Riacho do Sangue, no Ceará, onde nascera no ano de 1808, vindo moço para Mossoró. Aí, desenvolveu larga atividade no comércio, estabelecido que foi

com negócio próprio, sendo Chefe do bloco Liberal, influenciado pelos políticos do Assu.

De acordo com a relação, foram eles pais de:

BN-103 — Jeremias Gomes Galvão e Maria Benedita dos Santos Guará, pais de:

TN-176-183 — Adolfo, Augusto, Raimundo, Antônio, Benedito, Maria das Dores, Gotarda, Maria Nazaré e Maria Benedita f. sem constituir família.

Enviuvando Jeremias Gomes Galvão Guará — c. c. Maria da Cunha Viana, pais de:

TN-184 — Augusto Gomes Guará

TN-185 — Jeremias Gomes Guará (Guarazinho) — Alzira Gurgel

TN-186 — Artur Guará

TN-187 — Sofia Galvão Guará

TN-104 — Manuel Gomes dos Santos

TN-105 — Ana Hemerlinda dos Santos Guará — c. c. IRINEU SOTER CAIO WANDERLEY, do Assu, comerciante, Chefe do Partido Liberal em Mossoró, pais de:

TN-188 — Ana Wanderley — Manuel Cirilo dos Santos

TN-189 — Irinéa Wanderley

TN-190 — João Carlos Wanderley (Velhinho)

TN-191— Aristóteles

TN-192 — MARIA WANDERLEY (Marica) — Zuca e em segundas núpcias — Antero Miranda.

TN-193 — Gonçalo faleceu solteiro

TN-194 — Irineu faleceu solteiro

TN-195 — FRANCISCA ADELAIDE LINS WANDERLEY (D. Sinhá) *

TN-196 — Luiz Wanderley

TN-197 — Umbelina faleceu solteira.

BANDAS DE MÚSICA

Coretos e retretas dos velhos tempos

Manhã de névoa e de frio irritantes.

Bem cedinho, às 7,30, salto de um trem em Realengo, depois de 30 minutos de uma corrida desadorada, em que a composição parecia um bólido deslizando pelos trilhos.

Ô descendo a rampa, escuto vindo de longe, do outro lado da quadra de esporte, os sons instrumentais de uma banda de música, que desfilava garbosamente.

A peça era o velho dobrado VELHOS COMPANHEIROS, com solo obrigatório de bombardino, cujas notas enchiam os ares de harmonias.

Então, diante do quadro inusitado, perdi a noção do tempo. Parei e não tomei o ônibus da minha linha. E naquele instante, vi naquela execução, a figura de MIGUEL DE CANUTO, o melhor bombardinista de Mossoró. Colocado entre ele e o tempo, pensei na cidade. Nas suas noites enluaradas. Até na saudade da vida...

A banda de música ia sair tocando pelas ruas...

A novidade sempre recebida com demonstração de entusiasmo, acabava de ser anunciada, levada a todos, pelos ares, como se fosse a mais alvissareira das notícias.

E então, já ninguém podia ignorar o fato, pois lá do meio da calçada do quartel, nu da cintura para cima, estava Manuel de Maria Gorda batendo, furiosamente, no bombo, como a dizer aqueles sons tronitoantes, que alguma coisa de novo se passava no lugar. De ordinário, tudo por ali era pacífico, e a vida decorria no mesmo ramerrão, perdida na sucessão de dias sempre iguais e parecidos, na tranqüilidade de um silêncio, que chegava, por vezes, a ser monotonia.

Meio a essa dimensão do absenteísmo, afastada de tudo quanto fosse história de outra vida, que não fosse a sua própria, a gente simples do lugar esquecida de Deus e dos homens, despertava, algumas vezes, desse mundo do indiferentismo e da ausência, e vinha para a rua, ver a banda de música, que passava, pisando certo, na cadência dos compassos, arrastado o velho dobrado ZÉ DA GUIA, cujo forte era cantado pelo piston de Diocleciano Costa, arrancando uns agudos que estridulavam pelos ares, formando ecos de tumultuante cascata de harmonias.

A música, assim formada, desfilando pelas ruas denunciava sempre alguma coisa de extraordinário, e por isso, num instante, todo o povo aparecia, e as calçadas, antes desertas, ficavam cheias de pessoas curiosas, gente que espirrava das bodegas, saía dos becos em alvoroço ou apontava nas janelas, nas portas, nas esquinas, que logo ficavam entupidas de cabeças, de caras, que mergulhavam para fora, curiosas, cheias de olhares sorridentes.

A banda de música pelas ruas era sempre uma festa, pois saía raramente, para tocar nas recepções que se faziam, quando o Coronel, que era Deputado no Congresso Legislativo do Estado, voltava de Natal, ou durante os festejos do Padroeiro, no leilão da última noite da festa e no acompanhamento da Procissão.

Às vezes, tocava na parada dos meninos do Grupo Escolar *Padre Cosme",* na festa do Dia da Independência, quando o Diretor do educandário realizava aquela promoção cívica.

E mais, só nas quatro festas do ano. Lá uma noite, também saía para tocar num espetáculo, quando algum pequeno circo aparecia e esticava a lona na frente do mercado para algumas representações. Esse circo armado no Largo do Mercado modificava a vida do lugarejo, que tinha motivo para toda sorte de comentários.

Um desses fuxicos que tocou fogo na tranqüilidade de muitas casas, foi o namoro da trapezista com uns homens casados, que foi aquele Deus nos acuda.

Depois, o circo arriava os panos. Tocava para o Pereiro e o povo de S. Miguel sentia falta e ficava lamentando a sua ausência.

O conjunto local — Euterpe Belavistense — era amestrado por um compositor anônimo, homem despretencioso, que não

conhecia grandes terras, nem lugares importantes, nem escolas de músicas ou outro qualquer centro de preparação artística. Tudo nele era natural e tivera formação espontânea. Daí, o seu espírito prático, a que aliava o seu entusiasmo pela arte, em que revelava um grande talento, que se exauria na constância daquela atividade, que era a sua alegria, o seu triunfo, a sua própria vida.

Músico de profissão e de tarimba, Mestre Araruna, um pretalhão do Riacho do Sangue, no Ceará, gostava do ofício, que escasso resultado lhe dava. Mas, ele não reclamava a vida que levava, pois mesmo de bolsos vazios, tinha a barriga cheia do contentamento que a arte lhe proporcionava, mesmo obscuramente. Na sua luta dos ensaios e da afinação dos velhos instrumentos, de há muito reclamado por uma aposentadoria. De quando em vez ele corria a bodega do delegado Vicentinho para molhar a garganta, pois não dispensava uma bicada nem nos dias grandes da Semana Santa, e diziam até que sua execução era muito mais segura, quando estava queimado por duas ou três talagadas da danada da água branca, que passarinho não bebe.

Morreu de um baque do coração, quando tocando seu saxofone, acompanhava uma *levada de santo* da casa de mestre Cândido Sapateiro para o sítio da negra Sofia, do outro lado do Riacho das Mulatas.

Mas, a verdade é que o dobrado executado pela Banda do Realengo veio levar-me a outro mundo distante, para pensar nas Bandas de Música de Mossoró.

Essas, sim, é que me deixaram saudades de uma quadra da vida, que não tem comparação com vida alguma.

E desses dias, revejo os dois velhos conjuntos que remanesciam dos tempos gloriosos da Charanga e da Fenix, e que não eram mais que as bandinhas de Mestre Artur Paraguai e de Joaquim Carvalho — o grande músico mestre Quinca.

Os outros componentes dos conjuntos, todos tinham fama no julgamento da gente da cidade.

Assim, era Oscar Amaral, o mais estridente rasgo do trombone, que não tinha rival, nem mesmo entre os músicos da Banda da Polícia Militar. E não era só: lá estava o clarinete de Geraldo Paraguai, que só faltava falar, pois até cantava como galo. Artur, o mestre, tocava todo o instrumento de bocal, e lá um dia, saiu soprando num saxofone. Notícia mais antiga,

dizia da façanha de Miguel de Canuto, num bombardino, que valia a pena ouvir, num contracanto, executado todo de ouvido, pois o caboclo não conhecia, uma clave, siquer. E outro que causava admiração era Cícero Padeiro, num solo de saxe–cachimbo, cuja execução era a mais perfeita. Lá na fila da frente, bem mais alto do que os outros, destacava-se o trombone de Petoso, um morenaço de S. José dos Paus, na Paraíba, e que soprando seu instrumento tirava notas tão agudas, que faziam menino novo tomar o choro. Ao seu lado, o hélicon de João Rocha, o eletricista, fazia cerrada marcação, acompanhada pela trompa de Eugênio Capuxu e pelo barítono de Salustiano, funcionário da Intendência. No meio da formação, Manuel de Maria Gorda, o bombeiro, atendia à cadência macial da banda, abafada pelo ensurdecer dos pratos batidos pelo pintor de paredes Luis do Assu, de quem se contava uma história de que, nos velhos tempos, fora cangaceiro do grupo de Antônio Silvino, e que matara gente.

Hoje, as coisas mudaram muito, mas as lembranças permanecem evocando fatos e pessoas daqueles dias, em que a banda de música era o maior dos divertimentos da cidade.

Mesmo tão distante deles, o simples encontro com algum remanescente daquela quadra, serve para acordar do mundo das suas reminiscências, a história de alguns desses conjuntos tradicionais, a exemplo do que ocorre em Goiânia, no Estado de Pernambuco, onde há uma corporação com mais de 100 anos de atividades na arte musical!

Pela revelação desses fatos, chega-se ao conhecimento de outros semelhantes ocorridos nesses dias remotos, alguns que dão notícia até dos nomes dessas bandas, onde as denominações, recorriam, de ordinário, as formas clássicas, estilizadas, como Euterpe, Fenix, Sinfônia, Atenéia, Charanga, Lira do Orfeu, Harmonia ou Filarmônica, entre outros.

Mas, a questão dos nomes das corporações, por vezes, ultrapassava, esses limites, quando elementos mais exaltados de um ou de outro lado, começavam a depreciar o valor do grupo adverso, que era batizado por nomes estravagantes, assim: Estrondadeira, Arrebenta-bexiga, Furiosa, Capa-bode, Catarrau, Pavorosa, Chorando-em-pé e até Quebra–resguardo.

Era de ver que esse espírito de malquerença, às vezes findava em cacetada, em via de fatos, em rasga-bucho, não raro, nas grades da cadeia.

E as retretas? Quem não se recorda da Praça Vigário Antônio Joaquim transformada num mar de gente?

Por que não falar também nas partituras executadas? Nas grandes peças do repertório, algumas de famosos clássicos, que eram tocadas nessas noites, como a Cavalaria Rusticana, o Barbeiro de Sevilha e a Protofonia do Guarani?

Curiosamente, a música de rua, a do gosto e da graça do povo, sempre foi o dobrado em estilo marcial, velho e heróico acordador das emoções, relembrando nomes e acontecimentos históricos, feitos memoráveis, dias de glória para a Pátria, a exemplo de Saudades da Minha Terra, de Estevão Guerra, Pão de Açúcar, Lamego, Capitão Caçula, Velhos Companheiros, Zé da Guia, Manuel Rabelo e Curupaiti, peças soberbas, que despertavam heróis no meio das multidões!...

Hoje, de tudo isso, resta só a sombra da memória do tempo, o velho guardião da saudade!...

Mas, resta muito mais, porque na vida da gente, há sempre uma banda de música que vai passando...

HUGO CÁBIA — O EMIGRANTE DE MILÃO

Afogou-se no tanque da usina

Por volta de 1923, a ESCOLA PAULO DE ALBUQUERQUE mudara-se do pavimento superior do prédio da Cadeia Pública e passou a funcionar numa casa da Rua Coronel Gurgel, que ao tempo nem tinha numeração. Para atender à sua instalação, o imóvel teve de passar por algumas reformas de emergência, que pudessem atender, embora, precariamente, ao seu alojamento.

O prédio em questão ficava situado entre as casas de residência da viúva João Minho e a do comerciante Antônio Caetano, que tinha uma bodega na Travessa Cavalcânti, em quarto pegado ao de Estêvão Teodósio, que passava o dia sentado no balcão, soprando numa requinta.

Mas, a casa da nova rua ficava quase na esquina da Francisco Isódio, onde estava o sobrado cinzento do velho "Lucas Lavrado", que se tornara famoso pelas esquisitices do seu proprietário, um paraibano vendedor de fumo. Diga-se que sua sala de vendas dava gosto ver pela desarrumação das mercadorias.

No meio da rua, se dizia sem reserva que o velho *LUCAS bebia sangue de menino novo,* ou *comia fígado de pagão,* para se curar de um mal terrível, *que lhe deixara as mãos e o rosto cobertos de umas manchas brancas.* Daí, lhe viera o apelido de *lavrado com* que viveu e com que morreu. Era por isso *chamado de papa-figo.*

Esse local, onde passou a viver a tradicional escola, que tivera seu *primeiro pouso* na Rua Dr. Almeida Castro, num armazém de Hemetério Leite, era sempre freqüentado por Sebastião Magi, Cícero Adeoliveira, Raimundo Reginaldo, Joaquim Carvalho (mestre Quincas), Raimundo Calistrato do Nascimento (Bodoca), Rufino Evangelista, Mario Cavalcânti, Cel. Vicente

Martins, Virgílio Barbosa, Silvério Noronha, Manuel Assis, Raimundo Luciano e Oscar Amaral. Nos seus comentários, a roda dos conversadores, não raro, se voltava para a figura exótica de um transeunte solitário, que ao sol ou a chuva caminhava, meio recurvado, pela calçada dos Quartos de D. Ná, onde se instalavam pequenos negócios de café, bilhar e barbearias.

Essa criatura, levada pelo vento, de passos trôpegos e de gestos descompassados, não tinha raízes mossoroenses. Era um emigrante italiano. Aportara ali, de longos anos, numa comissão de estudos de engenharia. Terminado o trabalho, por ali se fora deixando ficar, naquele estado de abandono, vencido pela idade, pelos sofrimentos e pela fome, curtindo os dias mais amargos da sua vida. Sua roupa, uma velha casimira marrom amarrotada e suja, estava em petição de miséria. Os sapatos já não mereciam este nome, e o chapéu de massa de muito tinha perdido a identidade de sua serventia.

Hugo Cabla, o italiano, seu Hugo, o velho Hugo, era um traste humano só, esquecido de todos, abandonado, vivendo da caridade pública.

Mas tivera até em outros tempos, dias melhores, pois era homem de certos conhecimentos, desenhista, calculista, e já nos seus azares até ensinara a Terto Diabo a organizar as tabelas das inversões das *centenas e dos milhares do jogo do bicho.*

Agora, numa rememoração necessária das coisas do passado, LAURO ESCÓSSIA transcreve o que "O Mossoroense" publicava em 27 de setembro de 1925, com um registro que vem de quase meio século:

ENCONTRADO MORTO

> Hugo Cábia, o desventurado sexagenário que perambulava pelas ruas de nossa cidade aos apupos da garotada desenfreada e estulta, teve um fim trágico. Na manhã de 21 deste mês foi encontrado morto num dos reservatórios d'água da Usina Elétrica desta cidade. Natural de Milão, na Itália, Hugo Cábia, desde longos anos aportara ao nosso meio como auxiliar de uma comissão de engenharia, então chefiada pelo Dr. Pedro Ciarlini, e com a dissolução desta, deixou-se ele ficar em Mos-

soró, desenvolvendo a sua atividade em trabalhos particulares.

Nestes últimos tempos, Hugo Cábia não trabalhava mais, e por isso, via-se a braços com a extrema indigência, sendo socorrido pela caridade do nosso povo, que sempre lhe dava o necessário para o seu sustento.

A polícia abriu inquérito sobre o fato, nada conseguindo apurar de delituoso acerca de sua morte."

Em tudo isso, uma coisa foi comentada:

— No outro dia, quando o descobriram morto, seu corpo, contrariando o próprio princípio básico da lei da imersão, que que se encontrava mergulhado no tanque da Usina Elétrica, estava de pé!...

NOMES QUE FICARAM NA HISTÓRIA

Os que assinaram a ATA da instalação do "Colégio 7 de Setembro"

A instalação do "COLÉGIO 7 DE SETEMBRO", do professor ANTÔNIO GOMES DE ARRUDA BARRETO, verificou-se, às 11 horas, do dia 7 de setembro do ano de 1900.

Presidiu a sessão, o Dr. Francisco Pinheiro de Almeida Castro, sendo secretariado pelo professor José Limeira.

Ao início dos trabalhos, o presidente em breve alocução, demonstrou o fim da reunião, que era a instalação de um estabelecimento de ensino científico e literário, que ia funcionar, nesta cidade, sob a direção do cidadão Antônio Gomes de Arruda Barreto, ajudado pela ilustre edilidade deste município e pelo esforço dos muito dignos habitantes desta cidade, secundada pelos pais de famílias, que se empenham pela educação dos seus filhos, e não poupam sacrifícios para dar novos passos na área do progredir.

Em seguida, declarou instalado o colégio debaixo de vivas e de calorosas palmas.

Sucessivamente, usaram da palavra, o capitão Bento Praxedes Fernandes Pimenta, Francisco Ferreira da Cunha Mota, orador do *Instituto 2 de Julho,* Manuel Lucas Júnior, Pedro de Carvalho, Alfredo de Souza Melo, de novo o Dr. Francisco Pinheiro de Almeida Castro, em nome da Intendência Municipal, e por fim, o Diretor Antônio Gomes de Arruda Barreto, que agradeceu a todos que concorreram para a presente instalação, e declarou consistia o seu maior prazer em bem corresponder a espectativa dos que lhe ajudaram a levar avante a idéia.

Assinaram a ATA dos trabalhos:

"Dr. Francisco Pinheiro de Almeida Castro, José Limeira, Antônio Gomes de Arruda Barreto, Clementino Fernandes de Queiroz, Alfredo S. Melo, Antônio Soares do Couto, Augêncio Virgílio de Miranda, Aristóteles Alcebíades Wanderley, Miguel Faustino do Monte, José Gomes Monteiro, José Leite de Oliveira, Francisco Gurgel de Oliveira, Antônio Pompílio de Albuquerque, Manuel Benício de Melo, Manuel Julião de Oliveira Leite, Antônio Paulino Bezerra, José Gomes Franco, Manuel Lucas Júnior, João de Miranda Galvão, João Severiano de Oliveira, Olimpio Melo, Adonis Filgueira, Antônio Soares Filho, José Martins de Vasconcelos, Francisco Bertoldo, Rufino Caldas, Antonio Joaquim Costa, Hemetério Leite, Vicente Praxedes da Silveira Martins, Manuel Antônio dos Santos, João Damasceno de Oliveira, Laurentino Maia Filho, Manuel Tavares Cavalcanti, Manuel Teixeira de Holanda, Jeronimo Francisco Xavier, Silvio Galvão de Miranda, Francisco F. da Cunha Mota, Pedro Carvalho, Delmiro Rocha, Clemente Galvão, Francisco Tavares Cavalcanti, Horácio Noronha, Francisco Camilo de O. Lemos, Francisco Romão Filgueira, Antônio Ferreira Pinto, Bento Praxedes F. Pimenta, Francisco Isódio de Souza, Francisco Amâncio Pereira Franca, Luiz Odilon Pinto Bandeira, Sergio Joaquim da Silveira, *Guilherme José da Silva,* José Gregório da Silva, Francisco Rosado, João de Freitas Bezerra, Francisco Romão Filgueira Filho (9 anos), Joaquim Inácio de Carvalho Filho, João Urbano Suassuna, José Vicente Barreto, Alfredo Monteiro, Cavalcanti, João Agripino de Vasconcelos Maia, Aureliano Joaquim da Silveira, João Cândido de Deus e Silva, Januncio Diniz Rocha, Clementino Batista Junior, João Ferreira da Silva, José Ferreira de Queiroga, José Inácio de Carvalho, Tobias Dantas, Chateaubriand Barreto, *Artefio Bezerra da Cunha,* Samuel Diniz Henriques, Maia, Cristalino Felicio Suassuna, João da Escossia, Astério de Souza Pinto e Farmacêutico Jeronimo Rosado."

O Diretor do "Colégio 7 de Setembro" é merecedor ainda de uma palavra pelo trabalho que realizou em benefício da educação da mocidade mossoroense, em sentido mais extenso, de

---

(1) Os dois nomes em grifo representam pessoas de Serra Negra, do Seridó: Guilherme José da Silva, fazendeiro, dono do sítio TRAPIÁ, e o estudante Artéfio Bezerra da Cunha (pai do engenheiro Vaubian Bezerra de Farias, ex. Prefeito de Natal).

toda Zona Oeste e grande parte do seu Estado da Paraíba. Nasceu Antônio Gomes de Arruda Barreto, em Pedra Lavrada, na Paraíba, no ano de 1857.

Para o seu tempo, era homem portador de uma sólida cultura humanística.

Jornalista, poeta, educador e advogado.

No seu Estado, ao lado de Epitácio Pessoa, Argemiro de Souza e Castro Pinto, destacou-se pelos seus serviços ao Estado e ao País.

Latinista e cultor do vernáculo, ficou famoso pelos seus versos em estilo satírico.

Militando na política, foi Deputado Estadual por mais de uma legislatura.

Faleceu a 26 de setembro de 1909, na Cidade da Paraíba, Capital do Estado, quando se encontrava nos trabalhos do Congresso Legislativo.

Mossoró não o esqueceu nunca. Fez inaugurar o seu busto no pátio interno de uma Faculdade, que se encontra, exatamente, no mesmo local, onde funcionou o "Colégio 7 de Setembro".

---

[2] O último aluno do "Colégio 7 de Setembro", já funcionando na Cidade do Martins, em 1904, Antônio Benício de Farias — Rolinha de "Seu" Antonino — faleceu em Recife, Pe. a 11-5-79, com 96 anos de idade.

ESTÓRIAS, CASOS E HUMORISMO

Dos transportes coletivos de MOSSORÓ

Indo e vindo, chispando num ônibus da linha MAUÁ-CAXIAS dirigido, furiosamente, por um motorista de Serra do Cuité, apelidado de "pistoleiro", que às vezes, cobre o percurso apenas em 17 minutos, vou levado a Vigário Geral, que é Estação ferroviária da Leopoldina.

Na corrida das "quatro rodas", vou pensando nos lances de viagem semelhante feita ao território de Gramacho, onde fica encravado" o feudo do jornalista Tenório Cavalcanti. Esta visita ao bravo alagoano, dera-se em companhia do Ministro Mota e do Diretor de "O Mossoroense", jornalista Lauro da Escossia, e se devera ao desdobramento de um encontro, de natureza sentimental com o velho tipógrafo do jornal de João da Escossia, RUFINO EVANGELISTA, confinado no reduto de NILÓPOLIS, em terras da Baiada Fluminense.

E agora, enquanto o veículo engolia a quilometragem do asfalto, numa disparada maluca, de autêntica irresponsabilidade e ausência de respeito à vida dos outros, evocava também, de tempos muito mais antigos, *as estórias e os casos de humorismo* dos transportes coletivos de Mossoró, lá por volta de 1926.

Devo afirmar que, de época ainda mais remota, há notícias, com o aparecimento dos primeiros automóveis, da organização de um serviço de comunicação entre Mossoró e outros municípios vizinhos. Isso, no entanto, não passou do mundo das boas idéias. E nem podia ser de outro modo.

* * *

Daí, a razão de fixar esse ano de 1926, como o da abertura desse empreendimento pioneiro, colocando à sua frente um comerciante turco, de nome MAURÍCIO, que tinha sua loja de

com intimação a todos os passageiros de comparecerem a delegacia de polícia para que depusesse no registro do acidente. Um pouco de *cabeça fria* poderia até acalmar os ânimos, que estavam exasperados. Dos presentes, o que mais vociferava era um protético charlatão, Calaça, que por nada estava a pedir pena de morte para os passageiros do coletivo, que nada tinham a ver com o acontecido.

E foi no meio dessa "confusão generalizada", (numa invocação machadiana), que o Dr. Vicente de Almeida tirando do bolso e metendo no dedo o seu anelão de boticário, aproximou-se da mesa, tornando bem visível a grande jóia, e disse com voz pausada e forte, para que pudesse ser ouvido pela multidão dos roceiros:

"— Senhor delegado, eu sou juiz em Mossoró, e, estou observando que o senhor está agindo com moderação, na defesa do trânsito e da segurança das pessoas dessa terra. Não fora esse seu espírito de ponderação, nem sei onde as coisas já se encontravam, pois o Dr. Calaça insinuava que além de prender a viatura se telegrafasse ao Ministro da Viação, o que me parece uma falta de bom senso. Sua atitude, por isso, só está a merecer louvores."

Diante do sermão, o delegado levantou-se de um pinote, e foi dizendo:

— "Este sim, é um homem que sabe onde tem as ventas. Sabe falar e entende do riscado da lei."

Isso era só o que queria o farmacêutico, que apanhando no ar as palavras do sargento, foi arrematando sua arenga:

— Nesse caso, senhor delegado, já que o senhor tomou o depoimento do motorista, nada lhe impede de mandar liberar o carro para prosseguir viagem, determinado ao condutor, que passe nesta delegacia, todos os dias, para receber as suas ordens.

— É isso mesmo doutor, vou já mandar o carro partir. E quem achar ruim, que fale prá eu mandar meter no xadrez!...

Tempos depois, um viajante do Recife contou no banco da botica que, o famoso delegado metera-se a D. Juan com uma jovem de Santa Cruz do Cabugi. Num ajuste de contas, os irmãos da moça levaram-lhe uma orelha, simplesmente, porque bem podia ter sido pior.

* * *

É mais ou menos por essas águas, que surge em Mossoró a *"era de Zé Rocha"*, indiscutivelmente, figura inconfundível no sistema de transporte em caminhões, fazendo a ligação entre Mossoró e Natal.

E diga-se isso, porque enquanto os outros iniciadores ficaram nas primeiras tentativas e abandonaram cedo aquele ramo de atividades, que para uns, não passava de simples aventura ou de especulação passageira, o *Homem Zé Rocha* fincou os pés no chão, e criou a entidade, a empresa propulsora das comunicações rodoviárias.

O seu entusiasmo pelos serviços de transporte credenciara-no no conceito dos usuários, criando no povo das cidades e do campo, o *espírito de viajar* e de comunicar-se com outros centros de atividades, estabelecendo o intercâmbio como agente de vivência coletiva.

De um modesto veículo com que principiou as viagens, conduzindo passageiros, cargas e malas postais, não tardou em adquirir uma possante frota de caminhões, que lhe permitiram dominar, inteiramente, os serviços de transportes coletivos entre a capital e numerosas cidades do grande sertão. Mossoró era, no entanto, seu fulcro centralidador de atividades, sua área de fixação, uma espécie de ponto de apoio de onde partiam todas as suas iniciativas de trabalho e de organização.

Por tudo isso, ZÉ ROCHA marca na quilometragem do asfalto de hoje, uma referência na estrada entre Mossoró e Assu especialmente, nessa área de sua extraordinária permanência do seu nome forte de legítimo pioneiro dos transportes de caminhão.

E da sua empresa ficaram outras figuras, que não podem ser esquecidas facilmente.

Delas, a mais turbulenta é a do seu próprio filho Severino de Zé Rocha, um temperamento marcado pela intranquilidade, enchendo as estradas com as loucuras das suas corridas desenfreadas, que enchiam de terror os desventurados passageiros, que for falta de sorte tinham pegado seu transporte. A velocidade que imprimia ao veículo era assombrosa, não se preocupando com a vida dos outros, e ao que parece, nem com a dele mesmo. Nas estradas, seu caminhão era chamado de *"besta fera"*.

Zé Rocha foi um desbravador, um agente do progresso, dentro dos limites da sua ação. Bem que se podia pensar que

a lata de gasolina e o pneu vazio seriam elementos significativos do seu brasão de armas.

Quem mais deveria ser mencionado na empresa de Zé Rocha?

Ora, a resposta está na cara. Um era Alfredo, alto, magro, de face chupada e voz macia, era o mais seguro dos motoristas, inspirando confiança e estima. O outro, *era o Mudo de Rocha*, que viajava sempre em cima da carga, gritando, bufando, grunindo, gesticulando para todo o mundo que encontrava, através da mímica, porque se fazia entender, de modo claro.

* * *

Em fase de contemporaneidade, chega CÍCERO GADÊ, um paraibano bom como o diabo, calmaria de um elefante respirando, amigo do professor Manuel João. Ele organiza uma empresa de transporte de passageiros, em ônibus para Natal, com viagens diárias. O serviço era feito em carros novos, confortáveis, com estilo de capital, pois tinha até agência de partida e de chegada das viaturas, com venda de passagens e etiquetas de bagagem. O agente era o Batista, o dono do Bar Dois Irmãos.

* * *

Por aí afora, aparece também Ismael Siqueira com seus filhos mantendo linha de passageiros para Natal. Sua empresa durou muito tempo, e o serviço era regularmente realizado, sempre dentro dos horários

Mas, a *grande história* de Ismael Siqueira é muito mais importante, quando e fala das suas viagens de automóvel. Este é, porém, assunto de outro registro.

* * *

Durante muitos anos, uma figura que ficou marcada na estrada de rodagem de Mossoró a Natal, foi a do motorista Antônio de Luis Cirilo, no rigor do termo, o único dono de coletivo que sempre foi o seu homem na direção. Dirigiu enquanto a viatura teve permissão de circular, no mesmo ritmo de

trabalho, com as mesmas peculiaridades, com o modo brusco com que tratava os passageiros, sem atenção para ninguém.

Às vezes, a gente tinha até vontade de brigar, mas não adiantava nada não, porque ele era o único concessionário a explorar o serviço naquela linha. Depois, se houvesse briga, além de outras conseqüências, ele findava deixando o sujeito no meio da estrada, sem contemporizar, sem aceitar mediação.

Quando o dia despontava, já estava ele parando em Riachuela, se vinha de Natal, ou em Angicos, se saía de Mossoró. Aí era o café. Demora de trinta minutos. E então, era de ver a corrida do pessoal, que parecia estar com *fome canina,* que se aboletava nas mesas, cobertas com toalhas engorduradas, triturando, engolindo, quase sem mastigar, aquela montanha de pratos cheios de carne assada, de batata doce, macacheira, jerimum com leite, ovos fritos, pão, banana e leite. Tudo isso custava só dois mil réis, mais tarde, modificados para a nomenclatura do cruzeiro, sem maior alteração do preço. Pois bem, enquanto ocorria a feroz deglutição daquele grupo esfomeado, Antônio Cirilo ficava tranquilamente se balançando numa rede armada no cupiá. Terminado o festim do Hotel de Riachuelo, os passageiros corriam para o carro, pensando do resto da viagem. Mas, paravam estarecidos, ouvindo o motorista dizer:

"— Rosa, meu bem, manda matar um pinto, e faz um caldo para mim, que eu estou sentindo uma dor de barriga..."

* * *

Na linha de Fortaleza, Raimundo Agostinho foi o mais popular dos donos de caminhão. Iniciou as viagens, e por um tampão do sem-fim, foi uma espécie de donatário na exploração do transporte de passageiros entre Mossoró e a Capital Alencarina. Igualmente a Antônio Cirilo, Raimundo Agostinho, além de dono do veículo, era também o seu motorista. Seu nome entrou no giro da literatura Seu caminhão ficou registrado no livro de viagens de escritora Lola de Oliveira, que nele viajou de Fortaleza para Mossoró. Curiosamente, Raimundo Agostinho nunca teve maior pressa em terminar a viagem. Para ele, o que tinha de ser tinha muita força. Nunca teve hora certa para partir ou para chegar. Seu caminhão virou vezes sem conta.

As demoras das viagens eram explicadas, pois todo o mundo dizia que, ele tinha uma namorada em cada casa, na beira da estrada. E aí, o paleio era grande: doce de leite, ou de caju, água resfriada na moringa, que ficava exposta na janela, conversa animada e café feito na hora. Em outros pontos, era o almoço, como descanso que se seguia, até o sol pender... Assim, quem tivesse pressa ou negócio com dia e hora marcados, que não fosse no seu carro.

Agora, com ele a coisa era diferente: Raimundo Agostinho tinha verdadeiro curso de bom tratamento, possuía a ética da amabilidade. Nas suas viagens já ensaiava uma coisa que pareceu descoberta, era ele um intérprete de relações públicas no serviço dos seus caminhões.

Mas, que dizer: tinha lá sua quizilia de fazer entrega de cartas, que lhe davam aos montes, tanto para Fortaleza como para Mossoró. Ao chegar a essas cidades, passava no jardim (em Fortaleza, na Praça do Ferreiro, em Mossoró, na Rodolfo Fernandes), pegava uma pedra e botava o pacote de cartas debaixo, dizendo:

— Quem quiser que venha receber aqui...

* * *

No rumo do grande sertão, Jaime Mouro foi um dos primeiros iniciadores das viagens de caminhão, ligando Mossoró a Patu. Tinha sua estória a contar: ficava frio, quando na hora da partida, via chegar seu parente Joaquim Leão, que tinha fama de ser *o maior pé-frio do mundo*. Bastava sentar na boléia, e começava o desadouro: arriava um pneu, a bateria não funcionava e até o tanque da gasolina se furava. De uma feita, como o seu azar, Jaime deixou-o no caminho, próximo da estação ferroviária de Caraúbas. Correu e pegou o trem Houve um incêndio numa prancha carregada de algodão, explodindo um vagão cheio de latas de óleo... Dizem que Joaquim Leão resolveu prosseguir a cavalo, pernoitando em S. Sebastião, na casa de mestre Joaquim. De madrugada, mandou pegar o animal, que estava morto. Tinha sido mordido de cobra.

* * *

Em fim, o caminhão de Pau dos Ferros, de Sérvulo Marcelino, uma praça excelente, um sujeito levado do diabo. Brincalhão, alegre, contador de anedotas. A viagem no carro de "seu Servo" era um verdadeiro horror, pois nome feio, ali, não tinha lugar nem hora certa. O desbocamento, fazia corar uma figura de pedra.

De tempos a tempos, havia uma espécie de saneamento naquele linguajar desbragado.

É que D. Jaime, Bispo pobre, que não possuía automóvel, fazia muitas das suas peregrinações nas boléias dos caminhões. Quando sua viagem era a Pau dos Ferros mandava um seminarista avisar que o senhor Bispo precisava de um lugar.

Diante disso, o proprietário se desdobrava em atividades mandando limpar os vidros, reparar os assentos e até pintar a tabuleta do itinerário de novo. E começava outro sermão, este dirigido ao pessoal: olhe, seu Xandoca, amanhã, a viagem é de muito respeito, diga isso a esse canalha que vai em cima da carga, pois quem disser um nome feio, uma palavra imoral, você pega e joga no meio da estrada.

— Mesmo que seja muié, "seu Servo"? pergunta o ajudante, admirado daquela ordem.

— Seja lá o que for... responde o dono do veículo.

Madrugada alta, friorenta, o caminhão roncava, devorando a estrada do fio, da chapada do Apodi.

No meio de uma reta, ouve-se bater na cabine. Sinal de que se pedia parada. Sérvulo freia com violência, botou a cabeça pra fora, perguntou: Que é que há?

De cima da carga respondem: "seu Servo", é uma muié que *quer dá uma coisa... Pois eu quero, responde o motorista.*

Nessa altura, Sérvulo Marcelino, caindo em si, e insinuando um riso murcho, disse:

— Mas, meu Deus!... Me perdoe, Senhor Bispo!...

* * *

E como não podia deixar de ser, faço ligeiro registro com a relação dos motoristas que dirigiram os primeiros automóveis em Mossoró. Com o correr dos tempos, daqueles outros que numa já conhecida *era de progresso automobilístico,* possuíram carros empregados para viagens de passageiros entre cidades mais distantes, umas até de outros Estados.

A lista desses pioneiros até parece muito grande.

Mas, diga-se para começo de conversa que, *o primeiro dos habilitados em Mossoró* para dirigir um veículo (habilitação até certo ponto, precária) foi CHICO PENEMA.

Na verdade, devia ser um volante de escassas qualidades, com aquele *curso do aprender fazendo, do ver e imitar por força da intuição,* pois *aprendizado de outra ordem,* não tivera. Quando começou a dirigir o carro dos FERNANDES, de fabricação suissa, Chico Panema era um aventureiro profissional. O carro provido de corrente nas rodas, como as bicicletas, foi o primeiro que rodou pela cidade, e tamanha a sensação provocou que, o jornal da terra, noticiando o fato, escrevia: "O automóvel fez lindas exibições pelas ruas!"

A fábrica mandou um mecânico, ganhando vinte mil réis por dia para o período de experiência. Assim, só mais tarde, depois de observações, Chico Panema passou a comandar a viatura.

Mas, a sua falta de habilitação, talvez de sorte, estavam à vista.

Tanto assim que, numa viagem para o Apodi, esqueceu-se de botar água no radiador, e o motor pegou fogo...

A garagem do carro ficava num armazém de fundos da Rua Dr. Almeida Castro, fazendo frente para o largo, que seria depois, a Praça Coração de Jesus.

Quando o tempo foi passando, o automóvel foi retirado do local e aí instalou-se uma bodega de Chico Freire, que ficou batizado por *Chico Porta Larga,* velacho que passou da sua pessoa para seus descendentes.

Sem outra serventia, o automóvel dos Fernandes, desmantelado, enferrujado, foi levado para o Rio de Janeiro, na Chata Itamaracá.

* * *

Que me conste, a primeira garagem instalada em Mossoró, para reparo de automóveis, foi a de Antônio Paturi, no ponto onde mais tàrde funcionou uma torrefação de café de Chico Peregrino, o cearense da Serra de Meruoca. De outra parte, o primeiro remontador de capota, foi o sapateiro Manuel Arruda,

que parecia ter mãos de aço, pois retirava o aro de uma jante, sem utilizar qualquer ferramenta.

* * *

Por aqueles dias, um volante que deu prova de ser um grande corredor foi *Pedro Chofer*. *Contava-se* como uma das suas proezas, ter saído de Souza, na Paraíba, ao amanhecer do dia e antes das dez horas da noite, já estava dançando num baile no Tibau...

Mas, a fama é que faz a glorificação do mortal. E essa, em Mossoró, no mundo dos motoristas, pertence por inequívoca segurança do direito, ao chofer GATINHO. A história conta que, no dia 12 de junho de 1927, correndo pela estrada de Santana, pois não conhecia a do Mato Verde, nem a do Mirador, viajava no seu automóvel, o Coronel Antônio Gurgel ("Diário" publicado no livro LAMPIÃO EM MOSSORÓ — Raimundo Nonato). Por esse erro do caminho, o carro foi esbarrar no acampamento de Lampião, sendo logo apreendido. O Cel. Gurgel foi preso e o bandido tomou-lhe a carteira, o revólver e os óculos. Em seguida, saiu correndo e gritando: *prendi um coronelão*!... Esse cangaceiro era chamado de Coqueiro.

O motorista teve ordem de voltar a Mossoró, com o carro furado de balas. Nele vinha também um irmão de Antônio Gurgel com uma carta para o Prefeito, pedindo 400 contos de réis para não atacar a cidade.

* * *

E os outros?

Ah! desses que são muitos, poderei referir alguns nomes, de passagem, lembrando aqueles que, por algum fato se tornaram mais evidentes nos trabalhos da profissão, sempre árduos, por vezes, ingratos.

— Antônio Paturi, Fraga (que andava fardado, pois era chofer de "seu" Delfino Freire), Antônio Horácio, Deles (do automóvel de Chico Bernardo, que toda a tarde passava para o *Saco*, onde tinha uma fazenda), Homero Couto (capaz de achar graça, mesmo que estivesse mastigando pimenta), Toinho de Veveio (que parecia ter cem anos), Tatu, Hermínio

Caganeira, João Meia-Noite, Joaquim Relaxado e João Palangana, entre outros.

Em época mais recente, havia pelo menos, quatro proprietários, que dominavam a cidade.

Pelo tempo e antiguidade, vinha "seu" Raimundo Carapuça, morenaço calmo, alto, peitudo, com um vozeirão de bezouro mangangá, que andava gingando, com o passo do marujo no convés do navio. Aportara no lugar, vindo do Ceará com um velho chevrolet da cor de jerimum. Não tardou em fazer o "grupo das suas amizades", onde foi metendo a pua da sua simpatia, pois tinha jeito para tratar bem as pessoas que precisavam do seu carro. Fez seu "pé de meia", tocou fogo na sucata e comprou um bonito Plymouth, que mostrava com orgulho aos companheiros da praça, dizendo:

— Com este carro eu abafo até Fortaleza...

E não tardou em mudar-se para a terra alencarina.

Mas, curiosamente, todos os anos, na época da Festa da Padroeira, estava em Mossoró para pagar uma promessa.

De uma feita, deu uma violenta ripada no mastro da bandeira e arrastou-o por alguns metros.

Da sua calçada, Padre Mota comentava:

— Será que aquilo também faz parte da promessa do Carapuça?

Vicente Agostinho viajava sempre para Natal. Era o chofer da confiança de Lauro Monte. Nunca deu uma virada. Nunca sofreu um acidente. *Na minha despedida de Mossoró,* saí com ele para Natal. Três horas da madrugada, batia o velho relógio da casa de ROMÃO FILGUEIRA, meu vizinho de 10 anos.

O tempo escancarava as portas do ano de 1948!

Ismael Siqueira era outro tipo. Além de ônibus tinha um belo carro de praça. Era o motorista preferido pelos viajantes que faziam longas viagens pelo sertão. O *seu automóvel tem história real,* pois foi nele que, o comerciante Joaquim Duarte num ato de muita coragem, quase de atrevimento, que lhe podia ter custado muito caro, burlou a vigilância do Capitão Moura, e conduziu o industrial *Raimundo Juvino para um veraneio na "fortaleza" de Chico Sérgio, no Catolé do Rocha, na Paraíba.* O fato tem outros antecedentes: para atravessar a Barragem, que estava empiquetada, foi solicitado o concurso de Dix-Sept Rosado, que meteu "seu Raimundo" dentro da mala da sua barata conversível, entregando-o a Quinca Duarte,

do Outro Lado do Rio... Aí, Ismael Siqueira virou bala. Nem o diabo o pegaria. Extraordinária demonstração da solidariedade humana convocada na hora do sacrifício.

Mas os outros motoristas diziam que Ismael era uma desgraça na direção, pois não sabia livrar um catabí. Ainda assim, D. Jaime sempre o escolhia para uma das suas viagens, quando não utilizava o caminhão.

Pois mesmo com um passageiro tão ilustre, Ismael não mudava nada e na correria, quando avistava pela frente, uma depressão no terreno, só fazia gritar: agüenta que "Lá vem buraco senhor Bispo!..."

E ao encerrar destas notas, *a homenagem da estrada* ao grande volante ANDRÉ Pedro Fernandes — simplesmente ANDRÉ — o mais seguro dos motoristas e profissional de confiança, marcado pelo destino para sucumbir num terrível desastre quando dirigia seu automóvel, numa viagem entre Natal e Mossoró.

Fatalidade, deusa cega!...